Clerton Luiz Felix Barboza
Gilson Chicon Alves
Verônica Palmira Salme de Aragão
(Organizadores)

ESTUDOS EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

ASPECTOS SOCIAIS, FONÉTICO-FONOLÓGICOS E FILOSÓFICOS

Edições UERN

Clerton Luiz Felix Barboza
Gilson Chicon Alves
Verônica Palmira Salme de Aragão
(Organizadores)

ESTUDOS EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

ASPECTOS SOCIAIS, FONÉTICO-FONOLÓGICOS E FILOSÓFICOS

Edições UERN

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Reitora
Cicília Raquel Maia Leite
Vice-Reitor
Francisco Dantas de Medeiros Neto
Diretor da Editora Universitária da Uern – Eduern
Francisco Fabiano de Freitas Mendes
Chefe do Setor Executivo da Editora Universitária da Uern - Eduern
Jacimária Fonseca de Medeiros
Chefe do Setor de Editoração da Editora Universitária da Uern - Eduern
Emanuela Carla Medeiros de Queiros

Conselho Editorial da Edições UERN
Edmar Peixoto de Lima
Filipe da Silva Peixoto
Francisco Fabiano de Freitas Mendes
Isabela Pinheiro Cavalcanti Lima
Jacimária Fonseca de Medeiros
José Elesbão de Almeida
Maria José Costa Fernandes
Maura Vanessa Silva Sobreira
Kalidia Felipe de Lima Costa
Regina Célia Pereira Marques
Rosa Maria Rodrigues Lopes
Saulo Gomes Batista

Catalogação da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Estudos em Ciências da Linguagem: aspectos sociais, fonético-fonológicos e filosóficos [recurso eletrônico]. /
Clerton Luiz Felix Barboza, Gilson Chicon Alves, Verônica Palmira Salme de Aragão (orgs.). – Mossoró, RN: Edições UERN, 2023.

287 p.

ISBN: 978-85-7621-434-2 (E-book).

1. Linguística. 2. Teoria e Análise Linguística. 3. Letras e Artes. I. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. II. Título.

UERN/BC 410 CDD

Bibliotecário: Aline Karoline da Silva Araújo CRB 15 / 783

Arte da Capa
Moisés Batista da Silva

Diagramação
Clerton Luiz Felix Barboza

Pareceristas e Revisores
Alexandre Bezerra Alves
Clerton Luiz Felix Barboza
Emílio Soares Ribeiro
Moisés Batista da Silva

A Parábola dos Trabalhadores na Vinha

Pois o Reino dos céus é como um proprietário que saiu de manhã cedo para contratar trabalhadores para a sua vinha. Ele combinou pagar-lhes um denário pelo dia e mandou-os para a sua vinha. Por volta das nove horas da manhã, ele saiu e viu outros que estavam desocupados na praça, e lhes disse: 'Vão também trabalhar na vinha, e eu lhes pagarei o que for justo'. E eles foram. Saindo outra vez, por volta do meio-dia e das três horas da tarde, fez a mesma coisa. Saindo por volta das cinco horas da tarde, encontrou ainda outros que estavam desocupados e lhes perguntou: 'Por que vocês estiveram aqui desocupados o dia todo?' 'Porque ninguém nos contratou', responderam eles. Ele lhes disse: 'Vão vocês também trabalhar na vinha'. Ao cair da tarde, o dono da vinha disse a seu

administrador: ‘Chame os trabalhadores e pague-lhes o salário, começando com os últimos contratados e terminando nos primeiros’. Vieram os trabalhadores contratados por volta das cinco horas da tarde, e cada um recebeu um denário. Quando vieram os que tinham sido contratados primeiro, esperavam receber mais. Mas cada um deles também recebeu um denário. Quando o receberam, começaram a se queixar do proprietário da vinha, dizendo-lhe: ‘Estes homens contratados por último trabalharam apenas uma hora, e o senhor os igualou a nós, que suportamos o peso do trabalho e o calor do dia’. Mas ele respondeu a um deles: ‘Amigo, não estou sendo injusto com você. Você não concordou em trabalhar por um denário? Receba o que é seu e vá. Eu quero dar ao que foi contratado por último o mesmo que lhe dei. Não tenho o direito de fazer o que quero com o meu dinheiro? Ou você está com inveja porque sou generoso?’ Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos. Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos. (Mt 20, 1-16)

Sumário

APRESENTAÇÃO (p. 9-18)

PARTE I – ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM: ASPECTOS SOCIAIS

CAPÍTULO 1 – Aspectos perceptivos em enunciados dos cegos de Campina Grande – PB (p. 22-43)
Gessika Demétrio de Alcântara
Cid Ivan da Costa Carvalho

CAPÍTULO 2 – Sociolinguística: o estudo da linguagem considerando os aspectos divergentes na construção da sociedade (p. 45-65)
Carlos Matheus da Silva Meneses
Gilson Chicon Alves

PARTE II – ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM: ASPECTOS GRAFOFÔNICOS, FONÉTICOS E PROSÓDICOS

CAPÍTULO 3 – As acentuações gráficas nas rimas do poema "A avó do menino", de Cecília Meireles: uma proposta didática (p. 68-91)
Andréia Maria Pereira Costa e Silva

Verônica Palmira Salme de Aragão

CAPÍTULO 4 – A realização das vibrantes, sob o olhar da fonologia de uso e do modelo de exemplares, por professores potiguares de espanhol (p. 93-125)
José Rodrigues de Mesquita Neto
Clerton Luiz Felix Barboza

CAPÍTULO 5 – Interfonologia rótica por aprendizes brasileiros de inglês língua adicional (p. 127-161)
Miriam Gurgel da Silva
Clerton Luiz Felix Barboza

CAPÍTULO 6 – Análise dos aspectos entoacionais em enunciados da fala potiguar (p. 163-185)
Vitória Maria Albuquerque Silva
Larissa Batista de Paiva
Cid Ivan da Costa Carvalho

PARTE III – ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM: ASPECTOS PRAGMÁTICOS E FILOSÓFICOS

CAPÍTULO 7 – Análise dos atos de fala em *I have a dream* de Martin Luther King: uma análise baseada na pragmática (p. 189-216)
Camila Petrochely Borges Mendonça
Pedro Adrião da Silva Júnior

CAPÍTULO 8 – Atos de fala e intenção na série *You*: um olhar sobre a gramática do design visual (p. 218-241)
Yanchê Wanoll Silva
Pedro Adrião da Silva Júnior

CAPÍTULO 9 – Incursões sobre a semântica milliana: nomes próprios e descrições definidas (p. 243-276)
Josailton Fernandes de Mendonça

SOBRE OS AUTORES (p. 279-287)

Retornar ao Sumário

Apresentação

O Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), tem a satisfação de apresentar uma coletânea de artigos científicos, intitulada **Estudos em Ciências da Linguagem: aspectos socias, fonético-fonológicos e filosóficos**. A obra agrupa pesquisas realizadas por docentes e discentes desse Programa, as quais são fomentadas pela pesquisa acadêmica, pela cultura do debate e aprofundamento dos conhecimentos, relativos às linhas de pesquisa "**Estrutura e funcionamento da linguagem**", "**Linguagens e práticas sociais**" e "**Literatura, cultura e representação**", ofertadas pelo Programa, sendo as duas últimas publicadas em uma coletânea distinta. Os textos resultam dos trabalhos de conclusão das disciplinas ministradas por docentes ao longo do Curso de Mestrado Acadêmico em Ciências da Linguagem, bem como das pesquisas associadas à fazedura das dissertações.

O PPCL dispõe ao alunado a oportunidade de aprofundar o conhecimento ventilado durante a ministração de cada disciplina, através de perquirições sobre os temas abordados, as quais culminam na

realização de artigos. De igual modo, a produção acadêmica também é desenvolvida e amadurecida no âmbito de cada pesquisa em andamento nesse Programa, em que discentes recebem orientação acerca dos fundamentos da teoria à qual seu trabalho se filia.

Da parceria entre a experiência do corpo docente e o espírito perscrutador discente engajado no seu próprio incremento intelectual, nascem coletâneas como esta que estamos apresentando. Portanto, o leitor desta obra recebe um produto que reflete o desejo de ampliar a compreensão acerca da estrutura e do funcionamento da linguagem, nosso objeto de estudo.

Assim sendo, para fins didáticos, dividimos este livro em três partes, a saber: a **primeira**, intitulada ***Estrutura e Funcionamento da Linguagem: Aspectos Sociais***; a **segunda**, que é chamada de ***Estrutura e Funcionamento da Linguagem: aspectos grafofônicos***, ***fonéticos e prosódicos***; e a **terceira**, ***Estrutura e Funcionamento da Linguagem: aspectos pragmáticos e filosóficos.***

A **primeira parte** é composta pelos dois primeiros capítulos, os quais enfatizam os aspectos sociais dos fenômenos linguísticos investigados. O primeiro capítulo se chama **Aspectos Perceptivos em Enunciados dos Cegos de Campina Grande - PB**, da autoria de Gessika Demétrio de Alcântara e Cid Ivan da Costa Carvalho. Esses autores apresentam, com muita maestria, os resultados de uma investigação introdutória

acerca da percepção que alunos cegos têm de enunciados orais, produzidos por sujeitos que possuem visão 'convencional' de diversas partes do país.

A pesquisa salienta o fato de vivermos em uma época em que a sociedade supervaloriza os aspectos visuais quer seja na vida acadêmica, quer no trabalho profissional diário, quer nas atividades mais corriqueiras que desempenhamos ao interagirmos com nossos semelhantes. Assim sendo, uma boa parte dos significados dos enunciados que produzimos e percebemos são formados pela combinação de elementos visuais. A sociedade moderna valoriza-os, por entender que esses veiculam informações com maior rapidez e poder de argumentação.

Mas, o que dizer das pessoas que não enxergam e, portanto, ficam desprovidas do acesso aos recursos visuais? Partindo dessa pergunta, os autores questionam qual a percepção que estudantes cegos têm da língua, e também da variedade linguística existente nos diversos enunciados produzidos pelos falantes de diferentes regiões onde o português brasileiro é falado.

Essa pesquisa envolve estudantes cegos da Universidade Federal de Campina Grande e do Instituto de Cegos dessa mesma cidade. É norteada principalmente pela teoria defendida por Vygotsky sobre a compensação dos sentidos no uso da linguagem – se um indivíduo não enxerga, por exemplo, ele vai procurar desenvolver de forma mais aguda o sentido da

audição, para compensar a falta da visão; e pela Teoria da Variação, tal como postulada por William Labov, a qual afirma que a língua é heterogênea e, portanto, passível de variação.

O **segundo capítulo**, intitulado **Sociolinguística: O Estudo da Linguagem Considerando os Aspectos Divergentes na Construção da Sociedade**, é de autoria de Carlos Matheus da Silva Meneses e Gilson Chicon Alves. Nesse trabalho, os autores apresentam uma visão panorâmica sobre a Sociolinguística, expondo seu objeto de estudo, pressupostos teóricos e suas vertentes – Sociolinguística laboviana ou quantitativa e Sociolinguística Interacionista.

A Sociolinguística quantitativa abrange o aparato teórico-metodológico conhecido como Teoria da Variação Linguística, segundo o qual a heterogeneidade da língua é passível de ser estratificada em fatores linguísticos e extralinguísticos. Seu objeto de estudo é a língua vernácula, inserida em uma comunidade de fala entre falantes reais. A língua vernácula é a gramática própria de um sujeito que pertence a uma dada comunidade, caracterizada pela escolha de certas variáveis, em detrimento de outras.

Essas variáveis, por sua vez, são compostas por variantes, que utilizam armas em uma competição na qual uma(s) vai(ão) se firmar e outra(s) vai(ão) sair do sistema linguístico. Cabe à Sociolinguística investigar quais os fatores que determinam as escolhas feitas e, para

isso, faz generalizações resultantes de levantamentos estatísticos dos dados coletados na comunidade.

Quanto à Sociolinguística Interacionista, por sua vez, não faz levantamentos estatísticos, mas sim estudos qualitativos, em que procura investigar o comportamento linguístico dos indivíduos numa situação de comunicação, procurando compreender em que contexto a produção dos enunciados se dá.

A **segunda parte** deste livro abrange os capítulos três, quatro, cinco e seis, descritos a seguir. O **terceiro capítulo** é intitulado **As Acentuações Gráficas nas Rimas do Poema "A Avó do Menino", de Cecília Meireles: Uma Proposta Didática**; de autoria de Andreia Maria Pereira Costa e Silva e Verônica Palmira Salme de Aragão. Trata-se de um trabalho que apresenta múltiplos aspectos relacionados ao ensino da língua oral e da escrita, com interface nos estudos fonético e fonológicos. Ele oferece uma descrição do emprego das sílabas tônicas, com base no poema de Cecília Meireles "A Avó do Menino", em que a poeta 'brinca' com a acentuação de palavras.

Um outro aspecto é que as autoras magistralmente apresentam a grande vantagem de utilizar o método de ensino comparativo entre a língua oral e escrita, e suas relações com outros fenômenos linguísticos – como as classes de palavras e a ortografia – por meio de uma obra literária, proporcionando, assim, uma lição de letramento tão necessário para nossos

estudantes do Ensino Fundamental. Portanto, esse modelo de ensino é muito bem-vindo aos professores de língua materna do ensino básico devido à sua natureza dinâmica, lúdica e divertida, a qual consegue captar a atenção dos aprendizes e facilitar o aprendizado do tema proposto.

O **quarto capítulo**, intitulado **A Realização das Vibrantes, Sob o Olhar da Fonologia de Uso e do Modelo de Exemplares, Por Professores Potiguares de Espanhol**, é de autoria de José Rodrigues de Mesquita Neto e Clerton Luiz Felix Barboza. Esse trabalho tem por objetivo analisar a realização das vibrantes, por professores de Língua Espanhola do Rio Grande do Norte. O resultado dessa pesquisa oferece uma informação valiosa aos estudiosos do uso dos róticos na Interfonologia do Português Brasileiro e Espanhol Língua Estrangeira.

O trabalho é norteado pela Fonologia de Uso tal como postulada por Bybee, segundo a qual os níveis fonético e fonológico devem ser analisados conjuntamente – logo, diferenciando-se dos modelos tradicionais, que separam esses dois níveis. A segunda teoria utilizada nesse trabalho é a do Modelo de Exemplares, tal como idealizada pelos autores Johnson e Mullenix e Pierrehumbert, para os quais é imprescindível em uma análise considerar o detalhe fonético na representação mental.

O **quinto capítulo** é intitulado **Interfonologia Rótica Por Aprendizes Brasileiros de Inglês Língua Adicional**, de autoria de Miriam Gurgel da Silva e Clerton Luiz Felix Barboza. Esse trabalho tem por objetivo analisar o comportamento interfonológico do rótico como realizado por aprendizes brasileiros de Inglês Língua Adicional, em Mossoró-RN.

A pesquisa é norteada por três modelos teóricos, a saber: os Sistemas Adaptativos Complexos, teoria postulada por Larsen-Freeman, Beckner, De Bot, entre outros; a Fonologia de Uso tal como idealizada por Bybee, segundo a qual os níveis fonético e fonológico devem ser analisados conjuntamente; e a teoria do Modelo de Exemplares, tal como defendida pelos autores Johnson e Mullenix e Pierrehumbert, para os quais é imprescindível, em uma análise, considerar o detalhe fonético na representação mental.

A metodologia empregada na pesquisa é a quase-experimental, sendo o *corpus* formado por dados de 20 informantes, os quais foram divididos em dois grupos. A coleta desses dados foi feita por meio de gravação de áudio, em que os informantes leram as 24 palavras-alvo agrupadas em seis contextos em que há previsão de ocorrência do rótico na língua inglesa.

O **sexto capítulo**, intitulado **Análise dos Aspectos Entoacionais em Enunciados da Fala Potiguar**, foi escrito pelos autores Vitória Maria Albuquerque Silva, Larissa Batista de Paiva e Cid Ivan da Costa Carvalho.

Trata-se de uma pesquisa experimental, em que é analisada a entoação em enunciados do tipo questões absolutas paroxítonas.

Esse trabalho oferece uma grande contribuição aos estudiosos da Prosódia, mais particularmente da entoação, tendo em vista ser o primeiro nessa área a apresentar dados da região Oeste do Rio Grande do Norte. Os dados foram retirados do *Corpus* C-POTI, pertencente ao arquivo do Grupo de Estudos em Linguística Computacional, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido; os sujeitos colaboradores são naturais das cidades de Apodi, Patu e Caraúbas.

Além de registrar as características entoacionais dessa região, o presente estudo também oferece uma valiosa contribuição aos pesquisadores de outras regiões, oferecendo-lhes dados para fins de comparação entre os diversos falares do Português Brasileiro.

A **terceira e última** parte deste livro abrange os capítulos sete, oito e nove. **O sétimo capítulo**, intitulado **Análise dos Atos de Fala em *I Have A Dream* de Martin Luther King: Uma Análise Baseada na Pragmática**, é de autoria de Camila Petrochely Borges Mendonça e Pedro Adrião da Silva Júnior. Esse estudo, norteado principalmente pelos precursores Austin e Searle, oferece uma grande contribuição ao leitor por apresentar um levantamento que considera a classificação, descrição e análise dos atos de fala, presentes no texto

adaptado *I Have a Dream*, de um livro de ensino de língua inglesa.

O leitor tem ao seu dispor uma visão de como a frequência dos atos assertivos, diretivos, comissivos, expressivos e declarativos influencia as posições que os locutores e interlocutores assumem no diálogo e o reconhecimento de suas intenções.

O **capítulo oito**, intitulado **Atos de Fala e Intenção na Série *You*: Um Olhar sob a Gramática do Design Visual**, é da autoria de Yanchê Wanoll Silva e Pedro Adrião da Silva Júnior. Com esse trabalho, os autores oferecem ao leitor uma excelente visão acerca da contribuição que um estudo que una os aspectos pragmáticos e a Gramática do Design Visual (GDV) pode disponibilizar aos pesquisadores do funcionamento da linguagem.

O artigo pode surpreender o leitor, ao defender corajosamente que os atos de fala propostos pelos teóricos Austin e Searle nem sempre conseguem compreender a totalidade das intenções comunicativas, tendo em vista que o homem moderno não utiliza apenas a linguagem verbal para se expressar, mas ele lança mão de uma gama de recursos visuais que dizem tanto quanto ou mais do que os atos de fala; dessa forma, a lacuna que a teoria dos atos de fala não consegue preencher é complementada com a adoção dos pressupostos teóricos da GDV, idealizada por Kress e van Leeuwen, a qual apregoa o papel dos recursos

multimodais na construção dos significados na comunicação.

O nono capítulo, intitulado **Incursões sobre a Semântica Milliana: Nomes Próprios e Descrições Definidas**, é da autoria de Josailton Fernandes de Mendonça. Nesse artigo, o leitor encontra uma vigorosa explanação dos problemas teóricos de três abordagens filosóficas acerca do valor semântico dos nomes próprios: o millianismo – que materializa as ideias postuladas por John Stuart Mill –, o fregeanismo – fundamentado nas ideias de Friedrich Ludwig Gottlob Frege –, e Saul Kripke – defensor da teoria causal dos nomes.

Sendo assim, a coletânea **Estudos em Ciências da Linguagem,** do PPCL cumpre o seu papel de divulgar pesquisas atuais, em diversas áreas de estudos da língua, do enunciado e dos atos de fala, bem como voltadas para o ensino. É com prazer que propalamos os novos estudos científicos com o intuito de promover pesquisas problematizadoras dos conhecimentos relativos à linguagem, tendo em vista os contextos reais de uso e as práticas sociais ligadas a ela.

Gilson Chicon Alves
Verônica Palmira Salme de Aragão

Retornar ao Sumário

PARTE I

ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM:

ASPECTOS SOCIAIS

Capítulo 1

ASPECTOS PERCEPTIVOS EM ENUNCIADOS DOS CEGOS DE CAMPINA GRANDE – PB

Géssika Demétrio de Alcântara
Cid Ivan da Costa Carvalho

#Língua
#Cegos
#Percepção
#Enunciado
#Sociolinguística

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Embora as discussões acerca da inclusão das pessoas com algum tipo de deficiência tenham crescido, atualmente, consideramos que a inclusão efetiva tem residido sobretudo no campo das teorias, na prática, sua atuação ocorre lentamente desde a base educacional até o ensino superior. No que se refere aos sujeitos declarados cegos, há apenas 2.598 alunos inclusos no ambiente acadêmico, segundo o último levantamento feito pelo INEP (2020). Para esses alunos, há estratégias de ensino e recursos tecnológicos que favorecem a sua aprendizagem e compreensão da língua, como o sistema braille de escrita, audiodescrição e as tecnologias assistivas. Reconhecendo tais particularidades, já que vivemos em uma sociedade estimulada aos aspectos visuais, nos indagamos, as Pessoas Cegas que ingressam no universo acadêmico têm a mesma percepção linguística que as videntes? (O termo é usado para fazer referência às pessoas que enxergam convencionalmente). Como se dá o processo de compreensão das variações linguísticas desses estudantes? Levando em consideração questões como essas, pretendemos observar a percepção que os estudantes cegos de Campina Grande, na Paraíba têm da língua e de respectivas diversidades enunciativas.

A partir desses questionamentos, apresentamos alguns estudos da língua e de suas variações que são

discutidos por Labov (2008), Freitag (2016) entre outros. No que se refere aos estudos e pesquisas envolvendo a consciência e apreensão a respeito da língua especificamente das PC (O termo é usado para fazer referência às pessoas cegas) para embasar nossas discussões, até o momento, são escassas. Sendo assim, consideramos as pontuações de Vygotsky (1997) quanto à aquisição da linguagem e da compensação que o sujeito terá da mesma na ausência de algum dos 5 sentidos, ou seja, de acordo com o autor, no caso dos cegos a audição tende a ser mais aguçada para compensar a ausência da visão. A respeito da interação e comunicação social para que entendamos os processos de apreensão e compreensão linguística desses sujeitos sem a visão convencional, nos baseamos nos escritos de Rabello e Passos (2013).

A partir de tais leituras, apresentamos uma breve revisão de literatura, na qual investigará, a partir da sociolinguística a percepção que os discentes cegos da Universidade Federal de Campina Grande e do Instituto dos Cegos de Campina Grande tem de enunciados orais produzidos por indivíduos de diversas regiões do país.

Nessa perspectiva, as discussões apresentadas são um instrumento importante para a expansão de estudos que descrevem, conceituam ou apresentem observações da percepção da língua das PCs. Assim, neste capítulo, apresentaremos uma visão geral a respeito da percepção da língua, de acordo com Labov, como também a

percepção que os cegos tem da mesma e estudos que buscam descrever como funciona o aprendizado linguístico desses sujeitos.

2 CONSIDERAÇÕES ENUNCIATIVAS LABOVIANAS

Bem sabemos que a língua é o meio de comunicação entre os indivíduos capaz de transpor particularidades a nível individual, a nível de comunidade local e social com informações da atualidade e também de períodos passados. Considerando a linguagem escrita podemos conferir seus registros e observar a evolução, transformação da língua e cultura expressa por meio do código linguístico. Conforme, afirma Ximenes (2021, p.2)

> A escrita é também uma forma de preservação da memória histórica e cultural de gerações, prática essa que influencia na vida cotidiana do ser humano em suas ações rotineiras, dentre muitas outras funções. (XIMENES, 2021, p. 2)

Em contrapartida, levando em consideração a língua oral, podemos também obter as informações mencionadas anteriormente, no entanto, o benefício nas informações linguísticas, nesse formato da língua, se dá

ao fato da espontaneidade presente na oralidade. Por intermédio da espontaneidade na fala, observamos particularidades quanto ao tom da voz e as variações de acordo com a localidade, idade, grupo social, entre outros aspectos.

Pensando sobre esse ponto de não só estrutural, como comunicativo/ interativo da língua refletindo na atuação social dos falantes, Labov (2008) busca justamente observar a estruturação e evolução linguística junto aos parâmetros sociais, de modo a observar que eles se relacionam, pois é perceptível uma mudança na linguagem dos falantes de acordo com o contexto em que estão inseridos. Exemplificando o conceito do autor podemos citar sua pesquisa percursora nos estudos sociolinguistas no ano de 1963, na ilha de Martha´s Vineyard, no litoral de Massachussetts. Seu objetivo era mostrar que os fatores sociais têm relevância nas transformações linguísticas. Para isso ele relacionou aspectos como a idade, ocupação, sexo e etnia dos moradores da ilha, de modo que observou que embora fizessem parte da mesma localidade o uso da língua era homogêneo ou seja havia variações na fala levando em consideração aos aspectos analisados.

Considerando esses aspectos variantes é válido comentar que eles acabam ocorrendo em fatores linguísticos tanto internos como externos. Conforme aponta Bagno (2007, p. 39)

> No que se refere ao nível fonético fonológico o autor cita as possíveis pronúncias para o R da palavra porta no português brasileiro; no nível morfológico apresenta a alternância entre os sufixos das formas pegajoso e peguento para expressar o mesmo conceito; no nível sintático traz as diversas possibilidades das construções relativas como em "uma história que ninguém prevê o final/ uma história que ninguém prevê o final dela/ uma história cujo final ninguém prevê; (BAGNO, 2007, p. 39)

Assim, reforçando a concepção da língua como um objeto social não homogêneo, pois ela se apresenta em diversidade no seu sistema de acordo com o tempo, local e falantes. Segundo Tarallo (2002) quando se refere às distintas maneiras de se dizer a mesma coisa essa diversidade é chamada de variante linguística e ao conjunto dessas variantes chamamos de variável. São elas que acabam demonstrando indícios particulares de nossa nacionalidade/naturalidade, a nossa cultura, idade, muitas vezes nível de escolarização e classe social. Pensando nisso, os estudos sociolinguísticos pretendem investigar quais os mecanismos que regulam a variação, como ela interage com os outros elementos do sistema linguístico e também da matriz social em que ocorre e como que ela pode levar à mudança na língua. (COELHO, 2010, p. 26) já que, de acordo com Labov

(2008) para uma melhor compreensão sobre tais fenômenos é preciso descrever como essas variantes manifestadas na língua estão sendo usadas de acordo com a comunidade investigada, pois embora elas exponham um referencial semelhante, elas podem apresentar significados sociais divergentes.

Nas últimas décadas, a Sociolinguística, de base variacionista, tem sido muito produtiva em suas pesquisas sobre as variações linguísticas e suas práticas nas diversas comunidades sociais. No Brasil, os estudos sociolinguísticos contribuem significativamente para o entendimento acerca do funcionamento da língua, em situações reais de uso, proporcionando o desvelamento sobre o que venha a ser uma única língua do Português brasileiro.

Nos estudos sobre a variação linguística no Brasil é, quase, consenso que as diferenças internas ao português brasileiro (doravante PB) acontecem mais a nível social que no âmbito geográfico. O PB figura como uma única língua, com a qual os falantes estão diariamente em contato, todavia, devido à extensão territorial de nosso país, deparamo-nos com regiões fronteiriças nas quais o PB entra em contato com o espanhol e com variedades do português faladas no exterior, internamente, temos as regiões de contato com as línguas indígenas remanescentes. Em termos de regiões, as diferenças prosódicas do PB são nítidas e

todos esses fatores são, ao mesmo tempo, origem e resultado para a variação linguística.

Nesse sentido, a sociolinguística da produção tem contribuído sobremaneira para a configuração do PB, através de descrições de fenômenos variáveis em nível linguístico e em diferentes estratos socioeconômicos e regiões sociais. Pesquisas elaboradas sob esse prisma teórico possibilitam a identificação dos contextos de surgimento das novas formas linguísticas, dos fatores estruturantes condicionadores de mudança, além de promoveram direcionamentos acerca da conscientização social desses fenômenos (FREITAG *et al*., 2016).

Todavia, o dinamismo da variação linguística reflete tanto as diferenças sociais como também as condições e posições dos falantes inseridos na sociedade, o que possibilita a construção e reconstrução do mundo ao seu redor. Dessa forma, percebemos que nem sempre os significados sociais das variantes coincidem com aqueles estabelecidos pelo senso comum, o que incorre na estigmatização de uma ou outra variante, sendo alguns usos considerados "corretos" ou "mais prestigiados" frente à sociedade.

Assim, não é suficiente saber como o brasileiro fala, faz-se necessário entender como o brasileiro acha que fala, para, então, alcançarmos o entendimento sobre as crenças e valores que permeia as variações linguísticas, "refletir sobre como as representações sobre a língua e variedades faladas produzem efeitos, também,

sobre rótulos como 'brasilidade', 'regionalidade' linguística e 'dialetos'" (FREITAG *et al*., 2016, p. 65).

Oushiro (2015a) explica-nos que as análises de correlação entre uma determinada variação, a exemplo da concordância nominal no PB ou variáveis sociolinguísticas, tais como sexo/gênero, são, em muitos casos, empreendidas sem considerar que os efeitos variacionais estejam atrelados entre si. Com isso, especificidades, potencialmente divergentes, tendem a não serem investigadas dentro de uma mesma comunidade quando se aplicam análises globais.

De maneira geral, os estudos sociolinguísticos partem de um dos três conceitos de grupos sociais: *comunidade de práticas*, *rede social* e *comunidades de fala*. Esses não são excludentes entre si e a definição de um deles delineia o curso do estudo a ser elaborado, dado que definirá os métodos de coleta de dados e das análises. Por *comunidade de prática*, entendemo-la como uma definição que abrange, por um lado, a experiência subjetiva e, por outro lado, a construção ativa, pelos membros integrantes de certa comunidade, das fronteiras com as demais comunidades com as quais interage.

De modo distinto das comunidades de fala ou das redes sociais, a inserção em uma *comunidade de práticas* é um ato consciente, pois a língua e a variação linguística, nesse entendimento, são tidas como práticas sociais e os falantes compreendidos enquanto agentes da variação e

da mudança linguística. Logo, ocorre um distanciamento das macrocategorias sociais como classe socioeconômica, por exemplo, que nem sempre são representativas dos grupos menores com os quais os falantes interagem em seu dia a dia.

Por sua vez, as pesquisas realizadas sob a perspectiva da análise de *redes sociais* são mais abrangentes, pois uma rede pode ser concebida como os elos que interligam todos os membros da sociedade, por mais distanciadas que sejam as interações. Nesse cenário, podemos conjecturar laços de níveis distintos, quantos forem necessários, entretanto, é comum dentre os estudos ter em consideração os elos de primeira ordem, por meio da análise da fala dos sujeitos com os quais o indivíduo se inter-relaciona mais diretamente.

Segundo Oushiro (2015b), essas relações podem formar "redes 'multiplexas' quando são fortes e densas, mantidas entre diversos membros dessa estrutura" (OUSHIRO, 2015b, p. 18) ou, ainda, "ser 'uniplexas', quando a ligação entre os indivíduos existe primariamente por intermédio do âncora" (OUSHIRO, 2015b, p. 18). Mesmo se tratando de um modelo ideal de análise, a categoria é válida podendo ser aplicada nas pesquisas sobre a interpretação linguística percebidas em comunidades distintas, visto que existe a propensão, por parte dos integrantes de uma rede social, com laços fortes, em manter as normas linguísticas locais, bem como a resistir às mudanças.

Por seu turno, o conceito de *comunidade de fala* é mais abrangente e abstrato, como também o mais antigo. Dois aspectos incidem sobre sua concepção: a uniformidade da fala e a possibilidade de identificação de um grupo de falantes que partilham a mesma língua (OUSHIRO, 2015b). Dentre as várias vertentes sobre o que seja uma *comunidade de fala*, destacamos a postulada por Labov (2006 [1996); 2008 [1972]) por ter sido a mais impactante nos estudos variacionista. Para o autor, uma *comunidade de fala* é percebida pela sua participação num dado conjunto de normas compartilhadas, observáveis através dos comportamentos avaliativos explícitos e pela uniformidade de padrões abstratos, invariáveis no que concerne aos níveis particulares de uso (LABOV, 2008 [1972]).

De acordo com os postulados labovianos, os critérios para apreendermos o que é uma *comunidade de fala* são o compartilhamento de normas, mesmo que de modo inconsciente, já que não estão limitadas a avaliações individuais, e a uniformidade linguística. Salientamos que uniformidade não implica homogeneidade, ao contrário, a contingência é o que viabiliza a heterogeneidade estruturada, através do uso variável e sistemático das diversas variações linguísticas.

Ainda no âmbito dos estudos sociolinguísticos, convém destacarmos uma outra distinção conceitual, a saber: a diferença entre *avaliação*, *percepção* e *produção*. A *avaliação* linguística é utilizada para referenciar o

discurso metalinguístico dos falantes sobre as variantes, o que configura um objeto de estudo em si. Já a *recepção* linguística relaciona-se com as inferências feitas pelos usuários de uma dada língua quando ouve outro usuário falando. Estas deduções podem ou não ser conscientes e, por isso, podem não se estabelecerem como um objeto de comentário metalinguístico. Por fim, a *produção* linguística distingue-se das anteriores, já que o que é dito ou as reações ao a certas variações podem não ser condizentes com os usos habituais (OUSHIRO, 2015a).

Isto posto, observamos que a recepção linguística se encontra mais voltada para os fatores sociais e as inferências realizadas pelos falantes numa dada situação de fala/escuta. Dessa maneira, o julgamento do ouvinte, no momento mesmo em que relaciona os aspectos sociais com os traços linguísticos, gera um padrão de consciência social na comunidade.

3 PERCEPÇÃO LINGUÍSTICA DAS PESSOAS CEGAS

Após as observações de estudos referentes às impressões da língua portuguesa expostas anteriormente, estamos cientes das diversas variações de acordo com aspectos sociais, de gênero, local, etc. Seguindo essa perspectiva das variações e focando na apreensão da língua dos sujeitos cegos, podemos levar em conta as considerações de Vygotsky (1997) que

destacava a relevância da aquisição de conhecimentos e da linguagem através aspecto social, já que

> Para o teórico, o sujeito é interativo, pois adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio, a partir de um processo denominado mediação. (RABELLO; PASSOS, 2009, p. 3)

Se tratando da apreensão e percepção da língua, dos cegos, podemos dizer que ocorrerão através da interação de um indivíduo com os demais ou seja decorre em conjunto ou em pares em constante negociação e mediação para que a comunicação seja realizada, levando em conta que "A comunicação é uma espécie de função básica porque permite a interação social e, ao mesmo tempo, organiza o pensamento." (RABELLO; PASSOS, 2009, p. 8) Partindo desse pressuposto comunicativo vimos que mesmo na ausência da visão, através da oralidade as PC comunicam-se igualmente como os videntes, já que fala é o intermédio comunicativo tanto entre cegos e videntes, como somente entre pessoas cegas. É válido comentar que na escrita, há a alteração na comunicação, pois os signos linguísticos do alfabeto serão transcritos através do Braille que é o sistema de escrita tátil para que os cegos escrevam utilizando pontos em relevo.

Concordando com esse ponto de vista dialógico do processo de interação exposto por Vygotsky (1997), no qual um sujeito necessita de outro para a construção, compreensão e utilização do significado da linguagem, a proposta sociolinguística da língua pode desenvolver algumas competências nos sujeitos cegos, segundo as considerações de MARCUSCHI (2008, p. 65)

> a) a língua se manifesta plenamente no seu funcionamento na vida diária, seja em textos triviais do cotidiano ou prestigiosos e canônicos que persistem na tradição cultural;
> b) o uso da língua se dá em eventos discursivos situados sociocognitivamente e não em unidades isoladas; [...]
> e) entre os fenômenos relevantes comandados pelo funcionamento da língua estão as relações interfrásticas que não se esgotam nem se esclarecem no âmbito da frase; por exemplo: as sequências conectivas, as sequências anafóricas, as elipses, as repetições, o uso dos artigos etc.; (MARCUSCHI, 2008, p. 65).

Confirmando, assim, o entendimento do uso da língua comum aos sujeitos cegos e videntes, no qual há a observação das variações linguísticas como ação dos indivíduos a serviço da comunicação em situações de

atuação social e por meio das práticas discursivas, através da relação de um falante mais experiente com o menos experiente e vice e versa. Desse modo, é perceptível também que essas relações proporcionam oportunidades de interações acessíveis ao seu contexto linguístico vigente, levando em consideração a troca de significados e conhecimentos de ambos os envolvidos. Pensando nesses movimentos interativos relevantes na comunicação, vale compreender como funciona o processo de aquisição linguística da PC (doravante pessoa cega).

4 AQUISIÇÃO LINGUÍSTICA DOS CEGOS

A aquisição da língua é um assunto discutido e rediscutido a todo o momento, pois ela está em constante transformação e é componente de nossa identidade. Pensando nisso, observamos diversas teorias a fim de explicar como se dá o processo da aquisição linguística, como por exemplo, os estudos Behavioristas que compreendem a língua como inata ao ser humano e o sociointeracionismo, no qual discute o desenvolvimento da língua enfatizando que ocorre através do meio externo com as mediações das relações sociais em que o indivíduo está inserido. Independente da concepção teórica referente à aquisição da língua constatamos que somos constituídos e influenciados por ela em todos os

ambientes de convivência em sociedade, já que através dela podemos interagir expondo, manifestando e defendendo nosso ponto de vista e interesse. Por ser nosso meio de comunicação, de acordo com Rabello e Passos (2009) ela é o exercício básico de nossa troca de pensamentos e experiências com os demais sujeitos e o mundo.

Levando em consideração tais observações, ao mesmo tempo que a língua é singular a cada sujeito que irá usá-la para se comunicar, ela também é plural, pois seus falantes pertencem a grupos diferentes, têm faixa etária diferente, gênero, classe social variada entre outros aspectos que irão influenciar na escolha linguística a ser utilizada. Observamos essa pluralidade em nosso país, onde cada região possui um sotaque diferente, vocabulários específicos de acordo com a localidade em que vivem, por exemplo, o modo de falar de pessoas do interior que divergem das pessoas residentes de regiões metropolitanas, como também a língua usada por adolescentes, geralmente com gírias ou também a linguagem das pessoas da terceira idade que podem apresentar expressões e palavras que não são mais usadas na atualidade.

Embora esse processo linguístico seja comum a todos os indivíduos há fatores que irão influenciar em seu desenvolvimento, como os casos de atrasos da linguagem devido ao ambiente não oferecer experiências

que visem sua estimulação. Conforme as considerações de Cunha (1997, p. 2)

> O atraso de linguagem pode ainda ser compreendido como uma característica que acompanha outras deficiências de ordem de comportamento. É frequente identificar quadros de deficiência, quer seja por motivo motor, neurológico, cognitivo ou sensorial, que são acompanhados de desordens linguísticas. (CUNHA, 1997, p. 2)

Identificamos essas lacunas linguísticas em pessoas com síndrome de Dawn, deficiência intelectual e atípicos que tem dificuldades na comunicação com os demais indivíduos. Essas lacunas se dão por questões neurológicas ou cognitivas que advém desde o nascimento, como também podem acometer pessoas que sofreram derrame ou AVC em que essas áreas neurológicas da linguagem acabaram sendo afetadas.

No que se refere às pessoas cegas devido ao comprometimento da percepção sobre objetos que não estão ao seu alcance sensorial e sobre o ambiente em que está localizado, a língua acaba sendo um elemento importante para sua expressão e desenvolvimento enquanto sujeito. Assim, a aquisição da linguagem para a criança cega terá o importante objetivo, sobretudo, de socialização. (CUNHA, 1997, p. 2), pois assim como as

videntes utilizam a fala para se comunicar com os demais, a criança cega é capaz de adquirir a linguagem com termos funcionais e usá-la como veículo principal para sua comunicação com os outros (CUNHA, 1997, p.2). Logo, conforme aponta Zucconelli (2012, p. 18)

> As informações prosódicas (o ritmo de fala, a entonação, o alongamento, as curvas melódicas, etc.), a precisão articulatória, a escolha lexical, a organização sintática, os efeitos semânticos e pragmáticos, entre outros aspectos que a língua em uso apresenta funcionam como uma espécie de guia que o outro oferece. (ZUCCONELLI, 2012, p. 18)

Desse modo, podemos dizer que na ausência da visão no processo de aquisição da linguagem a fala se torna o próprio, e poderíamos dizer primordial, instrumento de interferência, identificação e orientação de comunicação dos cegos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as observações dos estudos teóricos e das considerações feitas acerca da língua e de suas variações (essas consideradas relevantes para o entendimento do comportamento e cultura do sujeito

tanto a nível individual como coletivo) e também dos apontamentos sobre a apreensão linguística das pessoas cegas vimos que embora sem a visão comum possuem habilidade comunicativa por intermédio da língua assim como os videntes. No entanto, há a curiosidade de compreender como esses sujeitos percebem os enunciados através da oralidade, na qual iremos obter tais resultados após a coleta de dados. Na atual pesquisa, as observações perceptivas serão com os estudantes da Universidade Federal de Campina Grande e do Instituto dos cegos, da mesma cidade, posteriormente poderemos usar os dados para comparar com outras regiões do estado e até mesmo com as diversas regiões do país, a fim de pesquisar e divulgar como se dão os processos linguísticos desse grupo específico.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso:** por uma proposta da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

COELHO, Izete Lehmkuhl ... [et al.]. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CUNHA, Ana Cristina Barros. Promovendo aquisição de linguagem funcional em criança deficiente visual: o efeito de um treinamento de mãe em procedimentos de

ensino naturalístico. **Temas em psicologia**. v.5, n.2. Ribeirão Preto. 1997.

FREITAG, Raquel Meister Ko, SEVERO, Cristine Gorski, SNICHELOTTO, Claudia Andréa Rost, TAVARES, Maria Alice. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. **Todas as Letras**, v. 18, n. 2, p. 64-84, 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko, SANTOS, Adelmileise de Oliveira. Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe. In: **A Fala Nordestina:** entre a sociolinguística e a dialetologia. São Paulo: Blucher, p. 109 -122, 2016.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). **Censo da educação superior 2019**. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Apresentacao_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf. Acesso em 01 de julho de 2021.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** Trad. por Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. Sao Paulo: Editora Parabola, [1972] 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky:** aprendizado e desenvolvimento um processo sócio- histórico. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

OUSHIRO, Livia. O que se diz e como se fala: relações entre o discurso metalinguístico e a variação linguística. **Signo y Seña**, v. 28, p. 139-167, 2015b.

OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade**: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2015. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015a.

RABELLO, Elaine, PASSOS, José Silveira. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. 2009.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. Ática, ed. 7. São Paulo, 2002.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Fundamentos de defectologia. In: **Obras completas**. Tomo V. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.

ZUCCONELLI, Simone. **A relação entre a aquisição da linguagem e a deficiência visual: seria a visão um fator determinante na aquisição?** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Fonoaudiologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul,2012. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/159528. Acesso em 24 de novembro de 2022.

XIMENES, Expedito Eloisio. Da escrita dos escrivães oficiais do século XVIII aos textos acadêmicos atuais. **Revista Colineares**. v. 8, n.2, p. 13-28, 2021. Disponível em: http://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/3745/2942. Acesso em 25 de março de 2023.

Retornar ao Sumário

Capítulo 2

SOCIOLINGUÍSTICA: O ESTUDO DA LINGUAGEM CONSIDERANDO OS ASPECTOS DIVERGENTES NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE

Carlos Matheus da Silva Meneses
Gilson Chicon Alves

#Sociolinguística
#Linguagem
#Língua
#Sociedade

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho busca-se realizar um estudo de cunho bibliográfico sobre a Sociolinguística, uma subárea de estudos da linguística, mostrando seus principais conceitos, seus objetos de estudos e suas vertentes teóricas.

Com a evolução dos estudos linguísticos, a linguagem passa a ser compreendida nas suas amplas formas de manifestação e, de acordo com Castelar de Carvalho (1987, p. 08),

> só foi adquirir *status* de ciência a partir do século XIX. Até então o que havia era o estudo assistemático e irregular dos fatos da linguagem, de caráter puramente normativo ou prescritivo, ou ainda, retrocedendo à Antiguidade grega, especulações filosóficas sobre a origem da linguagem mescladas com estudos de Filologia.

Depois que a linguística consegue conquistar espaço por meio de estudos e pesquisas realizados, uma diferente noção de língua e linguagem ganha autonomia. A linguística subdivide-se em vários ramos de estudo para entender os fenômenos da língua,

porém, este trabalho irá ater-se somente às perspectivas dos estudos sociolinguísticos.

A Sociolinguística se preocupará em estudar as relações existentes entre a sociedade e a linguagem, dessa forma, cabe a essa disciplina ''investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático''. (MOLLICA, 2004, p. 11)

Desse modo, faz-se importante o estudo da sociolinguística nesta pesquisa, pois através disso buscar-se-á entender as transformações implicadas pelo estudo desse ramo da linguística. Por isso, na seção seguinte conheceremos as principais postulações teóricas dessa vertente da linguística.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA SOCIO-LINGUÍSTICA

Na seção seguinte, faremos uma apresentação de conceitos e discussões que se fazem relevantes para compreender a área da Sociolinguística.

2.1 Sociolinguística: o estudo da linguagem considerando os aspectos divergentes na construção da sociedade

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico e para sua realização utilizaremos algumas bases teóricas como Bagno, Bortoni-Ricardo, Mollica, entre outras, a fim de explicar as concepções teóricas da Sociolinguística. A pesquisa bibliográfica precisa reunir o máximo de referencial teórico para obter-se informações acerca da temática geral escolhida para o trabalho. Gil (2002, p, 44) diz que a pesquisa bibliográfica:

> é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas.

A Sociolinguística é o ramo da linguística que estuda os elos existentes entre a linguagem e a sociedade. Para tanto, essa ciência se preocupa em explicar os fenômenos existentes na língua falada de uma determinada comunidade, por meio de pressupostos

que explicitam as razões que levam àquela comunidade a falar de tal maneira. De acordo com Mollica (2004, p. 09):

> A sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

Esse campo de estudo recebe maiores destaques através das pesquisas de William Labov. Labov é um estudioso da linguagem, o qual analisou a fala de diversas comunidades com a intenção de analisar e estudar os aspectos linguísticos que elas possuíam. Por meio das investigações de Labov, os estudos de variedades nos falares de determinadas comunidades afloraram. Quanto a isso, Alkmin (2001, p. 30) diz que:

> Em 1963, Labov publica seu célebre trabalho sobre a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, no literal de Massachusetts, em que sublinha o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística,

> isto é, da diversidade linguística observada. Nesse texto o autor relaciona fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico manifesto dos vineyardenses, mais concretamente, à pronúncia de determinados fones do inglês. Logo em 1964, Labov finaliza sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês em New York, em que fixa um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas.

Outros estudiosos também contribuíram consideravelmente para a realização das pesquisas sociolinguísticas, a exemplo de pesquisadores e cientistas sociais, os quais se interessavam pelas relações entre linguagem e sociedade. De acordo com Alkmin (2001, p. 29):

> o que há de novo é a definição de uma área explicitamente voltada para o tratamento do fenômeno linguístico no contexto social no interior da Linguística, animada pela atuação de linguistas e, particularmente, de estudiosos das ciências sociais. A Sociolinguística nasce marcada por uma origem interdisciplinar.

Entende-se então, que, William Labov não principiou as pesquisas sociolinguísticas, mas seus estudos empíricos são de relevância para os estudiosos e interessados nessa subárea da linguística. Alkmin (2001, p. 28) destaca que:

> O termo Sociolinguística, relativo a uma área da Linguística, fixou-se em 1964. Mais precisamente, surgiu em um congresso, organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), do qual participaram vários estudiosos, que se constituíram, posteriormente, em referências clássicas na tradição dos estudos voltados para a questão da relação entre linguagem e sociedade: John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona.

Todos esses estudiosos deram suas contribuições aos estudos iniciais da Sociolinguística. Entretanto, Tarallo (1997, p. 07) afirma que "foi, portanto, William Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada". Entende-se então que Labov teve papel essencial para a organização dos estudos da variação, o que contribuiu em pesquisas existentes nessa

área.

Na próxima subseção, trataremos do objeto de estudo da Sociolinguística, assim como também dissertaremos sobre alguns conceitos relevantes dessa disciplina.

2.2 Objeto de estudo, conceitos e corpus de interesse da sociolinguística

A língua falada em sua condição real de uso é o objeto de estudo da Sociolinguística. Esse campo de estudo irá desenvolver suas investigações com o fim de esclarecer as variedades encontradas na fala das pessoas. Para isso, utilizará a conjuntura social na qual o sujeito está inserido para justificar tais variações. Nessa conjuntura social, consideram-se fatores como: idade, sexo, contexto social, classe social, localização geográfica etc. Para Pagotto (2006, p. 52):

> Metodologicamente, o que se faz em sociolinguística é buscar lugares de intersecção entre o mundo social e a dimensão linguística. Estas intersecções podem ser definidas a partir do funcionamento social ou a partir do funcionamento linguístico.

Sendo assim, analisa-se a fala dos sujeitos,

considerando as circunstâncias nas quais ele está envolvido. Por isso, construções linguísticas como "nós vamo saí hoje" e "os menino caiu", podem ser perfeitamente explicadas através de uma investigação sociolinguística. Tal apreciação esclarece através dos pressupostos sociolinguísticos os porquês de se falar desse modo. Segundo Alkmin (2001, p. 31):

> Podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a *comunidade linguística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.

Tendo a língua falada como principal objeto de estudo, a sociolinguística analisa diferenças nas várias formas de expressão existentes dentro de comunidades linguísticas, e por isso decide "investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos" (MOLLICA, 2004, p. 11).

A língua falada é heterogênea, o que implica dizer que o sistema linguístico é composto de variedades

linguísticas as quais compreendem as variantes. Na próxima subseção, dissertaremos sobre a natureza da variedade.

2.3 Variedades linguísticas

Por muito tempo a noção de língua e linguagem foi atrelada aos pressupostos convencionados pela Gramática Normativa. Essa gramática distribui-se em regras que determinam o correto e o errado dentro da língua. Entretanto, com os avanços dos estudos sobre a linguagem e o surgimento da Sociolinguística, percebeu-se que a linguagem possuía motivações para sua realização que iam além dos conceitos e regras impostos pela gramática normativa. Alkmin (2001, p. 33) retrata que "Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variações. Pode-se afirmar que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea".

Desta forma, entendeu-se que a linguagem é indissociável da sociedade e por isso não poderia deixar de ser estudada sem que fossem considerados os aspectos e peculiaridades de falantes que englobam as diferentes esferas sociais. Camacho (2001, p. 55) afirma que "a linguagem é, sem dúvida alguma, a expressão mais característica de um comportamento social, sendo, por isso, impossível separá-la de suas funções sócio-interacionais".

Considerando fatores como idade, sexo,

escolaridade, contexto e classe social, com os estudos sociolinguísticos percebeu-se que existem variedades na fala dos sujeitos de uma comunidade e tais variedades configuram-se em muitas maneiras de se proferir algo. Para Bagno (2007, p. 47),

> Apenas a norma padrão é homogênea e se torna heterogênea, porque está sempre em construção, como as águas de um rio que nunca param de correr. Assumindo o caráter heterogêneo, a fala passa a sofrer variações, pois muitas vezes é perceptível ouvir diferenças nas falas de pessoas de classe social diferente, de idade, sexo e etnia diferente. E partindo da noção de heterogeneidade, a Sociolinguística afirma que toda língua é um feixe de variedades.

Faz-se preciso entender a organização social de uma comunidade de falantes, para assim compreender que os fenômenos linguísticos serão permeados por diferenças, que estão associadas às peculiaridades de cada falante e de cada comunidade linguística. Para Alkmin (2001, p. 02):

> Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo

> emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a Sociolinguística reserva o nome de variedades linguísticas.

Pode-se afirmar então, que, quando se passa a estudar a linguagem de determinada comunidade de falantes, se constatará a presença de variação linguística nesta linguagem. A Sociolinguística ocupa-se em explicitar essas diferenças tomando como base o meio social no qual o falante está inserido.

2.4 Variáveis e variantes

As línguas faladas nos diversos espaços sociais desde sempre trazem consigo o poder de comunicar, informar, afastar ou distanciar as pessoas, isso porque a linguagem é um fator preponderante na articulação da sociedade. Benveniste (1995, p. 286) afirma que "É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito'', o que reforça a ideia de língua como aspecto primordial na constituição de qualquer comunidade.

Toda comunidade de falantes apresenta peculiaridades em sua linguagem, isso acontece porque cada comunidade é formada por diferentes sujeitos, os quais possuem características distintas uns dos outros. De acordo com Silva (2013, p. 20), as diferenças

linguísticas "são as representações possíveis da língua (todas elas, sem exceções) e apresentam diferenças originadas de acordo com a região, o sexo, a idade, a condição social e cultural, a evolução histórica da língua etc". Sendo a língua um fenômeno vivo, esta sofre constantes transformações com o passar do tempo.

As diferentes opções de falar usadas pelos sujeitos são entendidas por ''variantes''. Tais variantes oferecem maneiras de expressar um mesmo conteúdo falado, essas maneiras podem chamar-se de variáveis. De acordo com Mollica (2004, p. 10-11) "entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente''.

Portanto, uma variável pode distribuir-se em duas ou mais variantes, para sistematizar um fenômeno linguístico. Cita-se como exemplo a supressão do "r" na fala reproduzida por falantes de algumas regiões do Brasil nas quais se pronuncia "cantá, dançá, fazê". Em outras regiões, esse fenômeno pode não ocorrer. Então, este caso de supressão se dá em uma variável que apresenta duas variantes: cantar/cantá, dançar/dançá, fazer/fazê, por exemplo.

2.5 Variedades linguísticas e a estrutura social: prestígio, estigma e preconceito linguístico

Na sociedade contemporânea, ainda se fazem

maus julgamentos a muitas variedades linguísticas. Isso acontece quando estas se afastam da norma culta padrão, que é exposta nos manuais de gramática normativa. Quando se inferioriza certas variedades em função de outras, comete-se o preconceito linguístico. Bagno (2007, p. 12) diz que:

> O que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é "certo" e o que é "errado", sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos.

Dessa forma, tal preconceito linguístico se dissemina e acomete principalmente as pessoas de classe baixa, as quais nem sempre possuem acesso à educação. Então, certas variedades linguísticas acabam sendo estigmatizadas porque se distanciam da norma culta. Portanto, certas pessoas podem sofrer o preconceito linguístico simplesmente por fazerem parte de uma classe social baixa, o que deixa a entender que o preconceito linguístico parte também do preconceito social. Travaglia (2009, p. 63) aponta que:

> A norma (culta, da classe de prestígio)

> constitui o português correto; tudo o que foge à norma representa um erro. Isso representa um preconceito porque, na verdade, não há português certo ou errado: todas as variedades são igualmente eficazes em termos comunicacionais nas situações em que são de uso esperado e apropriado. O que há na verdade são modalidades de prestígio e modalidades desprestigiadas em função do grupo social que as utiliza.

Observa-se, então, que o conjunto social que utiliza determinada variedade linguística influencia no ''valor'' de tal variedade. Assim, uma variedade falada por habitantes pobres de uma favela do Rio de Janeiro acaba sendo estigmatizada se comparada a outra variedade de um bairro habitado por pessoas com maior poder aquisitivo. Entretanto, o que a norma culta condena e considera como ''erro'', é abordado de outra forma pela Sociolinguística.

Bortoni-Ricardo assegura que:

> O que a sociedade tacha de erro na fala das pessoas, a Sociolingüística considera tão-somente uma questão de inadequação da forma utilizada às expectativas do ouvinte. [...]. Em outras palavras, diante de um enunciado que a cultura dominante rejeita por conter um erro, a Sociolingüística

> analisa a variante ali empregada, avalia o prestígio a ela associado e mostra em que circunstâncias aquela variante é adequada considerando-se as normas vigentes. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 272).

Portanto, os modos de falar considerados barbarismos pela gramática normativa são estudados pela Sociolinguística, a qual buscará descrever e explicar os fenômenos linguísticos taxados como "'errados''. Até este ponto, vimos tratando da Sociolinguística Variacionista. Na próxima subseção, vamos abordar a Sociolinguística Interacionista (ou Interacional) e como essa vertente teórica pode fornecer subsídios para o acréscimo da compreensão dos fenômenos variacionistas.

2.6 A sociolinguística interacionista e variacionista

A Sociolinguística possui duas vertentes teóricas. Algumas delas são: a Sociolinguística Interacional e a Variacionista. Enquanto os estudiosos daquela buscam estudar os fenômenos da linguagem considerando os aspectos do contexto social de comunicação, os estudiosos desta última procuram dar maior ênfase aos fatores quantitativos, os quais são observados nos dados de fala de determinado conjunto de sujeitos. Essas correntes teóricas foram abordadas por Gumperz com a

Sociolinguística Interacionista, e Labov com a Variacionista. Sobre essas distinções na teoria de cada modelo de investigação sociolinguística, Leite (2011, p. 35) ratifica que:

> Os pontos que separam Gumperz de Labov e tornam a Sociolinguística Interacional uma teoria distinta dos modelos anteriores são, em primeiro lugar, a escolha deste tipo de comunicação face a face, ou seja, um tipo que elege o indivíduo para ser o ponto de interesse da análise linguística. Esta escolha exclui a análise baseada nas médias obtidas em comunidades de falantes, o que, na maioria das vezes, produz apenas generalizações estatísticas baseadas em dados coletados segundo métodos de inquéritos e não dados validados pela análise profunda da competência linguística.

No que concerne à Sociolinguística Interacional tem-se que esta analisa o comportamento dos sujeitos inseridos na sociedade para explicar as atitudes envolvidas no processo de interação humana. Bortoni-Ricardo (2014, p. 160) enfatiza que "A interação humana é, portanto, constitutiva dos papéis sociais, considerados como um conjunto de prerrogativas e de deveres em um determinado domínio social". Por exemplo, quando se

está em uma audiência judicial, diante de um juiz, dirige-se a ele pelo pronome de tratamento "Vossa Excelência", uma vez que os envolvidos nessa interação social se encontram introduzidos em uma situação que requer esse tipo de formalidade. Bortoni-Ricardo (2014, p. 160) menciona ainda que:

> A Sociolinguística interacional rejeita a separação entre língua e contexto social e focaliza diretamente as estratégias que governam o uso lexical, gramatical, sociolinguístico e aquele decorrente de outros conhecimentos, na produção e contextualização das mensagens.

Compreende-se, portanto, que o contexto social torna-se primordial para a Sociolinguística Interacional, pois ela especula que os elementos envoltos às situações de interação humana determinam a prática linguística adotada pelos falantes. Figueroa (1994) citado por Leite (2011, p. 35) postula que:

> A Sociolinguística Interacional de Gumperz se diferencia das teorias que a precederam por ocupar-se do comportamento do indivíduo numa situação de comunicação face a face ao tratar a linguagem enquanto fenômeno social, prática que até então não havia sido levada em conta por Labov e

> outros nomes da sociolinguística, preocupados especialmente com os "agregados populacionais".

Nessa passagem entende-se claramente o que cada teoria abordou como significativo. Enquanto as ideias variacionistas estruturavam suas pesquisas através dos padrões analisados nas variedades linguísticas das comunidades de falantes, os postulados interacionistas escolheram um modelo de estudo fundamentado na relação construída nos contatos sociais que resultam na comunicação humana. A seguir, teceremos algumas palavras a título de considerações finais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa pudemos compreender, com o avanço dos estudos sobre a linguagem e o surgimento da Sociolinguística, que a linguagem possui motivações para sua realização que perpassam os sujeitos em seus contextos sociais.

De fato, os falantes estão sempre efetuando escolhas entre as diversas variantes que compõem as variedades de sua própria língua. Sob o olhar do estudioso sociolinguista, essas escolhas são encaradas como naturais e não são rotuladas como certas ou

erradas, mas como adequadas ou inadequadas para um determinado contexto.

O linguista não prescreve formas corretas para o falante usar; ele descreve o sistema e procura compreender as razões pelas quais as formas são tidas como adequadas ou inadequadas pela comunidade. Assim sendo, o linguista tem um poder maior de explicação e condições de fornecer mais subsídios para os professores de Língua Portuguesa. Trabalhar variação linguística em sala de aula é ir muito além do que decorar regras gramaticais descontextualizadas; é oferecer ao aluno a oportunidade de vislumbrar o funcionamento da língua viva em sua comunidade de fala.

Abordamos neste trabalho de modo breve o tema variação linguística. Reconhecemos que há a necessidade de continuar explorando-o em novas pesquisas que o aprofundem, tendo em vista que muito ainda precisa ser feito para que nossa sociedade possa aprender a conviver com as diferenças de falar e respeitar todas.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. *In*: MUSSALIM Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs): **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras, 2. ed. São Paulo: Cortez: 2001. p. 21-47.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico:** O que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris**. Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula**.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure**. 5. ed., Rio de Janeiro: Presença Edições, 1987.

LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. v. 5, n. 9, agosto de 2007.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1997.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos**. Gramática e Interação:** uma proposta para o ensino de gramática. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

Retornar ao Sumário

PARTE II

ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM:

ASPECTOS GRAFOFÔNICOS, FONÉTICOS E PROSÓDICOS

Capítulo 3

AS ACENTUAÇÕES GRÁFICAS NAS RIMAS DO POEMA "A AVÓ DO MENINO", DE CECÍLIA MEIRELES: UMA PROPOSTA DIDÁTICA

Andréia Maria Pereira Costa e Silva
Verônica Palmira Salme de Aragão

#Acentuação
#Rima
#Oralidade
#Escrita
#Poema

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como proposta estimular, de forma lúdica, o ensino da oralidade e da escrita na Educação Básica, tendo em vista que o lúdico motiva a/os educanda/os a participarem da aula de forma interativa, incentivando a percepção dos sons por meio das palavras. O interesse em examinar a oralidade e a escrita advém da observação da expressividade do poema "A avó do menino", da autora Cecília Meireles, em que ela realiza um jogo das palavras, alterando o acento das sílabas tônicas. Com o intuito de investigar a entonação das sílabas, surge o questionamento de como o acento pode influenciar na produção de rimas.

Assim, é necessário compreender os fenômenos associados ao uso das sílabas tônicas e a acentuação. Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa é analisar as sílabas tônicas presentes nas rimas do poema "A avó do menino", de Cecília Meireles. Pretende-se entender a função do acento das palavras, explorar as vogais tônicas nas rimas do poema e buscar abordagens pedagógicas que trabalhem a oralidade e a escrita em sala de aula.

O artigo explora a importância da oralidade e da escrita para propor um plano de aula, buscando alternativas lúdicas, e estimulando, assim, o aprendizado e a participação da/os estudantes da Educação Básica. De acordo com Aragão (2021, p. 121) "[...]o estudo do texto como uma unidade de sentido

comunicativa, com condições de produção específicas e sujeitos que interagem em função de um propósito, é capaz de proporcionar resultados positivos no que diz respeito aos letramentos". Logo, as/os alunas/os se interessam pela disciplina e, consequentemente, a aula se torna mais dinâmica. Sendo assim, a fundamentação teórica aponta alguns desses caminhos.

2 AS SÍLABAS TÔNICAS

Ao trabalhar a tonicidade por meio do processo silábico, o elemento com mais intensidade sonora é percebido na fala. Desse modo, Callou e Leite (2009, p. 29) definem a sílaba pela perspectiva dos estudos fonéticos. Em suas palavras:

> Do ponto de vista articulatório, a sílaba, segundo alguns autores, corresponde a um acréscimo da pressão do ar expelido dos pulmões pela atividade de pulsação dos músculos respiratórios que faz com que a saída do fluxo de ar não seja contínua, mas em jatos sucessivos.

Dessa maneira, Callou e Leite concordam com o ponto de vista do pesquisador Câmara Jr. (1994, p. 52), de acordo com o qual "a sílaba é uma divisão espontânea e profundamente sentida, na segunda articulação". O

pico silábico é o primeiro elemento a ser identificado dentro de uma estrutura silábica. O núcleo da sílaba, ou seja, as vogais, são denominadas, por Camara Jr. (1994, p. 38), de ***centro*** ou ***ápice***. O autor classifica as consoantes ou elementos marginais como prevocálicas ou posvocálicas. Se há elemento posvocálico, a sílaba é travada ou fechada. Se não o há, a sílaba é livre ou aberta.

Dentro da estrutura silábica, as vogais são os elementos mais sonoros que ocupam o núcleo da sílaba (SILVA, A. 2018, p. 30), por não sofrerem obstrução na corrente de ar. Callou e Leite (2009, p. 26) também descrevem as vogais como "núcleo de sílaba e sobre elas podem incidir acento de tom e/ou intensidade". Câmara Jr. (1994, p. 30-31) referenciou que a "estrutura da sílaba depende desse centro, ou ápice, e do possível aparecimento da fase crescente, ou da fase decrescente". Assim, a vogal, sendo o núcleo silábico, é descrita como elemento que possui maior sonoridade, fazendo parte das rimas presentes nas sílabas.

Para que haja o mapeamento da sílaba tônica, Silva (2018, p. 30) expôs o "Princípio de composição da sílaba básica", de acordo com o qual existe alternância entre as sílabas de menor e maior sonoridade básica. Esse revezamento sonoro é versado por Câmara Jr. (1994, p. 54):

> Se chamarmos simbolicamente V o centro da sílaba e C um elemento marginal,

> teremos os tipos silábicos: V (sílaba simples), CV (sílaba complexa crescente), CVC (sílaba complexa crescente-decrescente). Conforme a ausência ou a presença (isto é, V e CV, de um lado, e, de outro lado, VC e CVC), temos a sílaba aberta, ou melhor, livre, e a sílaba fechada, ou melhor, travada.

A alternância entre os tipos silábicos resulta no processo de identificação das sílabas tônicas, postônicas e pretônicas, sendo percebida a sílaba que tem longa duração na produção do som. A sua identificação se dá por meio do Princípio de Sonoridade Sequencial, que, segundo Silva (2018, p. 30), configura-se pelo ponto de mais energia na sílaba.

As sílabas tônicas podem receber o acento gráfico ou não. Desse modo, Silva (2003, p. 77) destaca que a "vogal acentuada é auditivamente percebida como tendo duração mais longa e também como sendo pronunciada de maneira mais alta (no sentido de falar alto)". A alteração da tonicidade silábica modifica a estrutura da palavra. Visando à exemplificação desse fenômeno, construiu-se o "Quadro 1", com base nas palavras responsáveis pelas rimas, do poema "A avó do menino", de Cecília Meireles:

Quadro 1- Sílabas átonas, pretônicas e postônicas.

SÍLABAS			
Átonas	**Pretônicas**	**Tônicas**	**Postônicas**
	a	**vó**	
		só	
	li	**ró**	
co-co	ro	**có**	
pão	de	**ló**	
		ven	to
	ven	**tó**	
	fi	**ló**	
	me	**ni**	no
me	ni	**nó**	
	Ri	**car**	do
Ri	car	**dó**	
	tra	**ves**	so
tra	ves	**só**	
	do	**mi**	no
do	mi	**nó**	

Fonte: Elaborada pelas autoras, com base em Câmara Jr. (1999).

Ao observar e analisar o "Quadro 1", pode-se compreender que a tonicidade, nas palavras monossílabas "**só**" e "**ló**", permanece. Já em outros vocábulos, como "traves**só**", "Ricar**dó**", "meni**nó**" e "domi**nó**", as sílabas, destacadas em negrito, tornam-se

sílabas tônicas, no jogo poético do eu-lírico. Desse modo, torna-se importante debater sobre a acentuação gráfica

3 A TONICIDADE

Ao tratar da produção de uma sílaba acentuada, foi percebida que ela interfere na distinção entre as sílabas pretônicas, tônicas, postônicas e átonas. Câmara Jr. (1970 *apud* SILVA, A., 2018, p. 182) aponta que "o acento tônico tem como objetivo diferenciar os vocábulos". Além de diferenciar o vocábulo, uma sílaba tônica causa grande impacto no processo da cadeia sonora, seja mudando a tonicidade da sílaba, alterando o significado da palavra ou o tipo gramatical. Câmara Jr. elucida que "o acento é uma maior força expiatória, ou intensidade de emissão, da vogal de uma sílaba em contraste com os demais vogais silábicas." (1994, p. 63 *apud* SILVA, A., 2018, p. 62)

A acentuação resulta da sonoridade silábica. No poema, a tonicidade é alterada, de modo que torna uma sílaba átona em tônica, como aconteceu na palavra paroxítona "domi**no**", que passa à proparoxítona "do**mi**nó". Nesse caso, as duas palavras classificam-se em classes gramaticais distintas: substantivo e verbo. Houve uma alteração na tonicidade silábica em termos de ***acento primário*** e ***secundário***. Como aponta T. Silva (2003, p. 77): "as vogais acentuadas ou tônicas carregam o acento mais forte ou **acento primário** e as vogais não-

acentuadas — átonas ou postônicas — carregam **acento secundário**."

Ainda, em relação à mudança de tonicidade, Callou e Leite (2009, p. 113) explicam que a acentuação influencia na diferenciação dos significados das palavras por meio da alteração da tonicidade silábica, como pode ser percebida nas palavras 'sábia', 'sabia', 'sabiá'. Além da possibilidade de diferenciar o sentido das palavras, Silva (2018, p. 77) também nota que a "relação entre o acento primário e o acento secundário e a ausência de acento leva à construção do ritmo da fala."

As palavras são classificadas de acordo com a tonicidade silábica, como oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Em termos de escrita:

> Acentuamos as palavras proparoxítonas, as paroxítonas terminadas em consoante e oxítonas terminadas em vogal, porque elas são marcadas. Não acentuamos as paroxítonas terminadas em vogal e as oxítonas terminadas em consoante, porque elas não são marcadas. (COLLISCHOON, 2014, p 143 *apud* Silva, A., 2018, p. 34)

O processo de identificação das sílabas tônicas apoia-se na oralidade. Assim, a acentuação gráfica é importante para a compreensão dos textos escritos em sua interface com a oralidade. Logo, são necessárias

propostas pedagógicas, com o objetivo de trabalhar com a/os estudantes, tanto a oralidade, como a escrita, a fim de conscientizá-las/os para as convergências e divergências dessas duas modalidades da língua, que, muitas vezes, confundem-se. Com esse objetivo, o tópico seguinte apresenta a proposta didática da presente pesquisa.

4 METODOLOGIA

O presente estudo apoia-se no método de pesquisa-ação, conforme Gil (2002, p. 42-43), que tem como propósito "uma forma de ação planejada, de caráter social, educacional, técnico ou outro". No presente estudo, pretende-se explicar a alteração da intensidade sonora na acentuação das sílabas tônicas, responsáveis pelas rimas, do poema "A avó do menino", de Cecília Meirelles. Para isso, faz-se necessária a interpretação da acentuação gráfica nas rimas e a atribuição de seus significados, caracterizando, assim, uma abordagem qualitativa. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

A AVÓ DO MENINO

A avó
vive só.
Na casa da avó

o galo liró
faz "cocorocó!"
A avó bate pão-de-ló
E anda um vento-t-o-tó
Na cortina de filó.

A avó
vive só.
Mas se o neto meninó
Mas se o neto Ricardó
Mas se o neto travessó
Vai à casa da avó,
Os dois jogam dominó.

(A AVÓ DO MENINO. *In*: MEIRELES, Cecília. **Poesia Completa:** Volume 4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 283)

A proposta foi sistematizada em dois planos de aula, voltados para uma turma do 6º ano do ensino fundamental, com duração de uma hora e quarenta minutos cada, conforme **Apêndice A** e **B**. Os planos de aula propõem atividades práticas a serem aplicadas em dois dias de aula.

No primeiro dia, o poema "A avó do Menino", de Cecília Meireles, é lido de modo a compreender/perceber os ritmos e rimas presentes nos versos. Em seguida, são trabalhadas as sílabas tônicas nas rimas do poema. Já na

segunda aula, as/os estudantes classificam as últimas palavras de cada verso em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Finalizando a identificação, as/os alunas/os são instigadas/os a produzir seus poemas, explorando assim, a oralidade e a escrita. Essa atividade será concluída em casa com o objetivo de apresentar na próxima aula.

A tonicidade silábica é um fenômeno intimamente relacionado ao registro (formal/informal). Desse modo, a ausência ou mudança na acentuação gráfica interfere no processo de compreensão dos textos escritos, confundindo a/o leitor/a e alterando o sentido das palavras. Para isso, o documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2008, p. 171), através da habilidade (EF69LP32), aborda a necessidade de "Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita".

Visando refletir, com a/os estudantes sobre a oralidade e a escrita, com base nos conhecimentos de acentuação das palavras, considera-se necessária a compreensão do processo de silabificação, ou seja, "o processo de mapeamento das sequências de sons constituintes de uma sílaba" (SILVA, A., 2018, p. 30), como também conhecer a classificação ortográfica das palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Trata-se de um conhecimento metalinguístico, engendrado nas interfaces da oralidade e da escrita, conforme os Parâmetros Curriculares Nacional (PCN) apontam:

> As atividades metalinguísticas estão relacionadas a um tipo de análise voltada para a descrição, por meio da categorização e sistematização dos elementos linguísticos. Essas atividades, portanto, não estão propriamente vinculadas ao processo discursivo; trata-se da utilização (ou da construção) de uma metalinguagem que possibilite falar sobre a língua. Quando parte integrante de uma situação didática, a atividade metalinguística desenvolve-se no sentido de possibilitar ao aluno o levantamento de regularidades de aspectos da língua, a sistematização e a classificação de suas características específicas. Assim, para que se possa discutir a acentuação gráfica, por exemplo, é necessário que alguns aspectos da língua — tais como a tonicidade, a forma pela qual é marcada nas palavras impressas, a classificação das palavras quanto a esse aspecto e ao número de sílabas, a conceituação de ditongo e hiato, entre outros — sejam sistematizados na forma de uma metalinguagem específica que favoreça o levantamento de regularidades e a elaboração de regras de acentuação. (BRASIL, 1997, p. 30-31 *apud* SILVA, 2018, p. 62).

Para que a tonicidade silábica seja trabalhada em sala de aula, a consciência fonológica, ou seja, a percepção silábica por meio da acentuação gráfica se faz presente como forma de manipulação dos sons da língua. Uma possível proposta seria a de "atividades de escrita de consciência fonológica envolvendo os seguintes níveis linguísticos, explanados, a seguir, em ordem decrescente de complexidade linguística: RIMAS e SÍLABAS > CONSTITUINTES SILÁBICOS > FONEMAS." (ILHA *et. al.*, 2022, p. 171)

Os tópicos ***4.1 Abordagens da oralidade*** e ***4.2 Abordagens da escrita*** apresentam as reflexões que levaram à construção dos planos de aula, fundamentos na revisão bibliográfica de pesquisadores que abordem a Fonética e a Fonologia como forma de compreensão das sílabas tônicas, acentuações e rimas: Callou e Leite (2009), Silva (2003), Câmara Jr. (1999) e outros pensadores colaboram para a compreensão do assunto. O documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também respalda este estudo no que diz respeito ao ensino das semelhanças e diferenças entre a oralidade e escrita nas sílabas tônicas e na acentuação gráfica.

4.1 Abordagem da oralidade

O poema possui duas estrofes, sendo que a primeira é composta por oito versos e a segunda

constituída por sete versos, e todos apresentam a vogal "média-alta". Esse processo de marcar a sílaba tônica dita o ritmo e a rima da estrutura poética. As sílabas tônicas podem carregar ou não a acentuação gráfica, pois elas possuem alta intensidade e maior duração. Todavia, a acentuação gráfica também tem a autonomia de alterar a tonicidade das sílabas, seja "por motivação expressiva (ou digamos, estilística) no intento de dar especial relevo às partículas". (CÂMARA JR., 1999, p. 63)

A alteração na sílaba tônica através da acentuação gráfica é observada nas rimas do poema "A avó do menino", de Cecília Meireles, em que a escritora utilizou a licença poética, definida por Ceia (2009) como: "Liberdade concedida a um artista, não necessariamente um poeta, para se expressar criativamente, sem obediência rígida a um cânone, a uma gramática, a um código ou a um modelo convencional de escrita". Desse modo, o "Quadro 2" mostra a diferença fonética e fonológica da acentuação gráfica alterada no poema da autora Cecília Meireles.

Ao acentuar, graficamente, a última sílaba, como foi percebido no Quadro 2, a autora Cecília Meireles ressalta a oralidade, buscando movimento nas rimas e maior expressividade do poema. Além disso, há uma alteração da duração do som que favorece o ritmo e a rima dos versos devido à licença poética, a qual reproduz o lúdico comum aos jogos de linguagem, presentes no universo infantil.

Quadro 2 - Diferenciação das sílabas acentuadas e não-acentuadas

Grafia 1	**ven**-to	me-**ni**-no	Ri-**car**-do	tra-**ves**-so	dom**i**nó
Transcrição Fonética	[**'ven**tu]	[me'**ni**nu]	[ɾi'**ka.ɹ**du]	[tra'**ve**su**]**	[do'**mi**nɔ]
Transcrição Fonológica	/'**ven**to/	/me'**ni**no/	/ɾi'**ka.ɹ**do/	/tra'**vɛ**so/	/do'**mi**No/
Grafia 2	ven-**tó**	me-ni-**nó**	Ri-car-**dó**	tra-ves-**só**	do-mi-**nó**
Transcrição Fonética	[ven'tó]	[meni'**nó**]	[ɾika.ɹ'**dó**]	[trave'**só**]	[domi'**nó**]
Transcrição Fonológica	/ven'**tɔ**/	/meni'**Nɔ/**	/ɾikaR'**dɔ/**	**/**trave'**sɔ/**	/domi'**nɔ**/

Fonte: Elaborada pelas autoras com base em Callou e Leite (2009)

De acordo com o "Quadro 2", as palavras da "Grafia 1" estão com as sílabas tônicas destacadas em negrito. Vale ressaltar que são palavras que, normalmente, caracterizam-se pelo **acento primário**, como em: **ven**to, me**ni**no, Ri**car**do e tra**ves**so. Com a modificação da poetisa, esses vocábulos sofreram o fenômeno, denominado **acento secundário**, alterando a tonicidade da penúltima para a última sílaba.

Dessa forma, os vocábulos destacados, na "Grafia 2", ven**tó**, meni**nó**, Ricar**dó** e traves**só** passaram a ter a sílaba tônica a posição final. As sílabas destacadas em negrito me**ni**no, Ri**car**do e tra**ves**so, que eram tônicas antes da acentuação, tornam-se pretônicas após o acento

gráfico na última sílaba. Pesquisas sobre a produção de sons das vogais, por meio da acentuação, apontam a duração como principal correlato e, portanto, responsável pela diferenciação entre as sílabas tônicas, pretônicas e postônicas. (FERNANDES, 1976; MASSINI-CAGLIARI, 1992 *apud* SANTOS, 2017).

4.2 Abordagem da escrita

Ao tratar sobre a abordagem da escrita, a sílaba tônica se apresenta na antepenúltima, penúltima ou última sílaba, sendo classificadas, assim, em proparoxítonas, paroxítonas e oxítonas. O poema de Cecília mostra palavras paroxítonas e oxítonas, conforme apresentado no "Quadro 3".

Percebe-se que os vocábulos "a**vó**", "**só**", "li**ró**", "pão-de-**ló**", "fi**ló**" e "domi**nó**" são considerados oxítonos, pois o acento gráfico foi marcado por ser monossílabo terminada em "o" ou dissílabo, cuja última sílaba tem o som mais forte.

As palavras "**ven**to", "me**ni**no", "Ri**car**do" e "tra**ves**so" são vocábulos paroxítonos, ou seja, o som de alta intensidade se encontra na penúltima sílaba. Todavia, a poetisa Cecília Meireles usa a licença poética e acentua as últimas sílabas das palavras "ven**tó**", "meni**nó**", "Ricar**dó**" e "traves**só**", tornando-as oxítonas. Com isso, a poetisa transgride as formas convencionais da fala e da escrita para se expressar de forma dinâmica,

estimulando, assim, a prática da oralidade através dos ritmos e da rima.

Quadro 3 - Palavras paroxítonas e oxítonas

Paroxítonas	**Oxítonas**
	a-**vó**
	só
	li-**ró**
	co-co-ro-**có**
	pão-de-**ló**
ven-to	ven-**tó**
	fi-**ló**
me-**ni-**no	me-ni**-nó**
Ri-**car**-do	Ri-car-**dó**
tra-**ves**-so (adjetivo)	tra-ves**-só**
	do-mi-**nó**

Fonte: Elaborada pelas autoras com base em Câmara Jr. (1999).

Essas breves reflexões, sobre o emprego do acento no poema "A avó do menino", de Cecília Meireles, possibilitam a construção de aulas de língua portuguesa em que gramática, interpretação textual e literatura se unem com o fim de possibilitar o desenvolvimento de diversas competências por um viés crítico, e ao mesmo

tempo, lúdico. Esta proposta pode ser melhor observada nos APÊNDICES A e B, com as duas propostas didáticas.

5 CONCLUSÃO

O poema "A avó do menino", de Cecília Meireles, mostra-se como um recurso didático-pedagógico que integra as duas modalidades da língua: oral e escrita, como duas atividades que se complementam. Desse modo, surge como proposta trabalhar a interatividade na sala de aula, integrando os conhecimentos linguísticos e literários, visando explorar as expressividades.

O método de ensino oral-escrito vislumbra a abordagem dos conteúdos de forma lúdica, tendo em vista que a poetisa brinca com as sílabas, utilizando a acentuação para estimular a melodia e ritmo dos versos. Dessa forma, a investigação da fala como expressão rítmica explora a tonicidade das sílabas por meio da acentuação das sílabas, proporcionando a reflexão entre a oralidade e a escrita, imanentes à compreensão da estrutura do poema.

Ao trabalhar de forma lúdica a oralidade, o estudo mostra que é possível construir uma proposta didática que aborde a escrita, por meio da ortografia (acentuação e sílabas) e gramática (substantivo e verbo). Assim, a escritora, através de sua expressividade poética, proporciona a poesia como um recurso

enriquecedor para interagir e tornar o poema mais dinâmico, com jogos de palavras, comuns ao universo infantil, capazes de estimular reflexões sobre a língua.

Este artigo teve como proposta trabalhar as sílabas tônicas por meio da acentuação gráfica com estudantes na sala de aula de forma interativa. Portanto, foi de fundamental importância a disciplina de Fonética e Fonologia para o estudo dos sons no âmbito da fala, pois a oralidade e a escrita não podem ser vistas como dicotômicas, mas como práticas complementares. Essa compreensão possibilita uma abordagem crítica e reflexiva sobre a oralidade e escrita, sobretudo, por sua interface com o letramento literário e com a morfossintaxe, contribuindo, assim, para uma educação lúdica e criativa, tão importante para o ensino da Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

A avó do menino. *In*: MEIRELES, Cecília. **Poesia Completa:** Volume 4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 283.

ARAGÃO, Verônica. Leitura, escrita e análise linguística: uma abordagem antirracista. **Revista Colineares**, Mossoró/RN, v. 8, n. 2, Jul./Dez., 2021, p. 107-124.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. p. 23-191.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à Fonética e à Fonologia.** 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa.** 30 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CEIA, Carlos. Licença Poética. **E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia**, 2009. Disponível em: < https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/licenca-poetica >. Acesso em: 11 set. 2022.

GIL, Antônio Carlos, 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ILHA, Susie Enke; LARA, Claudia Camila; CÓRDOBA, Alexander Severo (org.). **Consciência fonológica:** proposta de atividades escritas para a sala de sala de aula [Recurso Eletrônico]. Rio Grande, RS: Editora da FURG, 2022. Disponível em: <http://repositório.furg.br >. Acesso em: 12 set. 2022.

MASSINI-CAGLIARI, G. Acento. *In:* **A música da fala dos trovadores:** desvendando a pro-sódia medieval [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, pp. 153-217. ISBN 978-85-68334-58-4. Disponível em: <

https://books.scielo.org/id/py5s2 >. Acesso em: 12 set. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, Cássio Augusto Alves de Andrade. **Vogais cantadas e tonicidade:** estudo experimental comparativo entre fala e canto com foco na duração. Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Raposo de Medeiros. 2017. 129 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2017.

SANTOS, Raquel Santana. Aquisição da fonologia em língua materna: acento e palavra prosódica. *In:* FREITAS, Maria João; SANTOS; Ana Lúcia (ed.). **Aquisição de língua materna e não materna:** Questões gerais e dados do português. Language Science Press. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.889425>. Acesso em: 12 set. 2022. p. 95–117.

SILVA, Adriana da Cruz. **Estrutura da sílaba e acento fonológico:** novos caminhos e estratégias para o ensino de acentuação gráfica. Dissertação (Mestrado

apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Vitória da Conquista, 2018.

SILVA, Thaïs Cristófaro. **Fonética e Fonologia do Português:** roteiro de estudo e guia de exercícios. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

Universidade do Estado do Rio Grande do **Norte. Manual de Normalização de Trabalhos Acadêmicos da UERN.** Organizadores: Aline Karoline da Silva Araújo... [et al], – 3. ed. rev. e atual. – Mossoró: Edições UERN, 2022. 92f.

APÊNDICE A - PLANO DE AULA

INSTITUIÇÃO: **PROFESSOR REGENTE: Andréia Maria Pereira da Costa e Silva** **SÉRIE/PERÍODO: 6º ano do Ensino Fundamental**		
Nº da aula: 15	**Data:**	**Carga horária:** 1h:40 min
Tema central: Rodas de Leitura / Fono-ortografia.		
Habilidade(s) da BNCC: (EF69LP32) / (EF69LP48) / (EF69LP53) / (EF69LP54)		
OBJETIVO GERAL: Levar os alunos a utilizarem a oralidade como forma de compreensão sobre a acentuação nas sílabas tônicas para que possam identificar o ritmo no poema. **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:** Estimular a oralidade através da leitura do poema; Identificar as sílabas tônicas; Diferenciar as acentuações gráficas nas palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.		
Conteúdos a serem trabalhados: • O poema "A avó do Menino" da autora Cecília Meireles; • Sílaba tônica; • Rimas e Ritmo.		
Procedimentos metodológicos (o passo a passo de como fará a aula): **Introdução** **(15 min)** Em um primeiro mostrarei o vídeo no *Youtube* "A avó do Menino poesia de Cecília Meireles" para que os alunos percebam a musicalidade presente nas sílabas tônicas do poema; **Desenvolvimento** **(30 min)** Em seguida, solicitarei aos alunos para lerem em voz alta, assim trabalhando a oralidade, explorando assim seus recursos sonoros; **Conclusão** **(55 min)** Trabalharei com os alunos a identificação das sílabas tônicas e nas palavras que foram acentuadas do poema, mostrando que a acentuação interfere na produção de sons das palavras, alterando a sílabas tônicas nas rimas do poema "A avó do menino".		
Recursos Pedagógicos: Notebook; Aplicativo PowerPoint; Youtube; Quadro branco; Caderno.		
Avaliação de aprendizagem do aluno: Será contínua mediante a participação dos alunos durante as aulas, se eles compreenderam as sílabas poéticas e a realização das solicitadas para a próxima aula.		
Observação: Inicialmente iremos trabalhar sobre as sílabas poéticas podendo deixar para complementar o conteúdo na próxima aula.		
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: A avó do menino. *In*: MEIRELES, Cecília. **Poesia Completa:** Volume 4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 283; BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. p. 23-191. CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à Fonética e à Fonologia.** 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa.** 30 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. CONRADO, Rosana Salvini. Acentuação aplicada na correção ortográfica. **Nova escola**, 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/6ano/lingua-portuguesa/acentuacao-aplicada-na-correcao-ortografica/3758>. Acesso em: 05 set. 2022. DELMANTO, Dileta; CARVALHO, Laiz B. de. **Português:** Conexão e uso, 6º ano: ensino fundamental, anos finais. 1ed. São Paulo: Saraiva, 2018. p. 225. MEL MOVIMENTO ESCOLA LITERÁRIA. A avó do menino poesia de Cecília Meireles. [S.l.: s.n.], 2021. 1 vídeo (1 min 1s). Publicado pelo canal MEL Movimento Escola Literária. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=n-2HT7PjSAo >. Acesso em: 05 set. 2022. SILVA, Thaïs Cristófaro. **Fonética e Fonologia do Português:** roteiro de estudo e guia de exercícios. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2003.		

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

APÊNDICE B - PLANO DE AULA

INSTITUIÇÃO: **PROFESSOR REGENTE: Andréia Maria Pereira da Costa e Silva** **SÉRIE/PERÍODO: 6° ano do Ensino Fundamental**		
N° da aula: 16	**Data:**	**Carga horária:** 1h:40 min
Tema central: Rodas de Leitura / Fono-ortografia.		
Habilidade(s) da BNCC: (EF69LP32) / (EF69LP48) / (EF69LP53) / (EF69LP54)		
OBJETIVO GERAL: Levar os alunos a utilizarem a oralidade como forma de compreensão sobre a acentuação nas sílabas tônicas para que possam identificar o ritmo no poema. **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:** Estimular a oralidade através da leitura do poema; Identificar as sílabas tônicas; Diferenciar as acentuações gráficas nas palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.		
Conteúdos a serem trabalhados: • O poema "A avó do Menino" da autora Cecília Meireles; • Sílaba tônica; • Rimas e Ritmo; • Palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.		
Procedimentos metodológicos (o passo a passo de como fará a aula): **Introdução** **(30 min)** Classificar as sílabas em palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas; **Desenvolvimento** **(50 min)** Trabalharei com os alunos a produção de poemas que tenham ritmos e rimas, estimulando assim, a oralidade; **Conclusão** **(20 min)** Solicitarei aos alunos para apresentarem seus poemas de forma oral.		
Recursos Pedagógicos: Notebook; Aplicativo PowerPoint; Youtube; Livro didático; Quadro branco; Caderno.		
Avaliação de aprendizagem do aluno: Será contínua mediante a participação dos alunos durante as aulas, se eles compreenderam as sílabas poéticas e a realização das solicitadas para a próxima aula.		
Observação: Os alunos que não apresentarem seus poemas por falta de tempo, ficarão para a próxima aula.		
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: A avó do menino. *In*: MEIRELES, Cecília. **Poesia Completa:** Volume 4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 283; BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. p. 23-191; CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à Fonética e à Fonologia.** 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009; CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa.** 30 ed. Petrópolis: Vozes, 1999; CONRADO, Rosana Salvini. Acentuação aplicada na correção ortográfica. **Nova escola**, 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/6ano/lingua-portuguesa/acentuacao-aplicada-na-correcao-ortografica/3758>. Acesso em: 05 set. 2022; DELMANTO, Dileta; CARVALHO, Laiz B. de. **Português:** Conexão e uso, 6º ano: ensino fundamental, anos finais. 1ed. São Paulo: Saraiva, 2018. p. 225; MEL MOVIMENTO ESCOLA LITERÁRIA. A avó do menino poesia de Cecília Meireles. [S.l.: s.n.], 2021. 1 vídeo (1 min 1s). Publicado pelo canal MEL Movimento Escola Literária. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=n-2HT7PjSAo >. Acesso em: 05 set. 2022; SILVA, Thaïs Cristófaro. **Fonética e Fonologia do Português:** roteiro de estudo e guia de exercícios. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2003.		

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

Retornar ao Sumário

Capítulo 4

A REALIZAÇÃO DAS VIBRANTES, SOB O OLHAR DA FONOLOGIA DE USO E DO MODELO DE EXEMPLARES, POR PROFESSORES POTIGUARES DE ESPANHOL

José Rodrigues de Mesquita Neto
Clerton Luiz Felix Barboza

#Vibrantes
#Fonologia
#Espanhol Língua Estrangeira
#Português Brasileiro

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo geral analisar a realização das vibrantes por professores potiguares de espanhol. Além disso, como objetivos específicos, pretendemos: a) verificar se a experiência de uso com a língua oral influência na interfonologia do Português brasileiro (doravante PB) - Espanhol como língua estrangeira (doravante ELE); b) examinar como a frequência de ocorrência interfere na emergência das vibrantes; e c) verificar em quais contextos fonotáticos há maior influência do PB.

Dessa forma, tomando como base a fonologia de uso e o modelo de exemplares[1], partimos da seguinte questão problema: como a frequência de ocorrência, a experiência de uso e os contextos fonotáticos influenciam na emergência das vibrantes de professores potiguares do espanhol? Temos como hipótese básica de que a emergência das vibrantes, dentro da interfonologia PB-ELE, se dá com base na influência da experiência de uso do ELE e do PB. Portanto, a posição de coda apresentará maior variabilidade, visto que no PB é a posição que mais apresenta essa possibilidade.

A escolha por esta pesquisa se deu, inicialmente, pela necessidade de estudos na área de fonética e fonologia do espanhol no estado do Rio Grande do Norte e, de forma mais específica, em Mossoró – cidade em que

realizamos a investigação. Salientamos que este artigo é fruto da pesquisa de dissertação defendida em 2018 e de seu orientador. No entanto, sua relevância continua vigente e seus resultados atuais, visto que não há novos estudos que tratem da emergência dos róticos por professores potiguares de ELE. O impacto social pode ser observado por este ser um trabalho fundador da pesquisa em fonética e fonologia do espanhol por aprendizes brasileiros no interior do Rio Grande do Norte. Além disso, quanto à originalidade e relevância da pesquisa, podemos salientar o aporte teórico utilizado. Se por um lado o estudo da realização das vibrantes por aprendizes brasileiros de espanhol apresenta alguns trabalhos, a utilização da fonologia de uso (BYBEE, 2001) e dos modelos de exemplares (PIERREHUMBERT, 2001) notadamente propiciou uma visão ímpar quanto à realização das vibrantes.

Como metodologia, optamos por uma pesquisa quali-quantitativa, quase-experimental. Temos como informantes dez professores de espanhol, sendo cinco de escolas públicas e cinco de cursos livres. Para a coleta do corpus, usamos dois experimentos: fala controlada (leitura) e semi-espontânea (atividade de direcionamento).

Este artigo estará dividido em cinco seções. A primeira e a última são, respectivamente, a introdução e as considerações finais. Na segunda seção abordaremos

o referencial teórico, tratando alguns preceitos abordados por Bybee (2001, 2008) e Cristófaro-Silva (2005) sobre a fonologia de uso, e Pierrehumbert (2001) no tocante ao modelo de exemplares. Seguimos com a seção metodológica, na qual explicamos nosso passo a passo para a realização da pesquisa. Por fim, na quarta seção, discutimos nossos achados e apresentamos os resultados.

2 MODELOS FONOLÓGICOS: FONOLOGIA DE USO E MODELO DE EXEMPLARES

Os modelos fonológicos tradicionais expressam formalmente a organização dos sistemas fonológicos e partem do pressuposto de que existem pelo menos dois níveis de representação sonora: o fonético e o fonológico. O primeiro observa o detalhe fonético, a realização do som, o fone/alofone. O segundo expressa o conhecimento abstrato do falante, ou seja, o fonema. Os modelos fonológicos baseados no uso "nasceram em oposição ao paradigma reducionista associado à aplicação de regras aos processos de mudança/aquisição linguísticas" (BARBOZA, 2013, p. 35).

Cristófaro-Silva e Gomes (2004) apontam que há diversos problemas advindos da abordagem tradicionalista. Assim, a Fonologia de uso (doravante FU) oferece uma proposta diferenciada de análise do

componente sonoro, visto que os níveis fonético e fonológico são analisados conjuntamente, não postulando dois níveis de representação. Nessa perspectiva, o detalhe fonético passa a ser essencial para o mapeamento fonológico. Além disso, esse modelo traz uma proposta para a análise do componente sonoro relacionando os aspectos sincrônicos e diacrônicos. A FU presume esquemas das representações mentais emergentes a partir de generalizações do uso linguístico.

O modelo apresentado deriva de uma abordagem que busca englobar os subsistemas fonológico, sintático e semântico em uma teoria da linguagem. Para essa teoria, estudar apenas as estruturas não é o suficiente, pois o foco precisa ser complementado por uma visão que inclua dois aspectos importantes do fenômeno da linguagem: o conteúdo material e o uso da linguagem (BYBEE, 2001). O primeiro aspecto se refere à fonética e à semântica, enquanto o segundo trata das interações sociais.

Com isso, considerando os princípios apresentados por Bybee (2001), em que o uso real das unidades linguísticas interage com a substância, agindo sobre a estruturação mental da língua, acreditamos que quanto maior o uso de determinado som em um contexto fonotático específico, mais acurada será a sua realização. Por sua vez, Cristófaro-Silva (2005, p. 224) nos diz que a "Fonologia de Uso assume que as representações

fonológicas expressam generalizações que falantes depreendem a partir da experiência com o uso da língua", desse modo, o uso frequente de uma variante do rótico, em detrimento de outra, acarretará mudanças nas representações mentais dos falantes expostos a essa variante.

Bybee (2001) elenca algumas características da FU, expostas a seguir: a) a experiência afeta a representação mental, ou seja, o uso de padrões mais ou menos frequentes afetam essas representações; b) as características redundantes são armazenadas (em rede); c) generalizações de itens fonológicos são inseparáveis das representações mentais, emergindo a partir delas; e d) o falante nativo forma suas construções linguísticas a partir do uso.

A organização realizada a partir de redes propicia um armazenamento compacto e o acesso eficiente dos dados. Com relação ao armazenamento, tanto as formas regulares quanto irregulares são associadas de acordo com suas semelhanças nos níveis fonológicos, morfológicos e semânticos. Na Figura 1, demonstramos a organização em rede dos róticos da interlíngua PB-ELE. As três primeiras palavras se referem ao PB (rapaz, rato e raça) enquanto as duas últimas ao espanhol (*rabia* e *ratón*).

Figura 1: Representação da organização em rede dos róticos da interlíngua PB-ELE.

Fonte: Mesquita Neto (2018, p. 33).

Na Figura 1, as linhas contínuas representam as relações entre as sílabas **ɦa** de algumas palavras do PB (em preto) juntamente com algumas palavras do espanhol (em vermelho). A imagem exemplifica a força dos esquemas, cuja produtividade tende a ser aplicada em empréstimos e neologismos. O mesmo pode ocorrer ao aprender uma língua estrangeira como o espanhol, com características tão semelhantes ao PB em sua gramática fonológica. Este fato, segundo Blank e Motta-Avila (2020) é um fator que pode atrapalhar o processo de aquisição/aprendizagem do detalhe fonético. A realização padrão do rótico no espanhol nesse contexto é

a vibrante múltipla **r** (FERNÁNDEZ, 2007; QUILIS, 2010; BRISOLARA; SEMINO, 2014). A fricatização em tais contextos emerge em decorrência do percurso de construção da interlíngua PB-ELE de aprendizes brasileiros.

O uso das unidades linguísticas interage com a substância, ou seja, com a forma e o sentido, agindo sobre a estruturação mental da língua (BYBEE, 2001). Dessa maneira, sutis mudanças na realização do detalhe fonético de determinado rótico acarretará mudanças na representação mental das palavras em que ocorre.

A frequência de ocorrência na língua tem papel crucial nos modelos multirrepresentacionais. O efeito da repetição de uma sequência lexical pode acarretar um aprendizado autônomo, sem levar em conta o significado das unidades que constituem a sequência. No tocante à FU, temos duas categorias de frequência: a de tipo e a de ocorrência.

A primeira se refere ao número de ocorrências de um determinado padrão linguístico, ou seja, está relacionada à produtividade de determinado padrão na língua, assim "quanto mais frequente for um determinado padrão, maior a sua produtividade. Novas construções teriam uma maior probabilidade de fazerem uso de um tipo mais frequente" (BARBOZA, 2013, p. 38). Sintetizando, podemos dizer que a alta frequência de tipo torna um esquema representacional mais acessível

para o uso em novos itens, tornando-o mais produtivo que tipos menos frequentes.

No que tange à frequência de ocorrência, Bybee (2008) enfatiza os efeitos da repetição dos itens de alta frequência, bem como sua autonomia e os efeitos de redução sonora. A autora propôs que o efeito da repetição implica que itens de língua estrangeira (doravante LE), cujos aprendizes são expostos com maior frequência, teriam uma produção mais distante da gramática fonológica de sua língua materna (doravante LM). Esse tipo de frequência pode exercer diferentes efeitos, dependendo das características do fenômeno.

Apesar de o aprendiz em sala de aula não ter o mesmo tipo de exposição que um nativo em sua LM, o fato não o impede de aprender com êxito uma LE. As mesmas habilidades cognitivas utilizadas na construção da LM (analogia, categorização, automatização, entre muitas outras) são aplicadas na construção de uma LE (BYBEE, 2008).

Assim como a FU, o Modelo de Exemplares (doravante ME) compartilha da concepção da multirrepresentacionalidade das representações linguísticas e formula parâmetros organizacionais de gerenciamento do conhecimento linguístico. Desse modo, optamos pela utilização de ambos os modelos nesta pesquisa.

A teoria de exemplares surgiu com Johnson e Mullennix (1997), que questionaram a irrelevância do detalhe fonético na representação mental, característica dos modelos fonológicos tradicionais. Os autores acreditavam que era possível e necessário o estudo do detalhe fonético e que seu armazenamento se daria em decorrência da frequência de ocorrência.

No tocante às representações mentais, os autores defendiam que eram complexas, visto que incorporavam o detalhe fonético de forma previsível, com mapeamento simples. Desse modo, o ME defende um mapeamento simples e uma representação mental complexa, assim, indo de encontro aos modelos fonológicos tradicionais.

Pierrehumbert (2001) discute algumas questões relacionadas à visão tradicionalista, tais como: a) o léxico dissociado da gramática e, consequentemente, da fonologia; b) uma única representação mental abstrata e idêntica para todos os falantes; e c) os padrões fonológicos vistos como propriedade do desempenho e não da competência. A autora defende que com o ME é possível avaliar o conteúdo das representações mentais e que esta teoria resolve a questão da grande variabilidade existente nas línguas.

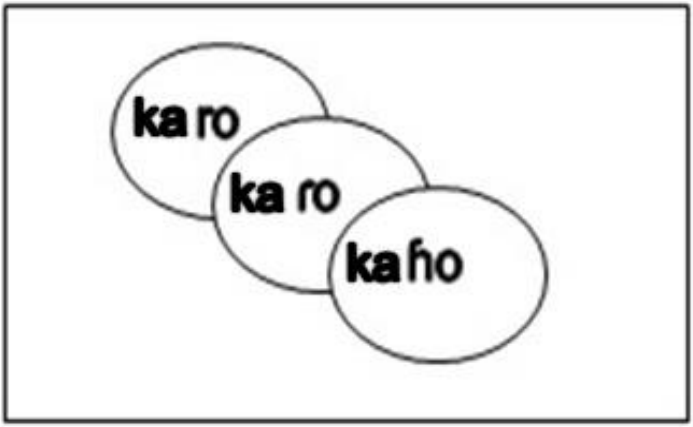
Para o ME, um exemplar pode ser considerado uma associação entre propriedades auditivas e um conjunto de rótulos categóricos associados às características pessoais dos falantes, tais como: sexo;

idade; região; condição social; entre outros. Esses exemplares são armazenados em forma de conjuntos ou nuvens, cujas propriedades estão mais próximas ou distantes de um dado exemplar prototípico (PIERREHUMBERT, 2001). Os exemplares são organizados num mapa cognitivo, no qual uma nuvem de exemplares abarca tanto informações linguísticas (contexto morfológico, fonético etc.) quanto extralinguísticas (fatores sociais, pessoais etc.).

A frequência de tipo é importante para a compreensão dos efeitos de produtividade, pois um grande número de palavras, com um tipo linguístico específico, é necessário para a produtividade – o que justifica seu armazenamento em nuvens e redes. Com relação ao detalhe fonético, é adquirido de forma gradual, associado diretamente à maior ou menor recorrência dos padrões. Um exemplo disso é a tendência do brasileiro de realizar a vibrante múltipla do espanhol como fricativa, em posição intervocálica. Na Figura 2, exemplificamos a competição que acontece com os róticos na interfonologia PB-ELE através de uma nuvem de exemplares na palavra *carro*.

Na Figura 2, apresenta-se o contexto fonotático **ro,** como na palavra *carro* do espanhol. Nessa nuvem de exemplares, os tipos fonéticos **ɦo**, **ɾo** e **ro** estão em competição. Essas sequências se relacionam por ajustes

Figura 2: Nuvem de exemplares em competição na palavra *carro*.



Fonte: Mesquita Neto (2018, p. 37).

fonéticos e articulatórios finos. O som fricativo é um atrator profundo por emergir do PB, língua dos informantes desta pesquisa. Assim, a fricativa entra em competição com a vibrante múltipla, que é a forma esperada da LE. Adicionalmente, a vibrante simples também pode emergir como realização mais aproximada da LE, mas ainda assim diferente da realização prototípica do som do espanhol. Adicionalmente, para o ME o detalhe fonético é aprendido como parte da palavra. Sons são realizados em contexto e a palavra é o lócus de representação mental, com a frequência desempenhando um papel crucial no mapeamento

fonológico (CRISTÓFARO-SILVA, 2003; MESQUITA NETO; BARBOZA, 2017). Na próxima seção, expomos nossos passos metodológicos.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de cunho quali-quantitativo, com metodologia quase-experimental e de corte transversal. Optamos por um estudo de caráter quantitativo, pois "seu objetivo é descrever ou explicar os seus achados, [...] se trabalha geralmente com mostras probabilísticas [...] cujos resultados têm a possibilidade de se generalizar à população em estudo" (ALVARENGA, 2014, p. 9).

Tivemos como *corpus* de análise a gravação de 10 professores de ELE das cidades de Mossoró e Pau dos Ferros, municípios do Rio Grande do Norte. Utilizamos os seguintes critérios para a seleção dos informantes: a) falantes do português brasileiro como LM; b) não apresentar problemas de audição e/ou fala; c) não ter períodos de residência fora do Brasil (em países de língua espanhola); d) não utilizar o espanhol com um cônjuge/parente próximo; e e) utilizar o falar potiguar do PB.

Como tratamos de um trabalho quase-experimental, é necessário apresentarmos as variáveis que levamos em consideração na aplicação dos

experimentos. Assim, iniciamos apontando a variável dependente: a realização do rótico no ELE. Desse modo, para avaliar a qualidade da realização, optamos por uma variável binária. Desse modo, verificamos se os informantes realizaram ou não as vibrantes (simples ou múltipla) em contextos específicos. Apresentada a variável dependente, partimos para as variáveis independentes:

a) Experiência de uso: o uso da língua é fundamental para este trabalho, visto que nos baseamos na FU e ME. Levamos em consideração o uso da oralidade dos informantes tanto em sala de aula quanto fora dela. Acreditamos que quanto mais o informante tenha contato com o ELE, mais ele se distanciará dos atratores da LM, como hipotetizado pela FU (BYBEE, 2001);
b) Frequência de ocorrência: ainda nos respaldando nos pressupostos da FU e do ME, analisamos a variável frequência de ocorrência e seus efeitos na emergência dos róticos. Buscamos organizar as palavras analisadas em itens mais e menos frequentes, posto que segundo essas teorias, a frequência de ocorrência, observada em *corpus* de espanhol nativo, pode influenciar na emergência de diversos fenômenos fonológicos. Assim, hipotetizamos que nos itens lexicais com maior frequência de ocorrência os róticos emergentes

sejam mais próximos da gramática fonológica alvo do espanhol; e

c) Tipo fonotático: verificamos os contextos fonotáticos com a finalidade de avaliar em quais deles há uma maior influência dos atratores do PB na realização da interfonologia do ELE. Os contextos analisados foram: vibrante simples e múltipla em posição intervocálica; encontro tautossilábico; coda medial e absoluta; e vibrante múltipla após <n>, <s> e <l>. Assim, as palavras foram selecionadas baseadas em sete diferentes contextos fonotáticos.

Dada a complexidade de análise das diversas variáveis apresentadas, fica clara a necessidade da elaboração de experimentos para a obtenção do *corpus* de análise. Desse modo, as pesquisas linguísticas que envolvem a aquisição e a aprendizagem de línguas devem partir de situações mais reais e espontâneas possíveis, assim como aponta Barboza (2013).

Para coletar os dados, optamos pela utilização de dois experimentos, sendo o primeiro a leitura de frases-veículo e o segundo uma atividade em que os sujeitos indicaram como chegar a determinados lugares, seguindo um mapa. Analisamos 770 *tokens* na pesquisa. No primeiro experimento analisamos 350 *tokens*, sendo 35 palavras lidas por cada sujeito. Já no segundo experimento, 14 palavras foram selecionadas, no

entanto, foram realizadas três vezes por cada informante, assim, totalizando 420 *tokens*.

Os meios físicos para a obtenção das gravações foram constituídos de um gravador digital profissional, do tipo Zoom H6, e um microfone, do tipo Shure SM 58. O gravador possui configurações que podem ser alteradas dependendo das condições do ambiente em que a gravação é realizada. O microfone utilizado foi um modelo dinâmico unidirecional, cuja frequência de resposta vai dos 50 aos 15.000Hz.

Realizamos as gravações em ambientes fechados onde conseguimos controlar ruídos de maneira razoavelmente eficiente. O estudo foi desenvolvido com a ajuda do programa computacional Praat versão 5.1.43 (BOERSMA; WEENINK, 2012), utilizado para a observação espectral e oscilográfica dos róticos do ELE. Os dados analisados nesta pesquisa foram primordialmente quantitativos. Utilizamos principalmente testes estatísticos de chi-quadrado em na análise, com o intuito de validar os resultados específicos desta amostra a toda a população de professores brasileiros de ELE. O programa estatístico utilizado na análise foi o SPSS, versão 20.1. Dados qualitativos foram também apresentados, principalmente na discussão de emergências dos róticos do ELE em padrões inesperados. Na próxima seção, realizamos a análise e discussão dos dados.

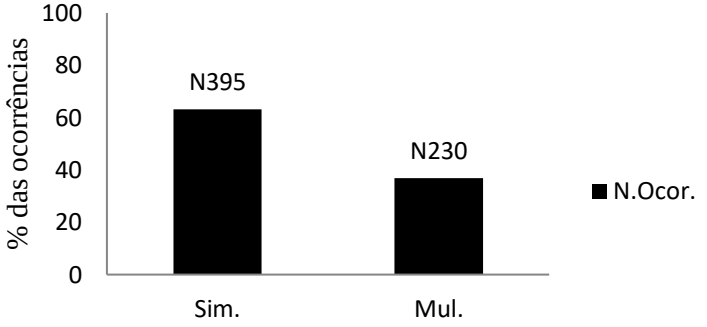
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção, realizamos a análise e discussão dos róticos desta pesquisa. Lembramos que os sons esperados eram: vibrantes simples ou múltiplas, assim como indica a gramática fonológica do espanhol. No entanto, elisões e fricatizações também surgiram como decorrência do atrator PB.

O Gráfico 1 ilustra as ocorrências dos dados totais das vibrantes nos diferentes contextos, à exceção da coda absoluta, em ambos os experimentos. Esta opção de análise decorreu de a coda absoluta apresentar a maior influência do atrator do PB neste estudo. No eixo vertical apresentamos as ocorrências em porcentagem. O eixo horizontal aponta as duas realizações analisadas (vibrantes simples e múltipla). A letra N remete ao número de realizações em cada grupo.

Observamos que os resultados, sem os dados de coda final, apontam diferença significativa entre as vibrantes. Tivemos 395 ocorrências com a emergência da vibrante simples, enquanto apenas 230 ocorrências emergiram com a vibrante múltipla. Mostrando que o som **ɾ** emerge de forma mais recorrente na interfonologia dos informantes.

Gráfico 1: Ocorrência das vibrantes, exceto coda absoluta.



$\chi^2(1) = 42{,}6$; $p < 0{,}01$

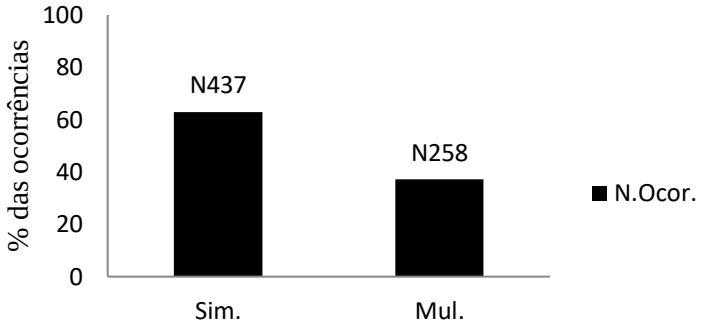
Fonte: os autores.

O resultado pode ser associado à força do atrator do PB, influenciando a realização do ELE. Apontamos, ainda, que houve 4 elisões e 31 fricativas. Ao acrescentarmos as codas finais ao gráfico, temos os dados apresentados no Gráfico 2.

Observamos que, em termos percentuais, os dados dos Gráficos 1 e 2 são quase idênticos. A diferença significativa é, portanto, mantida nesse caso, com preferência mais uma vez pela emergência da vibrante simples. Lembramos que, assim como apontado por Brisolara e Semino (2014), para o tipo fonotático coda final, espera-se tanto a vibrante múltipla quanto a simples, pois para esse contexto o rótico do espanhol se

neutraliza. Apesar de haver a possibilidade do uso de ambas as vibrantes, notamos que a vibrante simples emerge com mais força. Assim, dos valores apresentados no Gráfico 2, 70 ocorrências se referem às codas finais, sendo 42 vibrantes simples e 28 múltiplas.

Gráfico 2: Ocorrência das vibrantes, incluindo coda absoluta.



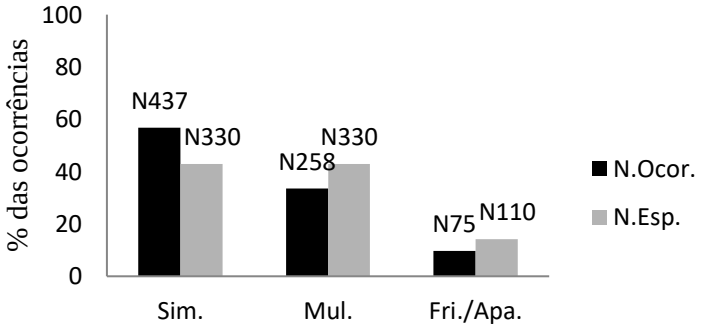
$\chi^2(1) = 45{,}6; p < 0{,}01$

Fonte: os autores.

No Gráfico 3, apresentamos as ocorrências realizadas pelos informantes (em barras negras) e os dados totais aqui analisados nos experimentos (em barras cinzas). Cada par de barras indica os valores observados e esperados para ocorrências de: vibrante simples; vibrante múltipla; elisões/fricativas. Enfatizamos que no espanhol não se espera fricatizações

ou elisões, mas elas emergem devido a influência dos atratores associados ao PB. Desse modo, o N110 corresponde ao tipo fonotático onde o rótico se neutraliza na língua espanhola.

Gráfico 3: Número de ocorrências x número esperado.



$\chi^2(2) = 61{,}5;\ p < 0{,}01$

Fonte: os autores.

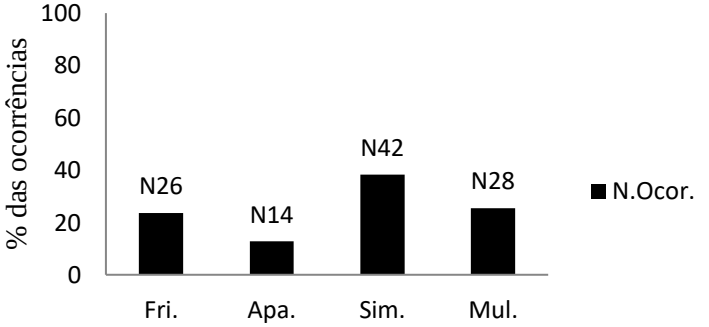
Analisamos 330 *tokens* em que se esperava uma vibrante simples e o mesmo número para a vibrante múltipla. No entanto, tivemos 437 ocorrências de **ɾ** e 258 de **r**. Assim sendo, o número de ocorrências das vibrantes simples foi superior ao número esperado, diferentemente da vibrante múltipla, que foi inferior. No tocante à emergência das fricativas e elisões, observamos que houve 75 casos que variaram entre fricativas e apagamentos: posição de coda absoluta (40), coda

medial (21), vibrante múltipla em posição intervocálica (10), <n, s, l> + vibrante (3) e onset inicial (1). Existe um consenso de que, no espanhol, os róticos se resumem em dois tipos de realizações: vibrantes simples e múltiplas (BRANDÃO, 2003). Todavia, a neutralização em posição de coda absoluta na gramática fonológica do espanhol é permitida (BRISOLARA; SEMINO, 2014).

Assim, concluímos que os resultados apontam diferença significativa na realização dos róticos do ELE, pois o número de ocorrências é distinto do número esperado. No geral, as vibrantes simples emergem de forma mais recorrente do que as vibrantes múltiplas. Notamos também que a posição de coda final apresenta maior variação, o que reflete a profundidade do atrator associado à LM dos informantes. Dessa forma, a coda absoluta é uma zona em que os atratores das duas línguas permanecem em competição por um longo período. Já nos demais contextos, a emergência de vibrantes simples e múltipla apresenta competição bem menos marcante.

Em espanhol, o rótico em posição final se neutraliza (FERNÁNDEZ, 2007; QUILIS, 2010), ou seja, é possível a realização tanto da vibrante simples quanto da múltipla sem alteração no significado da palavra. Desse modo, apresentamos o Gráfico 4, em que apontamos as realizações referentes ao tipo fonotático coda absoluta.

Gráfico 4: Número de ocorrências em posição de coda absoluta.



$\chi^2(3) = 14{,}4$; $p < 0{,}01$

Fonte: os autores.

Os dados apontam que, dentro da interfonologia PB-ELE, a posição de coda final apresenta marcante variação, pois emergiram diferentes realizações. Analisamos um total de 110 *tokens* em posição final, destes, emergiram 26 fricativas, 14 elisões, 42 vibrantes simples e 28 vibrantes múltiplas. A análise estatística indica diferença significativa entre os valores analisados, em que a vibrante simples lidera a emergência também neste contexto fonotático, como observamos no Gráfico 4. Aparentemente ocorre uma competição entre os atratores associados às realizações fricativa e vibrante múltipla, visto que os resultados são bem próximos, em

nível inferior ao observado na vibrante simples. Finalmente, o apagamento é o padrão emergente menos utilizado na posição de coda absoluta dos informantes desta pesquisa.

Os dados apontam marcante tendência pela emergência da vibrante simples em comparação com a múltipla, com a análise estatística confirmando essa tendência. Reforçamos que a vibrante simples apresenta um atrator mais robusto, assim como apresentado em diversas pesquisas sobre a interfonologia do PB-ELE, tais como as de Oliveira (2006) e Silva (2007).

Por sua vez, Carvalho (2004), Silva (2007) e Gomes (2013) apontam que existe uma tendência a um Índice de Realização Não-Padrão (doravante IRNP) mais elevado em contextos em que o rótico seja uma vibrante múltipla, assim como apresentamos. No entanto, também verificamos que, a neutralização do rótico em posição final está associado a um IRNP elevado, caracterizado pelas realizações fricativas e com apagamento.

Ainda no que concerne ao tipo fonotático, a vibrante simples predomina em todos os contextos fonotáticos. Existe uma competição mais forte em contextos relacionados à vibrante múltipla. Nos contextos associados à realização da vibrante simples, a posição tautossilábica é a menos susceptível à variação. Já no tipo fonotático <n, l, s> + vibrante há uma forte competição entre os atratores (vibrantes simples e

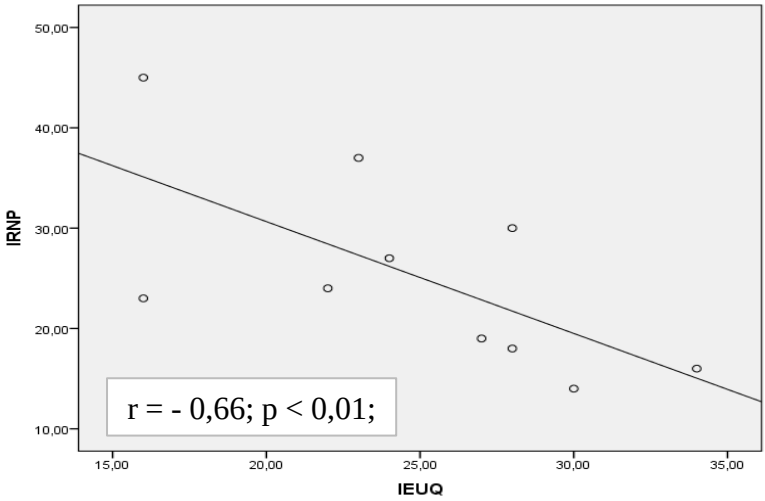
múltipla). Em posição de onset, o atrator associado à realização da vibrante múltipla é marcadamente mais forte. Em posição de coda absoluta, há um maior número de apagamento e/ou fricatização. Por fim, a emergência da vibrante simples é maior mesmo no contexto da vibrante múltipla intervocálica, em que é marcada na ortografia como <rr>.

Sobre a frequência de ocorrência, dividimos os diversos itens lexicais analisados em dois grupos, o de alta e o de baixa frequência. Os resultados da análise dos dados da emergência das vibrantes apontam para uma tendência semelhante da emergência das vibrantes simples em ambos os grupos. Além disso, existe uma maior tendência pela emergência indevida de fricativas e apagamento em palavras de alta frequência. No entanto, a análise estatística reporta diferença não significativa na análise deste conjunto de dados ($\chi^2(1) = 0,3$; $p = 0,61$). Devido ao resultado, optamos por reportar os referidos dados de forma breve neste parágrafo.

Por fim, tratamos da experiência de uso. Para isso, criamos um Índice de Experiência de Uso no Questionário (doravante IEUQ) quantificado através de um formulário de anamnese. O IEUQ busca retratar quantitativamente o uso do ELE pelos informantes tanto em ambientes formais e informais. O IEUQ é obtido através da quantificação do questionário e a soma do total das respostas. Assim, conseguimos chegar a uma

configuração dos informantes sobre sua maior ou menor utilização do ELE. A seguir, apresentamos, no Gráfico 5, a correlação entre o IRNP e o IEUQ.

Gráfico 5: Índice de Realização Não-Padrão (IRNP) x Índice de Experiência de Uso Questionário (IEUQ).



Fonte: os autores.

Ao observarmos o Gráfico 5, percebemos que existe uma correlação entre as variáveis IRNP e IEUQ. A correlação é negativa, uma vez que o aumento do IRNP parece associado à diminuição do IEUQ. A análise estatística indica uma correlação negativa significativa de grau médio do ponto de vista da experiência de uso individual.

Os informantes com maior IEUQ são aqueles com menor IRNP. Em ordem crescente de IRNP temos: L2 – L1 – L4 – M4 – L3 – M5 – M3 – L5 – M2 – M1. Fazendo a relação do IEUQ e dos informantes temos o seguinte resultado: L1 (34), L2 (30), L3 (28), L4 (28), L5 (24), M1 (16), M2 (23), M3 (22), M4 (27) e M5 (16). O número apresentado entre parênteses é a soma quantificada do IEUQ de cada informante. Esperávamos que os informantes L1, L2, L3, L4 e L5 apresentassem os menores IRNP, visto que estes fazem parte do grupo de alta experiência de uso enquanto os demais estão incluídos no grupo de baixa experiência, por consequência, esperávamos que apresentassem os maiores IRNP.

Notamos que do grupo pertencente aos de alta experiência de uso, o informante L5 é o que mais se distancia na relação IRNP x IEUQ. Os informantes L2 e o L1 apresentam uma relação bastante aproximada dos resultados. Já com relação ao grupo de baixa experiência, percebemos que M4 apresenta um IRNP menor que L3, diferentemente do que esperávamos. Os dados apontam que, apesar de a análise estatística ter deixado clara a correlação negativa entre o IRNP e o IEUQ, a correlação apresenta exceções que apenas a análise qualitativa, como realizada anteriormente, pode observar. A seguir, apresentamos nossas considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo geral analisar a realização das vibrantes por professores potiguares de espanhol. Tivemos como objetivos específicos: a) verificar se a experiência de uso com a língua oral influência na interfonologia do PB - ELE; b) examinar como a frequência de ocorrência interfere na emergência das vibrantes; e c) verificar em quais contextos fonotáticos há maior influência da língua materna.

Partimos da seguinte questão problema: como a frequência de ocorrência, a experiência de uso e os contextos fonotáticos influenciam na emergência das vibrantes de professores potiguares do espanhol? Temos como hipótese básica de que a emergência das vibrantes, dentro da interfonologia PB-ELE, se dá com base na influência da experiência de uso do ELE e da língua materna. Portanto, a posição de coda será a que apresentará a maior variabilidade, visto que no PB é a posição que mais apresenta essa possibilidade.

Dessa forma, podemos afirmar que nossa hipótese foi confirmada parcialmente, visto que a posição de coda absoluta é o contexto fonotático em que há maior variabilidade, uma vez que o atrator profundo associado ao PB atua de forma mais robusta no ELE. Porém, outros contextos fonotáticos associados com a realização da vibrante múltipla também apresentam

competição, como o intervocálico. Ademais, no que concerne à experiência de uso dos informantes, o grupo de baixa experiência produziu com mais frequência sons que se distanciavam da realização padrão da gramática fonológica do espanhol. Não obstante, dados estatísticos apresentam apenas diferença não significativa entre os grupos.

Finalmente, ao analisarmos a correlação entre o Índice de Realização Não-Padrão (IRNP) e o Índice de Experiência de Uso no Questionário (IEUQ), observamos uma correlação negativa, uma vez que quanto maior o IEUQ menor o IRNP dos informantes analisados neste estudo. Todavia, é importante destacar que a correlação não é linear, uma vez que informantes com maior ou menor IEUQ podem comportar-se de maneira distinta de seus pares. Os resultados indicam a necessidade de aprofundarmos a análise da variável indivíduo em estudos futuros.

Consideramos os resultados aqui apresentados relevantes para todos que queiram se aprofundar nos estudos interfonológicos dos róticos na interfonologia PB-ELE, sejam professores, alunos ou pesquisadores. Além disso, o conhecimento aprofundado das regras da gramática fonológica da LM e da LE nos permite menores possibilidades de realizações não padrão da segunda língua. Em suma, concluímos que o detalhe fonético do PB deve ser observado como importante na

construção da fonologia do ELE de professores brasileiros. Além disso, esperamos que este trabalho sirva de alicerce para novas pesquisas nesta área.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Estelbina. **Metodología de la investigación cuantitativa y cualitativa.** 5ª ed. Asunción: Diseños. 2014.

BARBOZA, Clerton Luiz. **Efeitos da palatalização das oclusivas alveolares do português brasileiro no percurso de construção da fonologia do inglês língua estrangeira.** 2013. 165f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

BOERSMA, Paul, WEENIK, David. **Praat**: doing phonetics by computer. Version 5.1.43. Disponível em: http://www.praat.org. 2012.

BRANDÃO, Luciana Rodrigues. **Yo hablo. Pero...¿Quién corrige?:** A correção de erros fonéticos persistentes nas produções em espanhol de aprendizes brasileiros. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Curso de Pós-Graduação em Linguística

Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

BRISOLARA, Luciene; SEMINO, Maria. **¿Cómo pronunciar el español? La enseñanza de la fonética y la fonología para brasileños: Ejercicios prácticos.** Campinas: Pontes Editores. 2014.

BYBEE, Joan. **Phonology and language use.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BYBEE, Joan. Usage-based grammar and second language acquisition. In: ROBINSON, Peter; ELLIS, Nick C. **Handbook of cognitive linguistics and second language acquisition.** New York: Routledge, 2008. p. 216-236.

CARVALHO, Kelly Cristiane. **Descrição fonético-acústica das vibrantes no português e no espanhol.** 2004. 213f. Tese (Doutorado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. Descartando fonemas: a representação mental na fonologia de uso. In: HORA, Dermeval da; COLLISCHON, Gisela. **Teoria linguística:**

fonologia e outros temas. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 200-231.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. Fonologia probabilística: estudos de caso do português brasileiro. **Lingua(gem)**, Macapá, v. 2, n. 2, p.223-248, 2005.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais; GOMES, Christina. Representações múltiplas e organização do componente linguístico. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n. 1, 2004, p. 147-177.

FERNÁNDEZ, Juana. **Fonética para profesores de español: de la teoría a la práctica.** Madrid: Arco/libros. 2007.

GOMES, Aline Silva. **A vibrante múltipla espanhola em aprendentes de Espanhol como língua estrangeira na Bahia e em São Paulo: uma abordagem sociolinguística.** 2013. 125f. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Curso de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

JOHNSON, Keith; MULLENNIX, John W. Complex representations used in speech processing: overview of the book. In: JOHNSON, K.; MULLENIX, J. W. (Ed.).

Talker variability in speech perception. San Diego: Academic Press, 1997. p. 1-8.

MESQUITA NETO, José. R. **Interfonologia dos róticos na realização de professores de espanhol como língua estrangeira:** uma visão multirepresentacional. 2018. 144f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Curso de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2018.

MESQUITA NETO, José Rodrigues de; BARBOZA, Clerton Luiz Felix. A interfonologia dos róticos do português brasileiro e do espanhol. **Revista Colineares**, Mossoró, v. 4, n. 1, p. 3-22, jun. 2017.

OLIVEIRA, Carolina Cardoso. **Aquisição das consoantes róticas no português brasileiro e no espanhol:** um estudo comparativo. 2006. 175f. Tese (Doutorado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PIERREHUMBERT, Janet B. Exemplar dynamics: word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul (Comp.). **Frequency and the emergence**

of linguistic structure. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 137-158.

QUILIS, Antonio. **Principios de fonología y fonética españolas.** Madrid: Arco Libros. 2010.

SILVA, Kátia Cilene. **Ensino-Aprendizagem do espanhol: O uso interlinguístico das vibrantes**. 2007. 161f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

[1] Abordagens que têm por base Modelos Multirrepresentacionais defendem a não-distinção entre os níveis fonético e fonológico. Por isso, optamos pelo não uso de colchetes [...] e barras transversais /.../ para apresentar os níveis fonético e fonológico, mas, o uso de **negrito** para indicar a falta de distinção entre os níveis fonético e fonológico.

Retornar ao Sumário

Capítulo 5

INTERFONOLOGIA RÓTICA POR APRENDIZES BRASILEIROS DE INGLÊS LÍNGUA ADICIONAL

Miriam Gurgel da Silva
Clerton Luiz Felix Barboza

#Róticos
#Interfonologia
#Inglês Língua Adicional

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa discute a emergência da interfonologia dos róticos, envolvendo o Português Brasileiro (PB) e o Inglês Língua Adicional (ILA) na realização de aprendizes brasileiros. Em razão disso, este artigo tem como objetivo geral analisar o comportamento interfonológico do rótico no ILA, levando em consideração a variável contexto fonotático, através de um *corpus* de fala coletado em Mossoró - RN.

Pesquisas sobre a influência de padrões sonoros do PB no desenvolvimento fonológico da ILA vêm sendo desenvolvidas, dentre eles, Barboza (2013), Nascimento (2016), Camargos (2013), considerando as variedades do PB. Este artigo leva em conta a variedade do PB utilizada na região potiguar, uma vez que não foi reportado a ocorrência do rótico retroflexo [ɹ] no PB nesta região do país (MESQUITA NETO, 2018; SILVA, 2019).

No PB, a variabilidade fonética dos róticos está associada, principalmente, enquanto tepe **ɾ** inter-vocálico, como na palavra a[**ɾ**]a[**ɾ**]a, ou em encontros consonantais tautossilábicos, como em t[**ɾ**]eva (CÂMARA JR., 1977). O rótico do PB também se caracteriza pela produção das fricativas róticas **h** e **ɦ**, ocorrendo em posição pré-vocálica como em [**ɦ**]io, em posição intervocálica como em ma[**ɦ**]a, posição pós-vocálica como em ama[**h**] e pa[**h**]te (RENNICKE, 2015). Há também a variedade do rótico retroflexo [ɹ] no PB

como em ma[ɹ] e pa[ɹ]te. Salientamos que os dados reportados neste artigo têm como base falantes do PB que apresentam a variedade do rótico fricativo glotal em posição de coda medial e coda absoluta, bem como a realização do tepe em encontro tautossilábico e em posição intervocálica (SILVA, 2019).

No inglês, as variedades associadas ao rótico são divididas pela produção da consoante retroflexa [**ɹ**] (variedade rótica); ou pelo apagamento (variedade não rótica) em posição de coda final e em final de sílaba seguida de consoante (SCOBBIE, 2008). Pesquisas sobre a variabilidade inerente à classe dos róticos têm despertado o interesse dos estudos sociolinguísticos e áreas afins (LINDAU, 1985; MONARETTO, 1997; CALLOU; SERRA, 2002). No entanto, poucos estudos em interfonologia dos róticos do PB-ILA considerando as variedades do PB foram realizados.

O interesse do presente trabalho partiu da dissertação do Mestrado em Ciências da Linguagem na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O texto foca na análise do contexto fonotático, no intuito de perceber em qual contexto o rótico do ILA representa maiores desafios ao aprendiz. As dificuldades observadas são decorrentes da proximidade grafo-fonêmica entre os dois idiomas, uma vez que a estrutura fonotática tende a se ordenar de maneira similar. A semelhança entre os contextos fonotáticos nos dois idiomas, além da proximidade grafo-fonêmica,

justificam a importância de explorar os padrões interfonológicos do rótico no intuito de compreender como os padrões já estabelecidos no PB se manifestam no comportamento interfonológico do rótico do ILA.

O conhecimento acerca da variação dos róticos no PB e sua influência no desenvolvimento fonológico do ILA também favorece a criação de estratégias pedagógicas que considerem o ensino explícito da fonética e fonologia como um aspecto primordial para a aprendizagem do ILA. A discussão apresentada sobre a variedade dos róticos no PB e os diversos falares regionais no Brasil auxiliam no entendimento sobre o comportamento interfonológico do rótico por aprendizes brasileiros de ILA, considerando os falares regionais.

Além da Introdução que constitui a primeira seção, a organização textual do presente trabalho está composta pelo Referencial Teórico apresentado na segunda seção. A base teórica adotada segue os pressupostos dos Sistemas Adaptativos Complexos (SAC), conforme Larsen-Freeman (1997), Beckner et al. (2009), De Bot et al. (2007), dentre outros. Em consonância com esta proposta teórica está a abordagem da Fonologia de Uso por Bybee (2010) e do Modelo de Exemplares por Pierrehumbert (2001). Na terceira seção, expomos a Metodologia, descrevendo o desenho da pesquisa, a delimitação e a seleção dos contextos fonotáticos. Na quarta seção apresentamos a análise por

meio da discussão dos resultados encontrados, referentes à produção dos róticos no ILA pelos informantes. Por fim, a quinta seção apresenta as conclusões desta pesquisa, seguindo das referências bibliográficas. Passemos à segunda seção, de Fundamentação Teórica deste estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A concepção de SAC adotada neste trabalho tem como base a Teoria da Complexidade, pois possibilita uma análise holística de sistemas dinâmicos, abertos e conectados em redes. Segundo Morin (2005), o paradigma da Teoria da Complexidade permite a análise holística de sistemas dinâmicos complexos, pois possibilita uma análise não fragmentada, pluridimensional e transdisciplinar.

Em um SAC, os elementos estão interligados, o que faz com que mudanças em um elemento provoquem impacto em outros elementos que compõem o sistema (DE BOT et al., 2007). Isto é, qualquer variação nas condições iniciais de um elemento pode acarretar grandes consequências para o sistema a longo prazo. Outra manifestação que caracteriza o comportamento de um SAC diz respeito a uma rede de possibilidades de comportamentos esperados convergirem ao redor de um estado atrator. Conforme Larsen-Freeman e Cameron (2008), os atratores são estados de comportamento

temporário pelos quais o sistema complexo apresenta maior propensão. Isto é, novas formas de comportamento podem emergir em decorrência da força exercida no sistema pelo atrator. Assim, as discussões a respeito da Teoria dos SACs servem de base para entender a linguagem enquanto SAC.

Adiante serão discutidas as contribuições da Teoria dos SACs para os estudos em linguística e aprendizagem de Língua Adicional (LA), conforme autores como Larsen-Freeman (1997), Beckner et Al., (2009), dentre outros.

2.1 A aprendizagem de LA como Sistema Adaptativo Complexo

Larsen-Freeman e Cameron (2008) propõem o uso da Teoria da Complexidade nos estudos da Linguística e atentam para a ideia de causalidade recíproca no comportamento do sistema. Isto é, a intencionalidade do falante influencia na mudança do sistema. Porém, essa transformação dá-se além da influência do usuário. A Teoria da Complexidade aplicada à linguística possibilita a compreensão dos aspectos contextuais que influenciam o comportamento linguístico do falante, tais como as formas complexas do pensamento, a interação entre os falantes e as propriedades do discurso.

Assim, a língua é constituída por múltiplos elementos em interação, que resultam em comportamentos emergentes, não fixos, imprevisíveis e adaptativos. Por outro lado, falantes reproduzem sequências de formas ouvidas anteriormente, que vão se fortalecendo e automatizando na mente. Isso demonstra que a língua apresenta características de adaptabilidade, variabilidade e imprevisibilidade, uma vez que os múltiplos subsistemas estão interconectados, de modo que o desenvolvimento linguístico do falante é resultado dessas interações. As estruturas organizam-se através dos *inputs* recebidos, a partir das experiências inter-relacionadas que os falantes possuem no idioma. Isso explica por que as estruturas que são mais recorrentes contribuem para o armazenamento do conhecimento linguístico na memória do falante.

Comportamentos linguísticos da LA são influenciados por mecanismos perceptivos da língua materna, de modo que torna mais desafiador perceber e reproduzir estruturas que não acontecem no inventário fonológico materno. A título de exemplo, temos o grafema <r> que se encontra associado à produção de diferentes sons, em diversos contextos distribucionais, nas diversas línguas no mundo. O aprendiz de LA pode associar um som ao grafema a partir do conhecimento fonológico previamente internalizado da sua língua materna.

As similaridades entre duas línguas nos levam a pensar acerca da sensibilidade do sistema às condições iniciais e às condições externas, já que as mudanças do sistema operam conforme tais condições. A sensibilidade do sistema diz respeito à possibilidade de convergência de determinados estados, caracterizando um estado atrator. Durante o percurso de aprendizagem, os padrões fonotáticos da língua materna caracterizam forte atrator na emergência do comportamento linguístico da LA. Por isso, novas formas de comportamento linguístico podem emergir em decorrência da similaridade entre as duas línguas.

A partir desses apontamentos, as interações entre os elementos do sistema implicam que a interfonologia do aprendiz de uma LA jamais atinge a um estado final. Por isso, o aspecto da experiência do aprendiz durante o percurso de aquisição vai depender de variáveis como *input* linguístico. Assim, pouco *input* da LA resulta em transferências dos padrões da língua materna (PIERREHUMBERT, 2001).

Portanto, a língua enquanto SAC apresenta uma visão fonológica emergente, que considera a interação dos múltiplos agentes. Neste intuito, utilizamos o Modelo de Exemplares (PIERREHUMBERT, 2001) e a Fonologia de Uso (FU) (BYBEE, 2001), associados em uma visão fonológica multirrepresentacional, que coadunam com visão de língua enquanto SAC.

2.2 Os Róticos Enquanto Fenômeno Complexo e Multirrepresentacional

Adotamos o marco teórico do Modelo e Exemplares[1] (PIERREHUMBERT, 2001; JOHNSON, 2007). O modelo é norteado por parâmetros da Linguística Probabilística em que o uso, a frequência e o *input* são importantes na construção da representação fonológica. Esses modelos divergem dos modelos tradicionais em que a linguagem é dissociada do uso e considerada inata. Assumimos tais modelos neste estudo, pois considerarmos que a representação mental é resultado das experiências prévias do aprendiz de LA (BYBEE, 2001).

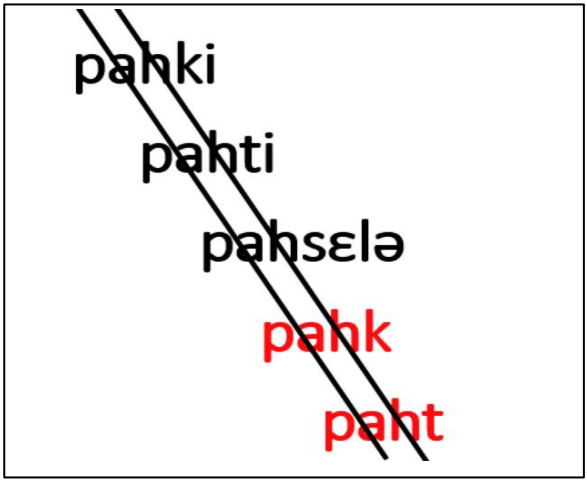
Ressaltamos ainda a importância dos pressupostos da Fonologia de Uso (BYBEE, 2001) para compreendermos os róticos enquanto fenômeno complexo e multirrepresentacional. O modelo deriva da concepção de língua enquanto SAC, já que o estudo da língua com foco apenas nas estruturas não é suficiente, pois desconsidera aspectos importantes da linguagem (BYBEE, 2001).

Conforme a Fonologia de Uso, a capacidade de organização e categorização do conhecimento linguístico subjacente é fruto do uso real da língua e mantida pela capacidade cognitiva humana de armazenar e automatizar estruturas recorrentes. Além disso, os itens

lexicais se organizam em rede e se articulam por meio de associações entre os níveis fonológico, sintático, semântico, etc. É na esteira dessa concepção que o aspecto da frequência influencia na organização mental do falante, fazendo com que as estruturas fonológicas mais frequentes sejam suscetíveis à adaptação. Isto é, as experiências mais frequentes das estruturas ajudam a fortalecer os exemplares linguísticos na representação mental do falante, enquanto as experiências menos frequentes se tornam menos robustas. Assim, a frequência de exemplares de experiência linguística representa impacto na representação mental do falante durante o percurso de aprendizagem da LA (BYBEE, 2001).

Palavras ou estruturas fonotáticas que são mais frequentes apresentam exemplares mais robustos em relação àquelas menos frequentes, o que faz com que as primeiras sejam mais facilmente acessadas e mais suscetíveis à mudança fonética em consequência do uso. Desse modo, quando um falante se depara com um item lexical, um novo exemplar desse item é armazenado na representação mental. Os exemplares são organizados em redes de generalizações que se conectam em diversos níveis. A Figura 1 demonstra a rede de combinações do rótico aproximante retroflexo da interlíngua PB-ILA. As três primeiras palavras se referem ao PB (parque, parte, parcela) e as duas últimas ao Inglês (*part* e *park*).

Figura 1 - Organização dos róticos da interlíngua PB-ILA em redes.



Fonte: elaborada pelos autores.

A Figura 1 demonstra a relação dos esquemas mentais por meio da associação entre PB e ILA. As linhas contínuas representam as relações entre as sequências fonotáticas do PB (representadas em preto) e do inglês (em vermelho). Os falantes do PB que apresentam a realização do rótico em posição de coda como fricativa glotal **h** tenderão a sofrer influência dos padrões fonológicos da língua materna, durante o percurso de aprendizagem de ILA. A realização esperada do rótico no inglês para este contexto fonotático pode ser representada tanto como o apagamento, ou como produção do retroflexo aproximante **ɹ**. Todavia, o

aprendiz que tem o rótico fricativo **h** como variedade no PB tenderá, inicialmente, a utilizar o padrão fonológico da língua materna.

É importante ressaltar que a variabilidade fonética dos róticos no PB nas três palavras do PB representadas na Figura 1, também pode estar associada com a produção do retroflexo aproximante ɹ (AMARAL, 1982). Ressaltamos também que os róticos do PB podem variar quanto à sua classificação fonética conforme o contexto distribucional. É o caso do tepe **ɾ** em contexto intervocálico, como na palavra a[**ɾ**]a[**ɾ**]a, ou em encontros consonantais tautossilábicos, como em t[**ɾ**]eva (CÂMARA JR., 1977). A produção do rótico no PB também pode ocorrer enquanto glotal vozeada em contexto de posição pré-vocálica como em [**ɦ**]io, em posição intervocálica como em ma[**ɦ**]a, bem como posição pós-vocálica como em pa[**ɦ**]do (RENNICKE, 2015).

Conforme mencionado, o grafema <r> no PB está associado à produção de diferentes sons e pode ocorrer em diferentes contextos fonotáticos. Essas variações podem influenciar na representação mental do aprendiz e na emergência do rótico do ILA. O aprendiz de ILA pode associar o som do rótico no inglês ao grafema a partir do conhecimento fonológico previamente internalizado do PB. A produção do rótico retroflexo do inglês por falantes que têm a fricativa ou o tepe como variedade no PB, tende a sofrer influência desses

padrões. Portanto, as dificuldades na produção do rótico no inglês decorrem das categorizações de itens armazenados na memória dos informantes (BYBEE, 2001).

No inglês, o rótico emerge como retroflexo ɹ em contexto pós-vocálico, em início de palavra, em encontro tautossilábicos e em coda silábica. A variação do rótico no inglês se distingue em dois dialetos: o britânico *Received Pronunciation*, considerado não rótico, e o *General American*, considerado rótico (CRISTÓFARO-SILVA; CAMARGOS, 2016; SILVA; BARBOZA, 2017). A variedade rótica tem como característica a produção do retroflexo ɹ em contextos fonotáticos em posição de coda (*park*, *car*). A variedade não rótica é caracterizada pela elisão em posição de coda não seguida por vogal (**pa:k**, **ka:**).

A interfonologia dos róticos do PB-ILA em uma perspectiva multirrepresentacional envolvendo falantes que apresentam o retroflexo e o tepe como variedade do PB já foi objeto de pesquisas feitas por Camargos (2013) e Cristófaro-Silva e Camargos (2016). Nestes estudos foi possível observar a produção do rótico do ILA por aprendizes mineiros, variedade do PB marcada pelo uso do retroflexo. Os resultados indicaram que a apropriação do retroflexo ɹ por aprendizes brasileiros de ILA na variedade analisada representou índices altos de realização do rótico, mesmo entre aprendizes iniciantes. Os resultados coadunam com os pressupostos dos

Modelos Multirrepresentacionais, em que a categorização ocorre baseada na similaridade ou correspondência dos sons entre as línguas (BYBEE, 2001; PIERREHUMBERT, 2001).

A Fonologia de Uso (BYBEE, 2001) e a Teoria de Exemplares (JOHNSON, 2007; PIERREHUMBERT, 2001) oferecem uma concepção de processamento cognitivo ancorada nas representações fonológicas do falante. Por essa razão, este estudo ressalta os róticos enquanto fenômeno multirrepresentacional. Passamos na próxima seção ao delineamento metodológico desta pesquisa.

3 METODOLOGIA

Este estudo é uma pesquisa quantitativa, por meio de análise estatística de dados (ALVARENGA, 2012). A coleta de dados se deu por meio da gravação de áudio (PEREYRON, 2008). O trabalho também segue metodologia quase-experimental utilizada para estudos fonético-fonológicos (BARBOZA, 2013). Foi utilizado o corte transversal, que se caracteriza pela coleta de dados realizada em todos os grupos de informantes, num mesmo momento.

A pesquisa tem como foco a interfonologia envolvendo os róticos do PB-ILA, por meio da variável contexto fonotático. A escolha pela análise desta variável segue os preceitos da FU (BYBEE, 2010) uma vez que o

sistema fonológico é construído em redes de similaridade fonotática. A hipótese é de maior realização do rótico fricativo **h** do PB em determinados contextos, dentre eles o contexto pós-vocálico e coda absoluta. Também é esperado a realização do tepe **ɾ** em encontro tautossilábico e em contexto intervocálico.

Para isso, delimitamos os informantes enquanto aprendizes potiguares de ILA, residentes em Mossoró-RN. A escolha da cidade se deu pela não ocorrência do retroflexo **ɹ** do PB (BRANDÃO, 2007; MESQUITA NETO, 2018) em seu falar regional. Além disso, não encontramos estudos sobre interfonologia PB-ILA envolvendo falantes oriundos desta região, o que contribui para o entendimento acerca da interfonologia dos róticos, considerando esta variedade do PB.

O *corpus* da pesquisa foi constituído a partir da coleta de dados de informantes matriculados no curso de Letras Língua Inglesa, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Foram selecionados 20 informantes distribuídos em dois grupos: o primeiro grupo apresenta menor experiência de uso do ILA e o segundo grupo apresenta maior experiência no ILA. O primeiro grupo, com menor experiência de uso, apresenta até dois semestres decorridos de instrução em ILA. O segundo grupo, com maior experiência de uso, apresenta pelo menos seis semestres de instrução em ILA.

As palavras selecionadas para análise do inglês foram feitas com o intuito de verificarmos as possíveis realizações dos róticos no ILA pelos informantes. No geral, foram selecionadas vinte e quatro palavras do inglês, que apresentam seis contextos fonotáticos em que o rótico ocorre. Cada contexto fonotático foi selecionado conforme a similaridade distribucional entre os dois idiomas. Escolhemos quatro palavras para representar cada uma das possibilidades de contexto fonotático. A seleção de palavras é apresentada no Quadro 1.

Quadro 1: Palavras do inglês e contextos fonotáticos.

CONTEXTOS FONOTÁTICOS	PALAVRAS
Onset em início de palavra (OIP)	*red, rock, read, roof*
Final de sílaba seguida de consoante (FSSC)	*park, part, fork, north*
Posição intervocálica com um R (PI-R)	*zero, story, diary, very*
Posição intervocálica com dois Rs (PI-RR)	*merry, sorry, carry, marry*
Coda absoluta (CA)	*car, bar, door, four*
Encontro consonantal tautossilábicos (ECT)	*fruit, contract, atribute, grape*

Fonte: elaborada pelos autores.

Dentre as vinte e quatro palavras selecionadas, incluímos nove palavras quase homófonas-homógrafas entre os dois idiomas. Nesta pesquisa, consideramos palavras quase homófonas-homógrafas aquelas que apresentam grafias e sons similares em PB e inglês. As palavras quase homófonas-homógrafas estão representadas no Quadro 2.

Quadro 2: Palavras quase homófonas-homógrafas em PB e inglês.

bar	bar
park	parque
diary	diário
part	parte
contract	contrato
attribute	atributo
zero	zero
fruit	fruto
story	estória

Fonte: elaborada pelos autores.

Na seleção das palavras para o experimento do inglês, não houve restrição quanto às classes gramaticais, pois interessou verificar de que maneira o rótico do ILA emerge em cada contexto fonotático. Considerando a participação dos 20 informantes, coletamos 2.440 dados

no experimento do inglês. A análise e discussão dos dados são apresentados na seção 4, a seguir.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Esta seção apresenta dados relativos à realização dos róticos do ILA em diferentes contextos fonotáticos. A análise do contexto fonotático segue os princípios da Fonologia de Uso (BYBEE, 2010) e da Teoria de Exemplares (PIERREHUMBERT, 2001), uma vez que o tipo fonotático exerce influência para a construção da organização em rede da interfonologia entre os róticos do PB-ILA. O detalhe fonético na língua materna é relevante na representação mental do falante, podendo influenciar a emergência do rótico do inglês por aprendizes brasileiros.

Reiteramos que foram analisadas vinte e quatro palavras, distribuídas em seis contextos fonotáticos em que o rótico ocorre no inglês (Quadro 1). O resultado geral nos permite analisar a distribuição dos róticos do ILA em realização esperada e não esperada. Desta forma, temos como realizações esperadas para os róticos do ILA:

a) realização como retroflexo nos contextos de onset em início de palavra (OIP) como em '*red*' e *'rock'*, em posição intervocálica com um R (PI-R) como em '*zero*' e *'very'*, em posição intervocálica com dois R (PI-RR) como em

'*sorry*' e *'marry'* e encontro consonantal tautossilábico (ECT) como em '*fruit'* e *'grape'*; e

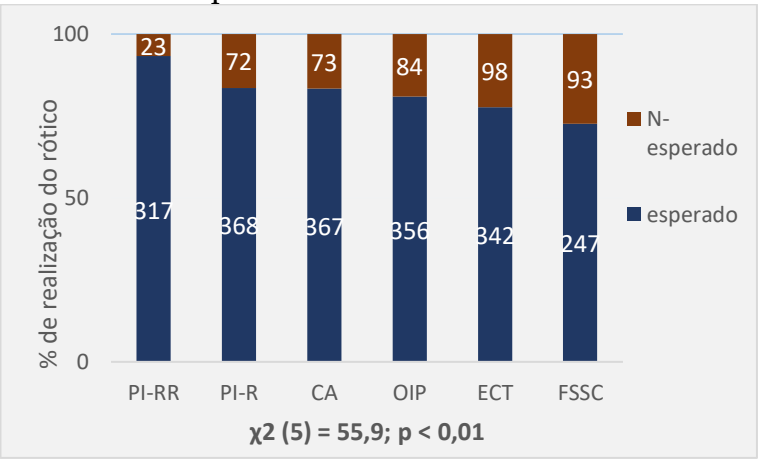
b) realização do rótico como retroflexo ou apagamento em contexto de final de sílaba seguida de consoante (FSSC) como em '*park'* e *'north'* e em posição de coda absoluta (CA) como em '*bar'* e *'four'*.

Já nas realizações não esperadas serão considerados registros enquanto rótico fricativo glotal **h**, tepe **r** e outras realizações não associadas aos róticos do inglês. A Figura 2 mostra o resultado da análise geral do rótico no ILA, levando em consideração os contextos fonotáticos. O total de ocorrências é apresentado na barra correspondente para cada realização em seu contexto específico, com o percentual sendo apresentado no eixo vertical da figura. A quantidade de dados coletados no contexto de final de sílaba seguida de consoante (FSSC) e em posição intervocálica com dois R (PI-RR), totalizaram 340 ocorrências cada. Para o contexto de onset em início de palavra (OIP), posição intervocálica com um R (PI-R), posição de coda absoluta (CA) e encontro consonantal tautossilábico (ECT), os dados totalizam 440 ocorrências para cada contexto.

Em termos percentuais, os dados nos mostram maior emergência de realização esperada no contexto em que o rótico aparece em PI-RR (93,2%), seguido pelos contextos de PI-R (83,6%), CA (83,4%), OIP (80,9%), ECT (77,7%), e, finalmente FSSC (72,6%). A diferença se

mostrou estatisticamente significativa entre os contextos fonotáticos. Conclui-se que os contextos ECT e FSSC apresentaram maiores emergências de padrão não esperado.

Figura 2: Realização dos róticos do ILA por contexto fonotático.



Fonte: elaborada pelos autores.

Observou-se, também, que o contexto PI-RR foi o que apresentou o maior percentual de realizações esperadas. Uma hipótese para o resultado está ligada às palavras que fizeram parte do grupo PI-RR, podendo ter representado menores desafios para os informantes. Além disso, nenhuma das palavras que fizeram parte do grupo PI-RR fazem parte do grupo de palavras quase homógrafas-homófonas nos dois idiomas. Logo, por não

apresentarem semelhança grafofônica, houve pequeno número de realizações não esperadas do rótico no ILA. Assim, hipotetizamos que o pequeno número de ocorrências não esperadas no contexto fonotático PI-RR resulta da baixa associação do referido padrão do inglês com padrões grafo-fônicos do PB.

Os contextos PI-R, CA e OIP apresentam emergência do rótico em níveis semelhantes. Uma hipótese que explica os menores índices de realizações não esperadas no contexto CA, no presente trabalho, é o fato de considerarmos o retroflexo e o apagamento como realizações esperadas. Já no contexto de ECT, uma hipótese que explica os índices de realizações não esperadas está ligada às palavras que fizeram parte deste contexto, pois 75% delas são palavras quase homógrafas-homófonas. Portanto, as dificuldades na produção no contexto de ECT são, em parte, decorrentes das redes envolvendo padrões fonotáticos do PB e do inglês na memória dos informantes (BYBEE, 2001).

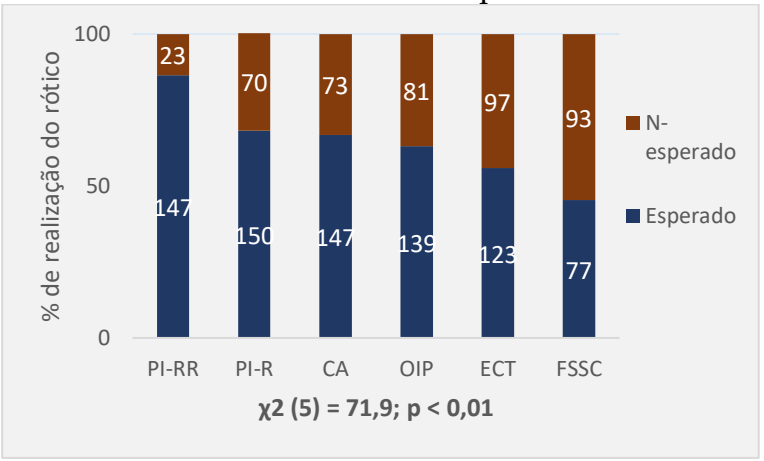
Finalmente, os contextos ECT e FSSC apresentam maior número de ocorrências não esperadas. Temos por hipótese que os referidos contextos fonotáticos também apresentam marcante tendência por uma realização africada no PB (rato, porta). O fato acarreta mais uma vez a ligação destes padrões do PB influenciando a realização do ILA por meio da organização em rede do léxico mental dos informantes (BYBEE, 2001).

Apresentamos a partir deste momento os dados relacionados às realizações dos róticos no grupo de informantes com menor experiência de uso do ILA. O detalhamento acerca da produção do rótico a partir do grupo de informantes com menor experiência de uso do ILA nos ajuda a compreender o comportamento da interfonologia rótica entre o PB-ILA. Por esta razão, detalharemos as realizações não esperadas dos informantes com menor experiência de uso, uma vez que a baixa quantidade de ocorrências não esperadas do grupo com maior experiência de uso do ILA não nos permite una análise estatística proveitosa. A Figura 3 demonstra a realização dos róticos por contexto fonotático dos informantes com menor experiência de uso.

Os dados mostram emergência de realização não esperada em todos os contextos fonotáticos. No entanto, é no contexto PI-RR que realizações não esperadas ocorrem em menor índice (13,5%) quando comparado aos demais. Já em PI-R, a quantidade de realizações não esperadas equivale a 32,1%. Os dados coincidem com os resultados de Camargos (2013), em que realizações do retroflexo emergiram com maior força em palavras no contexto PI-RR do que em PI-R. Desta forma, os resultados indicam que a apropriação do retroflexo envolvendo o contexto PI-RR apresenta menor desafio para os aprendizes de ILA. Os dados também indicam que no contexto CA o índice de realização não padrão

chegou a 33,2%. De acordo com Camargos (2013), no contexto CA o retroflexo ocorre em menores índices quando comparado aos contextos anteriormente discutidos.

Figura 3: Realização dos róticos por contexto fonotático dos informantes com menor experiência de uso.



Fonte: elaborada pelos autores.

No caso do contexto OIP, os dados apontam 36,8% de realizações não esperadas. Observa-se que em início de palavra há marcante competição na interfonologia PB-ILA. Em relação ao contexto ECT, foram constatadas um total de 44,1% de realizações não esperadas. Tal resultado difere daquilo que foi apontado por Camargos (2013), em que a realização do retroflexo em encontro consonantal por falantes do ILA no nível

iniciante emerge com mais força quando comparado aos demais contextos. O pesquisador constatou que aprendizes oriundos de Minas Gerais realizam o retroflexo de maneira categórica em contexto tautossilábico. Os resultados indicam que falantes do ILA em Mossoró apresentam maiores desafios na apropriação do retroflexo no referido contexto fonotático.

Finalmente, no que se refere ao contexto FSSC, as realizações não esperadas emergem com índice elevado (54,7%). Lembramos que assim como foi apontado por Camargos (2013), havia a hipótese de forte emergência de realizações não esperadas em contexto fonotático de FSSC. Assim, observamos que os altos índices de variação para final de sílaba seguida de consoante assemelham-se aos resultados apontados no estudo supracitado.

Os resultados relativos à distribuição dos róticos por contexto fonotático referentes às realizações dos aprendizes do ILA com menor experiência de uso indicam que a apropriação do retroflexo depende do contexto distribucional. Os dados estatísticos indicam diferença significativa na comparação dos dados entre os contextos fonotáticos, indicando que o número de ocorrências é distinto do número esperado caso a hipótese nula fosse verdadeira. Portanto, classificamos o resultado em três grupos de acordo com o maior nível de dificuldade. O primeiro grupo corresponde aos

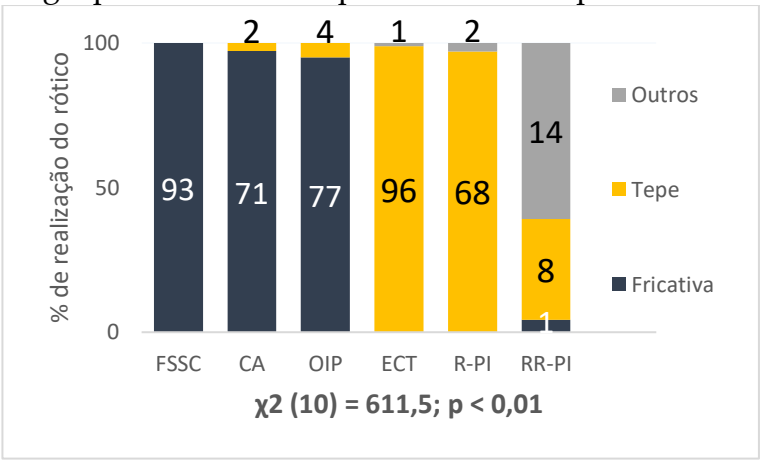
contextos FSSC e OIP. O segundo grupo corresponde aos contextos ECT, CA e PI-R. O terceiro corresponde ao contexto PI-RR.

Por sua vez, os informantes com maior experiência de uso do ILA apresentaram emergência de realização não esperada apenas nos contextos OIP (uma ocorrência) e ECT (três ocorrências). A ocorrência em OIP emergiu como fricativa e as ocorrências em ECT emergiram como tepe. Nos demais contextos, a realização esperada foi realizada de forma categórica. Nos abstemos de apresentar figura com estes dados devido à pequena quantidade de realizações não padrão observadas no caso dos informantes com maior experiência de uso do ILA. De acordo com estudos ligados à FU (BYBEE, 2010), a exposição e prática na L2 pelo aprendiz é essencial na construção da representação mental. Isto significa que estruturas cognitivas são criadas a partir da experiência, levando o aprendiz à realização dos róticos mais próximas ao alvo. Assim, quanto maior o tempo de exposição da L2, mais fortalecidos estarão os exemplares da L2 (ELLIS, 2003).

Por fim, para compreendermos melhor o comportamento interfonológico do rótico do ILA no grupo com menor experiência de uso no idioma, foi necessário um detalhamento da distribuição das realizações não esperadas para cada um dos contextos analisados. A Figura 4 mostra a realização não esperada dos róticos nos seis contextos fonotáticos.

Os dados indicam a emergência de realização fricativa no contexto FSSC, de modo categórico. Adicionalmente, o predomínio de fricativas enquanto realização não esperada também ocorre nos contextos de CA com 97,3% e OIP com 95,1%. Por outro lado, observamos a predominância do tepe como realização não esperada do rótico do ILA nos contextos ECT (98,9%) e PI-R (97,1%). Este resultado era esperado, uma

Figura 4: Realizações não esperadas dos róticos do ILA no grupo com menor experiência de uso por contexto.



Fonte: elaborada pelos autores.

vez que a literatura aponta que aprendizes do inglês em nível iniciante e que possuem a fricativa glotal **h** como variedade do PB tendem a realizá-la nesses contextos (CAMARGOS, 2013). Finalmente, o contexto PI-RR

apresenta marcante variação nas realizações não esperadas, com dados indicando 4,3% como fricativa, 34,8% como tepe e 60,9% para outras realizações. As demais realizações que emergiram no contexto PI-RR estão relacionadas à realização do rótico enquanto aproximante palatal **j**. Conclui-se que dentre os seis contextos analisados, o contexto PI-RR é o que apresenta menor quantidade de realizações não esperadas, apresentando, todavia, a maior variação quanto à realização do rótico no ILA.

Resumimos, a seguir, os resultados relativos às realizações não esperadas dos aprendizes do ILA com menor experiência de uso no idioma por contexto fonotático:

a) marcante emergência de fricativas nos contextos de final de sílaba seguida de consoante (FSSC), coda absoluta (CA) e onset início de palavra (OIP);
b) altos índices de realizações como tepe em encontro consonantal tautossilábico (ECT) e posição intervocálica com um R (PI-R), com baixos índices para outras realizações;
c) em posição intervocálica com RR (PI-RR), observamos maiores índices para outras realizações não-róticas, seguido de fricativa e tepe.

Conforme apontado nos estudos dos SAC aplicados à aprendizagem de línguas (LARSEN-

FREEMAN, 1997; BECKNER et al. 2009), aprendizes de L2 apresentam padrões fonológicos da língua materna firmemente enraizados. Desta forma, contextos fonotáticos similares nas duas línguas influenciam na produção da L2. Por meio dos resultados deste estudo, percebemos que o conhecimento fonológico dos róticos do PB, considerando o contexto fonotático, influencia a produção do rótico do inglês. Assim, o contexto fonotático em que o rótico ocorre no PB pode ser considerado um atrator para a construção da interfonologia PB-ILA.

Neste caso, as realizações como fricativas e tepe, na produção da interfonologia do ILA em contextos fonotáticos específicos, têm relação com as mesmas condições de formação fonotática presentes no PB dos informantes. Assim, fica evidente que fatores de similaridade tipológica das duas línguas contribuem na construção fonológica do ILA. Passamos às considerações finais do estudo na próxima seção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto contribuiu no entendimento sobre o comportamento interfonológico do rótico no ILA, levando em consideração a variável contexto fonotático, através de um *corpus* de fala coletado em Mossoró – RN. Tínhamos como pressuposto a emergência de produções como fricativo e tepe na interfonologia rótica do ILA

devido à influência de padrões fonotáticos do PB. Ou seja, pressupomos a emergência de fricativo em que o rótico ocorre em onset início de palavra (OIP), em final de sílaba seguida de consoante (FSSC), em posição intervocálica com dois R (PI-RR) e em coda absoluta (CA). Pressupomos a emergência como tepe em posição intervocálica com um R (PI-R) e em encontro consonantal tautossilábico (ECT).

Os resultados indicaram que a apropriação do retroflexo depende do contexto fonotático. A emergência não esperada ocorreu em todos os contextos, porém, nos contextos ECT e FSSC as realizações não esperadas emergiram em maior número. Ao analisarmos as realizações não esperadas no grupo de aprendizes com menor tempo de uso no idioma, os resultados indicaram que tais aprendizes trocam o retroflexo por outras realizações róticas como fricativo e tepe. Constatamos a tendência pela emergência do fricativo e tepe em aprendizes no nível iniciante.

A análise feita neste estudo nos permitiu confirmar a hipótese básica de que a apropriação do rótico no inglês por aprendizes brasileiros, considerando o contexto fonotático, sofre influência das propriedades articulatórias dos róticos do PB. Constatamos a emergência de padrões fonológicos influenciada pelo falar regional do PB. Desse modo, concluímos que variedade regional associada ao rótico do PB influencia

no percurso de desenvolvimento da interfonologia do ILA de aprendizes potiguares.

Os resultados deste estudo nos levam à formulação de questões acerca do comportamento interfonológico dos róticos entre o PB-ILA, levando em consideração o comportamento de cada item lexical quanto à emergência do retroflexo. Estas questões devem ser aplicadas em estudos futuros, já que este artigo não avaliou o comportamento interfonológico de cada item lexical.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Estelbina. **Metodología de la investigación cuantitativa y cualitativa.** 5ª ed. Asunción: Diseños, 2014.

AMARAL, A. **O dialecto caipira.** São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1955.

BARBOZA, Clerton Luiz. **Efeitos da palatalização das oclusivas alveolares do português brasileiro no percurso de construção da fonologia do Inglês Língua Estrangeira.** 2013. 165f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

BECKNER, et al. Language is a complex adaptive system: position paper. **Language Learning**, Michigan, v. 51, n. 1, p.1-26, Dec. 2009.

BYBEE, Joan. **Phonology and language use.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BRANDÃO, S. F. Nas trilhas do R-retroflexo. **Signum***:* Estudos da Linguagem, Londrina, n.10/2, p. 265-283. 2007.

CALLOU, D.I; SERRA, C. Variação do rótico e estrutura prosódica. **Revista do GELNE**, Natal, v. 14, p. 41-58, 2002.

CAMARGOS, Marco Aurélio. **Conhecimento Fonológico dos Retroflexos em Ingles-L2**. 2013. 118f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. CAMARGOS, Marco Aurélio. Conhecimento fonológico e apropriação de

róticos em inglês L2 por falantes nativos de português brasileiro. **Scielo**, Florianopolis, Vol. 69, no 1, Apr. 2016.

DE BOT, Kees. Introduction: second language development as a dynamic process. **The Modern Language Journal**, v. 92, n. 2, p. 166-179, 2008.

JOHNSON, Keith. Decisions and mechanisms in exemplar-based phonology. In: SOLE, M. J.; BEDDOR, P.; OHALA, M. (Ed.). **Experimental approaches to phonology in honor of John Ohala.** Oxford: Oxford University Press, p. 25-40, 2007.

LARSEN-FREEMAN, Diana. Chaos/complexity science and second language acquisition. **Applied Linguistics,** Oxford, p. 141-165. Jun. 1997.

_____. On the complementarity of Chaos/Complexity Theory and Dynamic Systems Theory in understanding the second language acquisition process. **Bilingualism**: Language and Cognition, Cambridge, v. 1, n. 10, p.35-37, Mar. 2007.

_____; CAMERON, Lynne. **Complex systems and applied linguistics.** Oxford: Oxford University Press, 2008.

LINDAU, Mona. The story of /r/. In: Victoria Fromkin (org), V. **Phonetic Linguistics**: Essays in Honor of Peter Ladefoged. New York: Academic Press, pp.157-168, 1985.

MESQUITA NETO, José Rodrigues de. **Interfonologia dos Róticos na Realização de Professores de Espanhol Como Língua Estrangeira:** Uma Visão Multirepresentacional. 144p. Dissertação (Mestrado de Pós-graduação em Ciências da Linguagem) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, Rio Grande do Norte, 2018.

MONARETTO, V. N. de O. **Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica.** 1997. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2005.

NASCIMENTO, Katiene Rozy Santos do. **Emergência de Padrões Silábicos no Português Brasileiro e seus reflexos no Inglês Língua Estrangeira**. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

PEREYRON, Letícia. **Epêntese vocálica em encontros consonantais mediais por falantes porto-alegrenses de Inglês como Língua Estrangeira**. 169f. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUCRS, Porto Alegre, 2008.

PIERREHUMBERT, Janet B. Exemplar dynamics: word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul (Comp.). **Frequency and the emergence of linguistic structure.** Amsterdam: John Benjamins. p. 137-158, 2001.

RENNICKE, Iiris Emilia. **Variation and Change in the Rhotics of Brazilian Portuguese.** 2015. 355f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Curso de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SILVA, Miriam Gurgel da. **Os Róticos do Português Brasileiro e sua Influência na Aquisição do Inglês Como Segunda Língua**. 114 p. Dissertação (Mestrado de Pós-graduação em Ciências da Linguagem) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, Rio Grande do Norte, 2019.

SILVA, Miriam Gurgel da; BARBOZA, Clerton Luiz Felix. Os róticos do português brasileiro (PB) e sua influência na aquisição do inglês língua estrangeira

(ILE). **Revista Colineares**, Mossoró, v. 4, n. 1, p. 23-35, jun. 2017.

SCOBBIE, J. M.; STUART-SMITH, J. Quasi-phonemic contrast and the fuzzy inventory: examples from Scottish English. In: AVERY, P.; DRESHER, B. E.; RICE, K. (Eds.) **Contrast in Phonology:** Theory, Perception, Acquisition, Phonology and phonetics (13). Berlim: Mouton de Gruyter, 2008. p. 87–113.

VAN GEERT, P. **The developing body and mind. Dynamic systems of development:** Change between complexity and chaos. England: Harvester Wheatsheaf, 1994.

[1] Abordagens que têm por base Modelos Multirrepresentacionais defendem a não-distinção entre os níveis fonético e fonológico. Por isso, optamos pelo não uso de colchetes [...] e barras transversais /.../ para apresentar os níveis fonético e fonológico, mas, o uso de **negrito** para indicar a falta de distinção entre os níveis fonético e fonológico.

Retornar ao Sumário

Capítulo 6

ANÁLISE DOS ASPECTOS ENTOACIONAIS EM ENUNCIADOS DA FALA POTIGUAR

Vitória Maria Albuquerque Silva
Larissa Batista de Paiva
Cid Ivan da Costa Carvalho

#Entoação
#Enunciado interrogativo
#Fala potiguar

1 INTRODUÇÃO

Durante a produção da fala, acionamos diferentes frequências que envolvem diversos sistemas, como o respiratório, o laríngeo e o articulatório. A fala é estruturada em segmentos linguísticos e em aspectos prosódicos. Sendo assim, durante o processo de fala, estruturamos constituintes que se estendem da sílaba até o enunciado e, concomitante à essa estruturação, controlamos parâmetros acústicos que possibilitam a conquista de objetivos comunicativos, tais como: perguntar; declarar; ordenar. Estes aspectos estão relacionados à prosódia da fala.

A prosódia engloba diversos fenômenos, dentre os quais está a entoação da fala, considerada por Cunha (2000, p. 44) como sendo "um elemento prosódico por excelência". A entoação cumpre diversos papéis na comunicação, dentre eles, o de caracterizar diferentes tipos de sentenças e caracterizar falares de acordo com a região do falante. Sendo assim, diante da importância desse elemento, este trabalho dedicou-se ao estudo da entoação em enunciados interrogativos absolutos finalizados por palavras paroxítonas na região oeste do Rio Grande do Norte. A análise foi realizada por meio do principal correlato físico da entoação: a frequência fundamental (doravante, F0). Para atingir os objetivos, fundamentamos o trabalho em estudos já existentes como Moraes (2008), Lira (2009) e Barbosa (2019). Em

relação aos aspectos metodológicos, a pesquisa considerou as perguntas interrogativas absolutas paroxítonas obtidas por meio do C-POTI - *Corpus* que compreende falares da região oeste do Rio Grande do Norte. Estes enunciados foram analisados por meio do sistema dinâmico de notação – Dato, o qual utilizamos para detalhar os contornos entoacionais nos enunciados.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: a seção seguinte dispõe a fundamentação teórica; a seção três apresenta a metodologia para obtenção dos resultados; a seção 4 mostra os resultados da pesquisa; a quinta seção aborda as principais conclusões obtidas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A produção da fala é um processo complexo que envolve sistemas corporais diversos, assim como esforços diferentes, tanto em relação à estruturação de elementos linguísticos, quanto à produção de elementos prosódicos. Por meio da manipulação prosódica, é possível que uma mesma sequência linguística seja produzida como declarativa ou interrogativa, por exemplo. Além disso, a maneira pela qual esses elementos são controlados caracteriza falantes individualmente e também em relação à região em que vivem. Esta seção tem o intuito de apresentar os elementos teóricos que norteiam o trabalho, além das sentenças interrogativas que são objeto de estudo.

2.1. Prosódia e Entoação

Dentro da literatura sobre o tema, as discussões relacionadas à prosódia e à entoação são extensas. Nesse sentido, este trabalho se coaduna com o entendimento de Scarpa (1999), que considera a prosódia como uma gama variada de fenômenos que abarca inúmeros parâmetros, como: altura; intensidade; duração; sistemas de tom; entoação; acento e ritmo das línguas naturais. Esses elementos agem simultaneamente com os segmentos e constituem a parte sonora da fala, caracterizando não somente "o que" se fala, mas o modo "como se fala". (BARBOSA, 2019)

A entoação, que é também chamada de "entonação", por autores como Masip (2014), é um dos elementos que constituem a prosódia da fala e está predominantemente ligada à vibração das pregas vocais. Existem, na literatura, inúmeras funções relacionadas à entoação, dentre as quais está a de Quilis (2010 *apud* NETO; PONTES, 2019) que classifica três funções: linguística, sociolinguística e expressiva. A primeira determina a modalidade de um enunciado, ou seja, se este é uma afirmação ou uma pergunta, por exemplo; a segunda se refere às variedades regionais e/ou às características próprias do indivíduo (faixa etária, sexo, condição social, etc.); e a função expressiva que se relaciona às intenções discursivas de um falante.

Com isso, nota-se que a entoação é um fenômeno dinâmico e importante para os estudos prosódicos. Em termos de análise, é capaz de ser mensurada a partir de seu correlato físico – a F0. O estudo entoacional, conforme Barbosa (2019), é feito a partir da trajetória de F0 sobre os constituintes prosódicos. Os movimentos que caracterizam essa trajetória são descritos por dois elementos primordiais para análise entoacional: os tons de fronteira que marcam a disposição da trajetória de graves e agudos sobre as fronteiras mediais (sintagmas) e as finais dos enunciados; e os acentos de *pitch* que marcam proeminências mais pontuais como marcações na sílaba. A observação desses parâmetros pode ser feita por meio de softwares de análise de voz e por sistemas de marcação que ilustram esses movimentos ao longo do enunciado ou dos constituintes que o formam. Esses pontos serão discutidos no tópico seguinte.

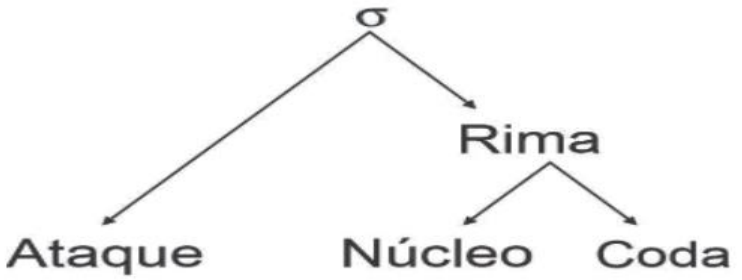
2.2 Constituintes prosódicos

Todas as línguas do mundo são organizadas em constituintes prosódicos produzidos por meio de mudanças acústicas e articulatórias. Inicialmente, importa ressaltar que nem todos os sons associados à língua estão associados à produção de fala. Nesse sentido, são considerados prosódicos os elementos segmentais que se organizam hierarquicamente da sílaba ao enunciado e serão apresentados nesta seção.

Este trabalho se detém à noção básica de que os fones são concatenados linearmente para formarem unidades maiores, porém, sozinhos não possuem significado autônomo. No português, essa organização ocorre em torno de um núcleo vocal e se arranja em unidades mais complexas como a sílaba. A sílaba, segundo Roberto (2016), é a unidade essencial para os estudos fonológicos e prosódicos. Ela é constituída por um ou mais fones emitidos em conjunto.

Diferentes teorias discutem a estrutura silábica, mas nos apoiamos na perspectiva autossegmental de que a sílaba é composta por *ataque* e *rima*, sendo a *rima* formada por *núcleo* e *coda*, como ilustra a Figura 1

Figura 1 - A estrutura silábica na teoria autossegmental.



Fonte: Ilustração nossa.

A constituição silábica possui algumas possibilidades de formação na língua portuguesa. Entende-se que, desde que o núcleo esteja ocupado,

tanto ataque quanto coda podem ser preenchidos por uma ou mais consoantes ou terem suas posições esvaziadas. Na formação hierárquica dos constituintes, segundo Barbosa (2019), uma unidade compreende a junção das unidades inferiores. Sendo assim, as sílabas formam uma relação de atonicidade e tonicidade formando os pés métricos. Esses elementos juntos formam a palavra fonológica.

A palavra fonológica contém uma sílaba tônica e outras átonas que se unem para formar um conjunto. Essa característica diferencia a palavra fonológica da morfológica, visto que na segunda pode ocorrer a união de duas palavras, como em "guarda-chuva". Neste caso, cada palavra é propriamente acentuada, formando, então, duas palavras fonológicas e uma palavra morfológica (ROBERTO, 2016). A palavra fonológica pode atrair elementos átonos como em "o rapaz/ canta /pra moça" que possui apenas três palavras fonológicas (BARBOSA, 2019). Essa união de clíticos com a palavra pode ser considerada como sendo posterior à palavra fonológica, sendo chamada também de grupo clítico.

A sequência hierárquica de constituintes se estende até que se chegue ao enunciado. Este é formado por unidades intermediárias denominadas sintagmas. Nos estudos sintáticos, o sintagma representa uma classe que une elementos com mesma função no interior da oração e é classificado de acordo com a classe de palavras que está em seu núcleo. Nos estudos prosódicos,

também pode ser chamado de sintagma fonológico ou unidade entoacional e não necessariamente coincide com a sintaxe. Conforme Barbosa (2019), o sintagma é um constituinte relacionado à percepção de pausas durante a enunciação.

O enunciado, na perspectiva hierárquica, segundo Roberto (2016), é o nível mais alto dos constituintes prosódicos. Barbosa (2019) define-o como sendo um ato completo, constituído de unidades imediatamente inferiores como o sintagma, a palavra fonológica e a sílaba. Esse elemento é considerado como o principal para os estudos entoacionais, pois conforme Barbosa (2019), a análise em torno da entoação se concentra no exame de F0 ao longo desta unidade. Essa análise se dá a partir da segmentação do enunciado em tons de fronteiras que representam os sintagmas dentro do enunciado e os acentos de *pitch*, eventos mais pontuais, que ocorrem em constituintes como a sílaba e a palavra fonológica.

O estudo entoacional sobre o enunciado é também visto em Masip (2014), que apresenta a distinção entre orações declarativas e interrogativas no português brasileiro. Segundo esse autor, as orações declarativas possuem um contorno entoacional descendente. As interrogativas, no entanto, são mais propensas a variações e são classificadas em alguns subtipos, como: as interrogativas absolutas que são sentenças que não possuem pistas morfossintáticas que indiquem sua

natureza e contam somente com pistas prosódicas (como a entoação) para serem distinguidas de outros tipos de enunciados, como é o caso da sentença: "Você gosta de cozinhar?". Além das absolutas, existem as perguntas com partícula, ou seja, aquelas que apresentam pronomes substantivos ou adjetivos em sua composição.

Além dessa classificação, o autor descreve o comportamento das sentenças absolutas em relação à tonicidade final, separando-as em oxítonas e não oxítonas. As oxítonas apresentam contorno final ascendente. As não oxítonas, segundo o autor, apresentam movimento final descendente. Além das classificações de Masip (2014) relacionadas aos tipos de sentença, outros estudos demonstram a influência da entoação em enunciados na perspectiva da distinção dialetal. Um exemplo disso é o trabalho de Lira (2009) que analisa enunciados assertivos e interrogativos e busca caracterizar as diferentes características prosódicas em cinco capitais nordestinas: Recife, João Pessoa, Fortaleza, Salvador e São Luiz. Esses trabalhos levam em consideração também a tonicidade final dos enunciados sejam eles oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos.

2.3 Os correlatos físicos da prosódia

A entoação da fala é estudada a partir de parâmetros obtidos por meios de programas de análise

de fala. Esses parâmetros são relacionados à vibração das pregas vocais, à extensão temporal e ao nível da pressão glótica durante a passagem do ar. Eles são denominados, respectivamente, como frequência fundamental, duração e intensidade.

A frequência fundamental, medida em Hertz, é um dos traços físicos da prosódia, considerada por Moraes (1982) como o traço mais significativo para a determinação do padrão entoacional. A F0 corresponde ao número de vezes que as pregas vocais abrem e fecham em intervalos regulares de um segundo (BARBOSA, 2019)

Esses ciclos de vibrações, de acordo com Nunes (2011), são bastante particulares, pois cada corpo tem sua vibração específica e depende de fatores como: peso, tensão, volume, forma e tamanho de abertura das pregas vocais. Os corpos pesados tendem a vibrar mais lentamente, enquanto um corpo leve, vibra rapidamente. Por exemplo, os homens possuem pregas mais espessas do que as mulheres. Desse modo, a vibração ocorre mais lentamente e durante um período de tempo maior, resultando, assim, em um número de vibrações menor. Já as mulheres detêm pregas vocais mais estreitas que vibram mais rápido em um período de tempo menor, gerando frequências maiores.

Apesar da predominância de F0, os estudos prosódicos também possuem outros parâmetros como a duração e a intensidade. A duração é um termo usado

para indicar a extensão de tempo envolvida na articulação de um som (CRYSTAL, 1997). Ela é medida em milissegundos quando relacionada a unidades menores que a palavra e em segundos quando relacionadas à palavra. A intensidade é um correlato medido em decibel e expressa "o quão forte um som é" (BARBOSA, 2019, p. 26). A intensidade, segundo Lira (2009), tem relação com o tamanho da resistência que a glote oferece à passagem do ar e também com a quantidade e a velocidade com que o ar passa pelas pregas vocais somadas à pressão sofrida pelo tamanho destas. Dessa maneira, quanto maior a vibração, maior a amplitude da onda e da potência acústica (NETO; PONTES, 2019).

Nesta seção, vimos que a fala é um ato complexo, pois ela engloba constituintes que são unidos linearmente até que se chegue ao enunciado e também parâmetros prosódicos que imprimem intenções comunicativas ao conteúdo dos enunciados. Sendo assim, os esforços feitos pelos falantes para fazer uma declaração são diferentes dos esforços utilizados na produção de uma pergunta. Além disso, esses aspectos prosódicos evidenciam características tanto individuais quanto sociais, sendo possível, por meio deles, identificar também a região de onde se fala.

Na seção seguinte, apresenta-se a metodologia utilizada no trabalho; os métodos de coleta, seleção e análise dos dados.

3 METODOLOGIA

Essa pesquisa possui caráter experimental e analisa enunciados do tipo questões absolutas paroxítonas. Para análise, utilizamos o método dedutivo que se baseia em informações já dispostas pela literatura e também o método experimental que busca testar os dados coletados para confirmar ou não as informações já disponíveis por estudos anteriores. As informações produzidas de acordo com esses métodos de pesquisa podem trazer ou não informações novas sobre o assunto.

No próximo tópico, apresentaremos o corpus que foi utilizado na pesquisa, seguido dos procedimentos de análise.

3.1 Corpus

As sentenças utilizadas na pesquisa foram retiradas do Corpus C-POTI, que compreende falares da região oeste do Rio Grande do Norte. Ele não está disponível publicamente, mas compõe os arquivos do Grupo de Estudos em Linguística Computacional (GELC), da Universidade Federal Rural do Semi Árido - UFERSA.

Para composição desse corpus foram utilizados critérios para seleção dos informantes como a seleção por idade, de 18 a 70 anos, o sexo e as cidades dos informantes. As cidades selecionadas para análise foram

Caraúbas, Patu e Apodi, importantes cidades do Oeste Potiguar. Os informantes selecionados indicavam sempre um novo informante para a entrevista.

Para a coleta das sentenças, foram utilizados roteiros pré-estabelecidos, sendo esperadas respostas padronizadas dos indivíduos. Durante a situação de coleta dos dados, o entrevistador teve o papel de guiar a contextualização das perguntas criando situações hipotéticas. Os tópicos seguintes demonstram como as situações foram apresentadas, seguidas das respostas esperadas:

a) Situação hipotética: suponhamos que você está em um hospital e quer saber se vai ter alta hoje, como você perguntaria ao médico?
b) Resposta esperada do entrevistado: Eu vou ter alta hoje?

O corpus é considerado semi espontâneo devido ao controle que foi exercido durante a situação de coleta para que fossem produzidas sentenças com palavras finais classificadas como oxítonas e não oxítonas. Desse *corpus*, para esta análise, selecionamos 14 sentenças com palavras finais classificadas como paroxítonas, excluindo enunciados que os falantes produzem de forma engessada e superficial. Assim, seguiram para análise apenas: "Você vai sair hoje?" e "Eu vou ter alta hoje?

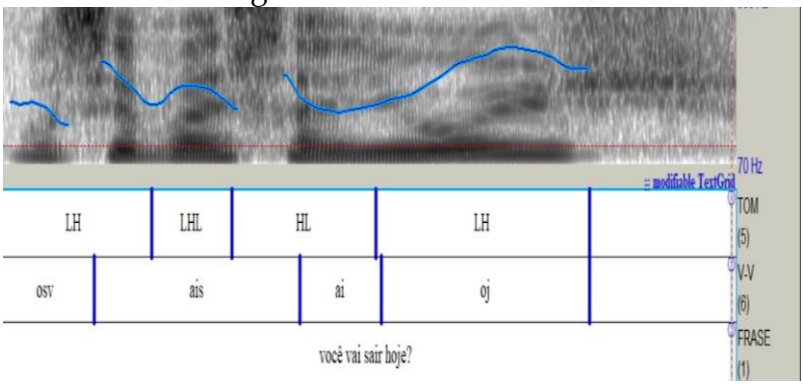
3.2 Procedimentos de análise

Após a seleção das sentenças, seguimos para a fase de etiquetagem por meio do sistema de notação Dato, formulado por Lucente (2008). Esse modelo de notação permite a segmentação do enunciado em até seis camadas e permite a visualização da trajetória de F0 sobre o enunciado. Na Figura 2, a linha azul mostra a trajetória de frequência fundamental, que será chamada de contorno entoacional. As marcações em preto e cinza representam o espectrograma que permite a observação das frequências sonoras durante a produção. Os segmentos vocálicos e consonantais vozeados são marcados em preto e a ausência de vozeamento em determinados pontos e as pausas são marcadas em cinza. Esses dados de frequência fundamental são obtidos pelo software *Praat.*

Conforme dito anteriormente, o sistema Dato permite a segmentação em seis camadas. Entretanto, na pesquisa, utilizamos apenas três das camadas oferecidas. Na Figura 2, é possível observar a disposição das camadas: a primeira destina-se a marcar a curva de F0 com rótulos que ilustram a combinação de tons graves e agudos sobre a enunciação. Aqui, os tons altos ou agudos são marcados por H (high) e os graves por L (low). Na segunda camada, realizamos a segmentação em sílabas V-V, que considera apenas os núcleos silábicos, ou seja, a marcação inicia na vogal nuclear da

sílaba e se estende até a vogal seguinte. A terceira camada utilizada é destinada à escrita da frase.

Figura 02 - Sistema Dato.



Fonte: autoria própria

Com esse sistema é possível a observação da trajetória de F0 sobre os constituintes prosódicos. A discussão sobre os dados analisados consta na seção seguinte.

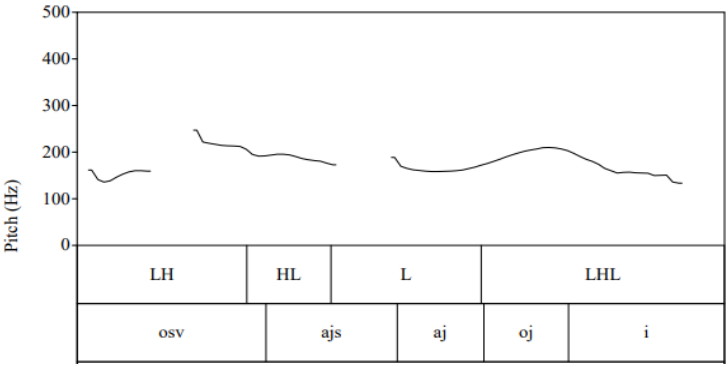
4 ANÁLISE E RESULTADOS

A análise dos enunciados foi feita levando em consideração a trajetória da curva de F0 sobre os enunciados. Observamos o comportamento de F0 principalmente sobre o núcleo entoacional, composto pela última sílaba tônica e suas adjacentes, considerado

por Moraes (2008) como sendo o principal ponto para a caracterização de modalidades de sentenças.

Moraes (2008) e Lira (2009) testaram o comportamento do núcleo entoacional das sentenças absolutas não oxítonas e paroxítonas, respectivamente. Para esse tipo de sentença, foi observado por eles um contorno com final descendente que também é chamado de circunflexo. Esse contorno é encontrado em nossos dados como mostra o Gráfico 1 e caracteriza o primeiro contorno encontrado, marcado por LHL. Nota-se que a curva, que estava em movimento decrescente desde a produção da sílaba [se] da palavra "você", ao chegar no núcleo entoacional, tem uma elevação sobre a vogal tônica [o] da palavra "hoje". Após essa elevação, a curva

Gráfico 1 - comportamento entoacional do enunciado "Você vai sair hoje?"

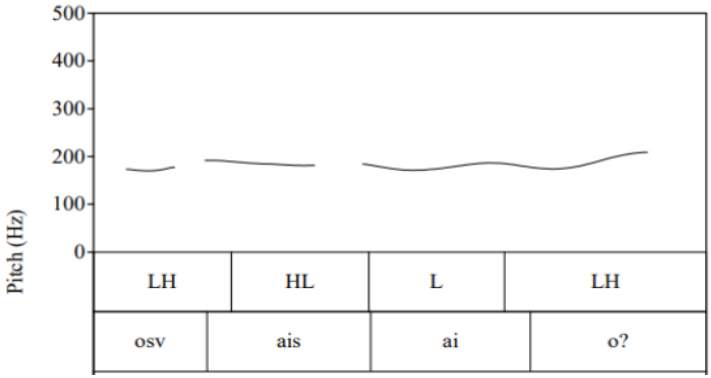


Fonte: autoria própria.

descende sobre a sílaba pós-tônica, finalizando o enunciado.

O segundo comportamento entoacional que encontramos foi o ascendente, mostrado no Gráfico 2. Neste comportamento, a curva segue movimentos mais estáveis. Na região do núcleo entoacional, ela demonstra uma leve queda, seguida por ascendência sobre a tônica final [o]. A descendência final vista no primeiro contorno mostrado, no entanto, não é encontrada nesse caso. Ocorre que nas sentenças analisadas, as configurações desse tipo apresentam um truncamento da curva sobre a tônica, o que torna o contorno ascendente. Esse truncamento do contorno é demonstrado pelo estancamento da curva sobre a sílaba tônica [o] da

Gráfico 2- comportamento entoacional do enunciado "Você vai sair hoje?"

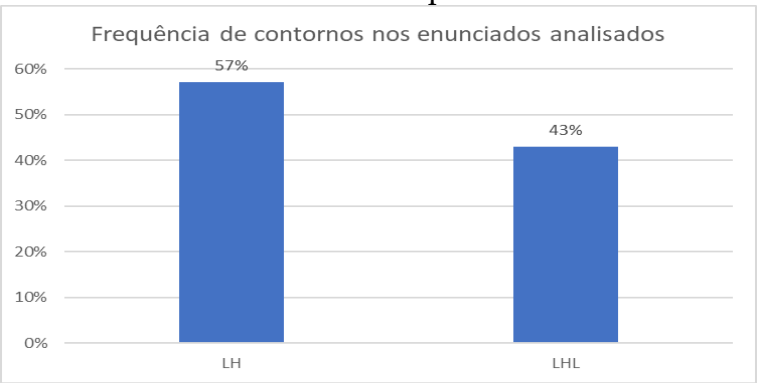


Fonte: autoria própria

palavra "hoje", não havendo qualquer movimentação sobre a sílaba pós-tônica.

Conforme foi observado, os enunciados analisados demonstram dois tipos de comportamento, um ascendente, que representa 57% dos dados, ou seja, oito dos enunciados analisados são produzidos dessa forma e também o contorno final descendente que representa 43%, ou seja, seis produções das 14 analisadas. Esses dados podem ser observados no gráfico 3.

Gráfico 3 - Contorno predominante

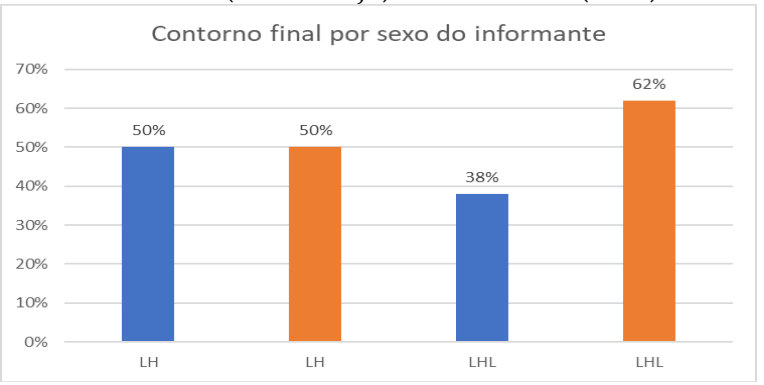


Fonte: autoria própria.

O contorno ascendente, embora mais característico no *corpus* analisado, não é comumente encontrado na literatura. Dessa forma, na intenção de encontrar parâmetros que ilustrassem esse comportamento e sabendo que as características

individuais influenciam na produção enunciativa, cruzamos os dados em relação ao sexo do informante. Dessa análise, observamos que o sexo feminino, nos dados analisados, apresenta maior quantidade de truncamentos finais, aparecendo em 62% dos casos, enquanto o masculino apresenta apenas 38% dos casos. O tom de menor frequência, o descendente, apresentou equidade em relação aos sexos, conforme mostra o Gráfico 4.

Gráfico 4 - Contorno entoacional em relação ao sexo feminino (cor laranja) e masculino (azul).



Fonte: autoria própria.

Conforme os dados analisados, a fala se mostra como um elemento que utiliza aspectos linguísticos e entoacionais no momento da produção, valendo-se de elementos como: intensidade; duração; frequência fundamental; acento; ritmo, entre outros, para atingir

objetivos comunicativos determinados. Para que isso ocorra, o falante conecta esses elementos simultaneamente às sílabas, às palavras e aos sintagmas e ocorrem de forma plena nas frases completas. Para Barbosa (2019), isso está relacionado ao "modo" como se fala, mais do que ao "que se fala".

Esta análise categorizou por meio do sistema de notação Dato e caracterizou os aspectos entoacionais dos enunciados absolutos com palavras paroxítonas finais produzidas por falantes naturais do Oeste Potiguar. Os dados analisados apresentam dois resultados entoacionais importantes em relação às sílabas tônicas finais para as sentenças analisadas. O primeiro é o fato de que muitos anunciados apresentam a sílaba final descendente e outros com a sílaba final ascendente, sendo esta mais corrente em nossos dados.

No próximo tópico, apresentaremos as considerações sobre a análise feita e as conclusões.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa identificou contornos entoacionais na região oeste do estado do Rio Grande do Norte. O contorno descendente dialoga com padrões propostos anteriormente por Morais (2008), Lira (2009) e Masip (2014) para interrogativas absolutas não oxítonas ou paroxítonas na Língua Portuguesa do Brasil em diferentes regiões do país.

Apesar da predominância da descendência, o contorno ascendente demonstrou-se mais produtivo nos nossos dados, ocorrendo em maioria na análise e ocasionado por truncamentos sobre as sílabas tônicas finais dos enunciados. Em contornos deste tipo, não há movimentação de F0 sobre a sílaba pós-tônica, informação importante tendo em vista que pode ser característica da região de onde os dados foram coletadas ou ainda pode ser, somente, resultado do desvozeamento de sílabas átonas finais, fato comum em enunciados da língua.

Esta pesquisa foi realizada com o intuito maior de caracterizar enunciados interrogativos paroxítonos nos falares da região Oeste Potiguar, que carece de estudos na área. Os dados utilizados nesta análise demonstraram características importantes da fala da região, no entanto, ainda é um *corpus* limitado que não consegue explicar, por exemplo, as causas para o truncamento encontrado. Apesar disso, esta análise pode servir de base para ampliação ou instigação de pesquisas futuras que tratem o fenômeno com mais aprofundamento utilizando os mesmos ou outros parâmetros.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, P. A. **Prosódia**. Parábola: São Paulo, 2019.

LADD, D. R. **Intonational Phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996

LIRA, Z. de. **A entoação modal em cinco falares do Nordeste brasileiro**. 2009. Tese (Doutorado) - UFPB, João Pessoa, 2009.

Lucente, L. **DaTo:** Um sistema de notação entoacional do português brasileiro baseado em princípios dinâmicos. Ênfase no foco e na fala espontânea**.** Dissertação de Mestrado. Unicamp, 2008.

MASIP, V. **Fonologia, fonética e ortografia portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2014.

MORAES, J.A. **Em torno da Entoação**: **alguns problemas teóricos**. Rio de Janeiro, Cultura Linguística, 1982.

_____. The pitch accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis. **Proceedings of the Speech Prosody 2008**: Fourth Conference on Speech Prosody, Campinas, 2008.

NUNES, V. G. **Análises entonacionais de sentenças declarativas e interrogativas totais nos falares florianopolitano e lageano**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

ROBERTO, M. **Fonologia, Fonética e Ensino:** guia introdutório. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

SCARPA, E. M. **Estudos de Prosódia**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

SILVA, E. de O.; GAYER, J. L. A elisão na fala popular de Salvador. **Revista Colineares**, Mossoró, Brasil, v. 3, n. 1, p. 21–43, 2016. Disponível em: http://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/115. Acesso em: 26 mar. 2023.

Retornar ao Sumário

PARTE III

ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM:

ASPECTOS PRAGMÁTICOS E FILOSÓFICOS

Capítulo 7

ANÁLISE DOS ATOS DE FALA EM *I HAVE A DREAM* DE MARTIN LUTHER KING: UMA ANÁLISE BASEADA NA PRAGMÁTICA

Camila Petrochely Borges Mendonça
Pedro Adrião da Silva Júnior

#Pragmática
#Atos de fala
#Gênero textual

1 INTRODUÇÃO

A análise disposta nesse trabalho é oriunda da dissertação **"**Os atos de fala em textos do livro didático de língua inglesa Uno: descrição e análise" (MENDONÇA, 2020), desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPCL/UERN). Para este capítulo, será exposta a análise referente a um fragmento da pesquisa, que diz respeito à análise do discurso "*I have a dream"* de Martin Luther King, presente na seção *Become a Reader*, de um livro didático de língua inglesa do 9º ano da coleção Uno (BORTOLETTO *et al.*, 2017). Para a análise, foram mobilizados os referenciais da teoria pragmática, a partir da concepção de atos de fala de Austin (1962) e Searle (1969). Nesse sentido, a análise dos atos de fala assertivos, diretivos, expressivos, compromissivos e declarativos, foi realizada em face da teoria pragmática da linguagem, em conformidade com Searle (1969).

A partir da indagação de como os atos de fala estão organizados no discurso "*I Have a Dream"*, na adaptação presente no livro didático de língua inglesa Uno, buscamos compreender a influência que a frequência dos atos de fala incide nos textos de livro didático de língua inglesa. Desta forma temos como objetivo geral: Analisar os atos de fala no discurso "*I Have a Dream"*, na adaptação presente no livro didático

Uno de língua inglesa. Para tanto, foram desenvolvidos os seguintes objetivos específicos: A) Classificar e descrever os atos de fala presentes no texto literário analisado; e B) Analisar a frequência dos atos de fala contidos no texto literário e como esta influencia as posições e intenções dos locutores e interlocutores dentre o diálogo.

A análise foi pautada na observação das realizações linguísticas dentro do texto, sejam estas a percepção do seu contexto possível, e a intenção do autor e intenções entre locutor e interlocutor, assim como nas relações tecidas entre os atos de fala dentro de uma mesma sentença, dadas as relações da frequência, e a possibilidade de que as características dos gêneros textuais poderiam direcionar a quantidade de atos de fala já característicos deles. Com essa análise, foi possível observar determinados aspectos pragmáticos não transparentes dentro do enunciado.

2 OS ATOS DE FALA

Na percepção de Searle (1969), a filosofia da linguagem traz uma descrição para traços gerais da linguagem, como referência e verdade, voltada para a linguagem, e não especificamente para uma língua. Com a obra póstuma de Austin, *How to do things with words*, de 1962, muitos fatos, deixados de antemão pelos

estudos filosóficos e linguísticos, ganham força. Sobre a influência da filosofia do senso comum de G. E. Moore, Austin propõe uma abordagem ligada à língua como ação. Em seguimento, Austin (1962) produziu os seus "atos de fala", que Searle (1969) aprofundaria em uma das mais divulgadas tendências da moderna Filosofia da Linguagem.

John Searle lançou, em 1969, sua obra *Speech acts*. Em decorrência das concepções tecidas na obra, estudiosos como Rajagopalan (2010), definem que a partir desta, Searle afirmou definitivamente o seu status de herdeiro de Austin. Ademais, na referida obra Searle (1969) além de retomar as ideias de Austin, propõe contribuições conceituais, as ampliando. Na proposição decorrente, ele defende a definição de que significado e ato ilocucionário não devem ser tratados como a mesma coisa. Rejeitando a distinção austiniana entre o ato ilocucionário e locucionário, Searle (1969) reformula os atos em: A) Atos de proferimentos: são os atos de articulação da cadeia sonora; B) Atos proposicionais: atos nos quais o locutor refere-se a um objeto e predica algo dele; C) Atos ilocucionários: asserções, promessas, pedidos, advertências; e D) Atos perlocucionários: são as consequências e os efeitos provocados pelos atos ilocucionários.

Como descrito acima, as noções de atos de fala são retomadas e sistematizadas por Searle no *Speech acts*

(1969) e, depois, em *Expression and meaning* (1979). Ele distingue 5 atos que serão analisados nesse estudo, sendo eles: 1) Assertivos (afirmar, asseverar, dizer); 2) Diretivos (ordenar, pedir, mandar); 3) Comissivos (prometer, garantir); 4) Expressivos (desculpar, agradecer, dar boas-vindas); e 5) Declarativos (batizar, demitir, condenar). Para Searle (1994), o falante procura produzir certo efeito para que o ouvinte reconheça sua intenção, e observa que esse reconhecimento está associado com o que foi dito pelo locutor como sendo algo convencional. Nesse aspecto, referenciados no entendimento de Silva e Silva Júnior (2020, p. 27), entendemos que os "[...] estudos dos atos de fala iniciaram devido ao fato de que, ao estarmos em interação com outras pessoas, realizamos uma grande quantidade de atos", o que fomenta o contexto de relevância da produção de estudos sobre a identificação e análise destes atos na comunicação.

3 O PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa possui natureza quali-quantitativa, caracterizada por Minayo (2013, p. 21), como uma abordagem que "trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes". Em vista da opção metodológica realizada, a escolha por sua utilização se

deu pelo caráter híbrido ensejado pelas técnicas passíveis de utilização para a pesquisa, sendo capazes de não tão somente tornar possível qualificar as percepções através do aprofundamento da observação do objeto, mas também tecer articulações de forma quantificável, objetivamente. Foi elencado como objetivo geral a análise dos atos de fala em um texto do livro didático UNO de língua inglesa do 9º ano, de acordo com a teoria pragmática. O percurso metodológico da pesquisa se deu da seguinte forma, sendo realizada: A) Classificação e descrição dos atos de fala assertivos, diretivos, compromissivos, expressivos e declarativos no discurso "*I Have a Dream"*, presente no livro didático de língua inglesa da coleção Uno do 9º ano, inseridos na seção *Become A Reader*; b) Análise da frequência dos cinco atos de fala propostos para a pesquisa.

A frequência destes atos de fala foi demonstrada a partir de representação em percentuais de incidência de cada ato de fala no texto. Assim, foi apresentada não apenas a quantidade, mas, também, o percentual de vezes que determinado ato surge no texto analisado. Assim sendo, a frequência foi analisada observando a importância dos atos de fala no texto, aspectos contextuais, gênero textual, sujeito, o ambiente inerente ao texto e as características que condicionam a linguagem e uso, revelando os principais atos de fala no texto analisado. Por fim, a análise dos atos de fala do

texto foi constituída, observando o contexto do discurso, tom de voz do locutor, referências e interação com o público.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No texto em análise, os atos de fala abordam um contexto histórico referente ao período das décadas 1950-1960, nos Estados Unidos, com o movimento americano dos direitos civis para as pessoas negras, colimando, enquanto ponto focal da análise, no discurso de Martin Luther King, proferido em 1963, na Marcha sobre Washington. Considerando o caminho pragmático-cultural e a percepção da consciência coletiva americana, nesse protesto é empregada a linguagem cultural da época, presente nos movimentos, percebida dentre a organização dos atos de fala usados para protestar, supervenientes do cenário opressivo e dos roteiros estratégicos que transmitiam suas influências na sociedade.

4.1 Atos de fala expressivos

Na análise dos atos expressivos, começamos com *I have a dream*, sentença repetida inúmeras vezes pelo locutor. Em tradução livre, a sentença significa "Eu tenho um sonho". A partir dela, ele compartilha seus

desejos subjetivos em uma causa social de equidade de direitos e tolerância racial; esse sentimento veiculado é perceptível nos seus anseios, reverberando em uma consciência de "todos" nas sentenças:

- *I have a dream. I am happy to join with you on this day. Today will go down as the greatest demonstration for freedom in the history of our nation.*[1]
- *I have a dream that one day this nation will rise up. That it will hold these truths to be self-evident, that all men created equal.*[2]

Martin delineia suas aspirações com palavras como "*dream*", "*freedom*", que respectivamente significam "sonho" (dimensão onírica) e "liberdade". O locutor entrega um ar emotivo à suas palavras, contudo, mesmo usando esse lado expressivo, também descreve as injustiças e as diferenças sociais, trazendo, nas frases, o contexto da época e o sonho de mudança.

Podemos perceber em sentenças como:

- *Many Northern states felt slavery was wrong.*[3]
- *The Southern states were unhappy when Abraham Lincoln was elected president in 1860. Free at last! Free at last! Thank God almighty, we are free at last!*[4]

Nesse ponto, percebemos que seu objetivo é se voltar para as pessoas do Norte e do Sul, mas, também, se direcionar às pessoas que sentem essa desigualdade social, independente da sua localização geográfica, pautando as diferenças em vários pontos centrais, para depois abrangê-las em um anseio geral. No texto, o autor fala sobre as insatisfações com alguns retratos sociais. Nessas sentenças, ele usa "*we*" (pronome nós), descrevendo que esse sentimento seria dele e todos e, mais uma vez, o discurso não é só subjetivo; sua insatisfação é palpável, e também é de todos. Podemos observar tal premissa em sentenças como:

- *But we will not be content without freedom and equality. There will be no peace until America grants the Negro his citizenship rights. The revolt will continue until the lights of justice emerges.*[5]

De acordo com Searle (1969), o ato expressivo retrata o estado psicológico do locutor referente à sua realidade. Alguns sentimentos, como no texto, demonstram uma vontade de mudança, de contestar a situação vigente. Por último, temos a descrição dos sentimentos do autor: "*He did not support violence or terrorism*" (Ele não apoia a violência ou o terrorismo), sentença que aparecia diversas vezes em seu discurso, influenciando a sociedade a não usar dessas ações. A

nossa análise se delineia num discurso no qual o ato de fala expressivo apresenta o locutor, e a expressão de seu estado psicológico. Porém, o modo como ele está inserido no gênero sugere que o locutor quer passar para os interlocutores essas sensações, quer que eles percebam e sintam insatisfação, objetivando uma liberdade futura. Nesse sentido, este seria um estado compartilhado diferente dos outros textos que a personagem expressa, ao passo em que vemos a intenção de que esta liberdade reverbere, se espalhe, o que possibilita a compreensão das estratégias usadas pelo locutor para atingir certo objetivo ou certo efeito sobre o interlocutor.

4.2 Atos de fala assertivos

No ato de fala assertivo, percebemos algumas intenções através do discurso do locutor. Uma destas intenções foi a de descrever e demarcar no discurso datas importantes, como em:

- *In 1776, The founding Fathers signed their names to the Declaration of Independence.*[6]
- *President Lincoln announced The Emancipation Proclamation in 1863.*[7]

Elas retratam, quase em ordem cronológica, alguns acontecimentos importantes na luta a favor dos direitos civis nos Estados Unidos. O locutor usa dessas datas e relatos para despertar uma maior consciência da luta e da história para seus interlocutores. Outro ponto em que os atos assertivos são usados diz respeito ao uso das referências e fatos históricos sobre direitos e condições sociais, em que o locutor faz um parâmetro entre o passado e a época atual em seu discurso. Algumas sentenças são:

- *The United States of America has a dream. This dream is found in the heart of every citizen. It is Whispered on the lips of every immigrant. It is as alive today as it was when the first settlers arrived in this country. It is American dream.*[8]

Esses relatos possibilitam observar as condições sociais em uma análise diacrônica, que aumenta a percepção sobre as mudanças dessas condições. No texto, observamos algumas informações sobre as populações do Norte e Sul dos Estados Unidos, nas frases:

- *Northern and Southern states had different feelings on slavery.*[9]

- *Southern states depended upon it heavily for the production of crops such as cotton.*[10]

Outros atos descrevem o dia em que foi proferido o discurso, como em:

- *The march was widely broadcast. People from all across the country tuned in to this historic event on their radios and televisions.*[11]

Eles traçam o perfil do locutor, suas aspirações e o ambiente histórico. Percebemos que os atos assertivos no texto retratam acontecimentos dentro do contexto em que foi proferido o discurso, com uma análise histórica dos antecedentes. Desde a América escravocrata, ele delineia este percurso das lutas socais, e o ato assertivo caracteriza esse retrato dentre o discurso. Outros fatos importantes são o conhecimento do ambiente sócio-histórico e o perfil do locutor, ou seja, essa conversação entre passado e presente acerca da causa dos direitos sociais, que despertam a consciência pelo interlocutor. Para Searle (2002), o ato assertivo elucida, no falante, uma proposição verdadeira ou negativa. Esse ato de fala traz essa perspectiva através desses acontecimentos.

4.3 Atos de fala diretivos

O ato diretivo tem vários sentidos dentro do texto. Voltado para seus interlocutores, temos os conselhos:

- *No American could ignore it.*[12]
- *It was a day all Americans would remember. When he addressed the nation, people realized that his dream was their dream, too.*[13]

Os conselhos propõem uma reflexão aos interlocutores/ouvintes sobre as condições da época e a urgência das mudanças, sem violência, e buscando tolerância racial. O Locutor busca palavras como "*dream*" (sonho), que colaboram para que o ato diretivo tenha sua influência no contexto do discurso. Quando o locutor quer fazer um pedido, ele profere algumas frases como:

- *He only wanted people to lift their voices together to be heard.*[14]
- *Let us not wallow in our despair. Let us face the difficulties ahead. We cannot turn back.*[15]
- *Let freedom ring from the Rockies of Colorado.*[16]

Ele pede que todos escutem, e que seu pedido chegue a todos os estados e lares do país. Algumas expressões utilizadas são "*Let us*" (deixe-nos) e "*let*

freedom" (deixe a liberdade), então, seu pedido ou chamado é sentido através delas.

- *Go back to Mississippi. Go back to Alabama, Go back to South Carolina. Go back to Georgia. Go back to Louisiana. Go back to the slums and ghettos of our northern cities. Go back knowing that this situation can and will be changed.*[17]

O locutor contesta, de modo mais forte, alguns fatos e, em outros, seu discurso ressoa como uma ordem de luta voltada para alguns estados, em relação aos seus direitos. Expressões como "*now*", relatando o agora, e "*go back*", expressando retorno, revelam que o locutor, em sua fala, faz essa análise entre passado e presente. Os conselhos e os pedidos aparecem com maior frequência, já propostas mais diretas, como recusa, contestação e ordem são observadas poucas vezes, mas todos envolvem uma consciência histórico-cultural e de classe, em que ecoam os direitos com tolerância e sem violência. Voltamos a abordar a intencionalidade do locutor, porém dando ênfase em tentar fazer que o interlocutor faça algo. Como descrito para Searle (2002), intencionalidade é aquela propriedade de muitos estados e eventos mentais através da qual estes são dirigidos para, ou acerca, objetos e estados de coisas no

mundo, e para que isto aconteça, é preciso direcionar as ações.

4.4 Atos de fala compromissivos

A partir dos atos compromissivos, observamos algumas promessas de liberdade nas expressões:

- *And when this happens, we allow freedom to ring, it will ring from every village and hamlet.*[18]
- *It will ring from every state and city. Thus, we will be able to speed up that day when all of God´s children, black men and white men, Jews and Gentiles, Protestants and Catholics, will be able to join hands. Together, they will sing the words of the old Negro spiritual.*[19]

A palavra "*freedom*" (liberdade) aparece mais uma vez, e algumas influências de da formação do locutor de pastor aparecem em palavras como "*faith*" (fé), "*God*" (Deus) e "*spiritual*" (espiritual). A palavra "*together*" descreve que eles irão chegar nesses objetivos juntos; o que mais uma vez, faz que o discurso saia do plano subjetivo para um direcionamento social, objetivo. Outros atos compromissivos caracterizam promessas passadas, mas que não foram realizadas; e promessas futuras. Podemos percebê-las em:

- *They promised that all men, yes, black men as well as white men, would be guaranteed "unalienable rights". These included the right to "life", liberty and the pursuit of happiness.*[20]
- *Continue to have faith that your suffering will bring redemption.*[21]

Na primeira frase, observamos a palavra "*promised*" (prometido) no passado e, nas outras duas frases, percebemos o verbo auxiliar "*will*", relatando que as promessas passadas não foram concluídas, porém, se eles continuarem, podem ser alcançadas. No texto, temos promessas no sentindo de confrontar algo e procurar mudanças, como é possível observar nas sentenças:

- *We´ve come here today to correct this problem.*[22]
- *When the founding Fathers wrote the Constitution and the Declaration of Independence, they were signing a promise to every American.*[23]

Nessas sentenças, o autor recorre novamente a palavras com ressonância histórica e religiosa, como "*Constitution*" (Constituição), "*Declaration of Independence*" (Declaração da Independência), "*Lord*" (Senhor), "*hope*" (esperança) e "*faith*" (fé). O ato compromissivo é apresentado com algumas informações

passadas dentro do contexto da época, com o locutor reiterando a importância dessas promessas, em uma observação histórica, lembrando ao público ações não cumpridas.

Outra percepção é que o autor sugere para os interlocutores que procurem fazer essa mudança acontecer no futuro, o que denota que a análise temporal no ato compromissivo é importante para percebemos como o autor usa essas promessas com datas e fatos importantes para atingir o público. Searle (2002) destaca que que o falante pode emitir ao ouvinte mais do que realmente diz, com base no conhecimento, linguístico e de mundo, compartilhado por ambos.

4.5 Atos de fala Declarativos

Os atos de fala declarativos aparecem duas vezes, descrevendo algo que aconteceu no passado, em que percebemos um poder de autoridade institucional. Como exemplo, temos duas sentenças:

- *They declared that all men had the unalienable rights of life liberty and the pursuit of happiness.*[24]
- *In it, he declared that all slaves were freed.*[25]

Com a palavra "*declared*" (do verbo declarar), no passado, percebemos que o locutor tenta demonstrar por

meios desses atos, uma situação igualitária, porém, que não se constituiu de fato a realidade dos anos posteriores. Foi observado que o locutor usa os pronomes "*They*" (eles/elas) e "*He*" (Ele), destacando que essas declarações foram feitas por várias pessoas e, na outra sentença, por uma personalidade. Além dos referidos sujeitos, ele usa sentenças importantes, como "*all men*" (todos os homens); "*unalienable rights*" (direitos inalienáveis); "*liberty*" (liberdade) e "*freed*" (liberto), buscando no seu discurso referências do passado, e remontando-se à direitos civis e noções de cidadania.

No ato declarativo, esse meio de conscientização social é centralizado em citações da Constituição e Declaração de independência. O uso dos atos de fala sem o recurso à apenas uma marca temporal, em distinto, foi percebido no discurso analisado. Nos atos declarativos o locutor usa de declarações passadas dando ênfase no contexto vivenciado da época e o que aconteceu ao passar dos anos, chamando atenção ao que foi escrito nas declarações passadas. Para Mari (2001), estes atos, resultantes de fatos, apresentam padrões e normas pré-estabelecidos que permitem aos interlocutores relacioná-los a determinados propósitos comunicativos.

No discurso "*I have a dream*", o ato diretivo aparece com maior frequência (34%). O locutor direciona, muitas vezes, os conselhos e pedidos para os interlocutores, como na frase "*No American could ignore*

it"[26], estendendo-se, não apenas ao público presente, mas a alguns estados específicos. Por meio do ato diretivo, o locutor gera essa fusão com o público e relata insatisfação e contestação sobre o contexto dos direitos civis. Com isso, ele almeja influenciá-lo de várias formas, seja voltando-se para o passado, ou dando exemplos cotidianos da vida do americano, e aconselhando, ou pedindo mudanças. As expressões que aparecem com frequência são "*Let freedom*" (deixe a liberdade) e "*go back*" (retornar).

Tabela 1: Frequência de categorias de atos de fala presentes em *I Have a Dream*

ATOS DE FALA	FREQUÊNCIA	%
Assertivos	28	32
Expressivos	16	18
Diretivos	31	34
Compromissivos	13	14
Declarativos	2	2

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

O ato de fala assertivo tem incidência de 32% no texto, e destaca datas importantes, colaborando para uma revisão histórica dos acontecimentos. Cem anos antes do discurso, o locutor, por meio de datas e leis, faz

emergir a consciência dos ouvintes acerca do passado de sua nação, e das mudanças que eles podem promover. Ademais, ele sustenta, por meio desses argumentos, os pedidos e conselhos que vai advertir no ato diretivo. A frequência do ato expressivo é de 18%. Ele relaciona os anseios do locutor: "*I have a dream. I am happy to join with you on this day. Today will go down as the greatest demonstration for freedom in the history of our nation.*[27]

No ato expressivo, Mather Luther king pretende expressar seus descontentamentos e expressar seus sonhos, conforme fica evidente no título do discurso (*I Have a Dream*). Contudo, o autor deseja ir além, almejando que seus anseios se reflitam nos desejos de seus interlocutores, ao passo que exprime o descontentamento com a realidade social. Ao mesmo tempo em que sonha com a igualdade, ele pauta a dicotomia entre viver uma realidade indesejada e sonhar em promover a mudança, objetivamente.

O ato compromissivo surge em 14% dos resultados. A partir da análise deste perfil de ato, temos a percepção da promessa de liberdade. O locutor, novamente, procura destacar relatos importantes da história para fortalecer seus argumentos e/ou promessas. Para tal, a palavra "*freedom*" é usada com frequência. Outro fator importante no texto é a promessa que se faz no momento do discurso, considerando o destaque dado ao fato de que todos irão fazer parte do processo de

concretização das mudanças, evidenciado no pronome "*We*" esse compromisso.

Já o ato declarativo é observado em 2% do texto, e expressa falas de pessoas importantes no contexto histórico dos Estados Unidos, representando um recurso de legitimação do discurso por meio da busca que o locutor traz no seu discurso através da representação destas personalidades, como Abraham Lincoln. Ao mesmo tempo, é usado um tom irônico, apesar de ambas corresponderem à declarações que influenciaram outros países, o que, de fato, não foi o que realmente ocorreu nesses anos. O discurso "*I have a dream*" remonta à aspectos histórico-culturais, por meios dos atos assertivos, e reverbera mudanças, por meio dos atos diretivos. O locutor expressa suas contestações e tenta conscientizar as pessoas; se compromete e tenta fazer com que as pessoas assumam também esse compromisso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os resultados da análise qualitativa, nos perguntamos como a frequência poderia influenciar diferentes gêneros textuais, e observamos que na adaptação do discurso feita para o livro didático, sem um gênero conciso, os atos de fala seguiam características delineadas pelo contexto e no

posicionamento da fala do locutor. No discurso analisado, a frequência dos atos de fala era mais assertiva e diretiva, o que era esperado; porém pensamos que se a frequência de ambos fosse mudada, se o texto teria a mesma força esperada, e no que diz respeito ao público e o leitor, se a mensagem seria a mesma em função desta mudança, e o que se perderia no texto. Nesse caso, há certas intenções dispostas no gênero e pelo autor, o que justifica a importância de verificar os atos de fala e sua frequência, dadas as possíveis mudanças de comunicação no interior do texto e na receptividade da mensagem, assim como os objetivos para o leitor dentro de um enfoque pragmático. Os locutores relatam seus sentimentos, mas inserem as pessoas dentro das sensações com o pronome "*We*", percebido em discursos e falas de líderes.

De fato, as porcentagens nos mostram que os atos diretivos, com conselhos ou "ordens", permeiam o discurso. Em seguida, os atos assertivos contextualizam e trazem o lado histórico potencializados pelos atos diretivos, totalizando, respectivamente, 34 e 32 % dos atos analisados no discurso, em que são pautadas as intenções e o reflexo do que se "pede" nas entrelinhas, não só a quantidade que traz a força ilocucionária, mas o que há por trás da junção desses atos. Os expressivos e compromissivos veem logo em seguida com 18% e 14%, eles se complementam como os acima pois a expressão

dos sentimentos do autor e o reflexo do seu compromisso determinam também o "compromisso" que pretende direcionar ao público. Trazer a quantidade desses atos foi importante para observar a maneira como eram dispostos no discurso e se ajudariam nas intenções do autor, outro fator importante foi a complementação de alguns, fato que os diretivos e assertivos como vistos acima inserem 66% do discurso.

A compreensão da intencionalidade de cada ato de fala num diálogo torna a comunicação coesa. Na pragmática, que delineia linguagem em uso e contexto, as intenções dos personagens trazem as mensagens que o texto quer passar de forma mais clara, até mesmo para o conhecimento das entrelinhas sugeridas, e a compreensão do contexto, quanto à inserção dos atos de fala. A variabilidade de atos de fala dentro de um texto traz maior versatilidade na conversação e comunicação entre os personagens, neles as expressões que marcam os atos de fala são mais observáveis. No estudo da pragmática podemos perceber o comportamento dos personagens e as intenções mais perceptíveis, autor, língua, locutor, comunicação do enunciado, torna-se intrínseco e importante, visto que conceitos do uso da linguagem e contexto contribuem para a observação dos atos de fala nos diálogos.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words.** Oxford University Press, 1962.

BORTOLETTO, Raquel *et al* (Org.). **UNO BEcome:** 9th grade. Santillana, 2017.

ESCANDEL VIDAL, M. V. Aportaciones de la Pragmática. In: SÁNCHEZ, Jesús Lobato, **Vademéum para la formación de professores**. Madrid: SGEL, 2004.

MARI, Hugo. Atos de fala: Notas sobre a origem, fundamentos e estrutura. In: MARI, Hugo et al. (org.). **Análise do Discurso**: fundamentos e práticas. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2001.

MENDONÇA, Camila. P. B. **Os atos de fala em textos do livro didático de língua inglesa Uno**: Descrição e análise. 2020. 210 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Faculdade de Letras e Artes, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2020.

MINAYO, Maria. C. S. (Org.). **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Os caminhos da pragmática no Brasil. **D.E.L.T.A,** v.15, n. 1, p. 323-338, 2010.

SEARLE, John. R. **Speech Acts.** Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SEARLE, John. R. **Speech acts**: an essay in the philosophy of language. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

SEARLE, J. R. **Expressão e significado**: estudos da teoria dos atos da fala, 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SILVA, Antônia. M.; SILVA JÚNIOR, Pedro. A. Análise dos atos de fala diretivo e expressivo nos enunciados dos personagens Elena e Miguel na animação Coco. **Revista Colineares**, v. 9, n. 1, p. 21–38, 2022. Disponível em: https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/4295. Acesso em: 31 mar. 2023.

[1] "Eu tenho um sonho. Eu estou feliz de estar reunido com vocês nesse dia. Hoje entrará para a história como a maior demonstração pela liberdade na história de nossa nação." (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[2] "Eu tenho um sonho que um dia esta nação se levantará e viverá o verdadeiro significado de sua crença - nós celebraremos estas verdades e elas serão claras para todos, que os homens são criados iguais." (BORTOLETTO et al., 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[3] "Muitos estados do norte achavam que a escravidão era errada" (BORTOLETTO et al., 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[4] "Os estados do sul ficaram descontentes quando Abraham Lincoln foi eleito presidente em 1860. Finalmente livres! Finalmente livres! Graças a Deus todo-poderoso, finalmente estamos livres!" (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[5] "Mas não ficaremos contentes sem liberdade e igualdade. Não haverá paz até que a América conceda ao negro seus direitos de cidadania. A revolta continuará até que emerjam as luzes da justiça!" (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[6] "Em 1776, os pais fundadores assinaram seus nomes na Declaração de Independência.". Tradução livre.

[7] "O presidente Lincoln anunciou a Proclamação da Emancipação em 1863." (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[8] "Os Estados Unidos da América têm um sonho. Este sonho está no coração de cada cidadão. É sussurrado nos lábios de todo imigrante. Está tão vivo hoje como quando os primeiros colonos chegaram a este país. É o sonho americano". (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[9] "Os estados do Norte e do Sul tinham sentimentos diferentes sobre a escravidão". Tradução livre.

[10] "Os estados do sul dependiam fortemente dela (a escravatura) para a produção de culturas como o algodão". (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[11] "A marcha foi amplamente transmitida. Pessoas de todo o país sintonizaram este evento histórico em seus rádios e televisões". (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[12] "Nenhum americano poderia ignorar isso". (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[13] "Foi um dia que todos os americanos se lembrariam. Quando ele se dirigiu à nação, as pessoas perceberam que seu sonho era o sonho delas também." (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[14] "Ele só queria que as pessoas levantassem suas vozes juntas para serem ouvidas.". Tradução livre

[15] "Não vamos chafurdar em nosso desespero. Enfrentemos as dificuldades que temos pela frente. Não podemos voltar atrás." (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[16] "Deixe a liberdade tocar nas Montanhas Rochosas do Colorado" (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[17] "Volte para o Mississipi. Volte para o Alabama, volte para a Carolina do Sul. Volte para a Geórgia. Volte para a Louisiana. Volte para as favelas e guetos de nossas cidades do norte. Volte sabendo que esta situação pode e será mudada" (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[18] "E quando isso acontecer, permitimos que a liberdade toque, ela tocará em todas as aldeias e aldeias." (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[19] "Vai tocar de todos os estados e cidades. Assim, poderemos acelerar a chegada daquele dia em que todos os filhos de Deus, negros e brancos, judeus e gentios, protestantes e católicos, poderão dar as mãos. Juntos, eles vão cantar as palavras do velho negro espiritual." (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[20] "Eles prometeram que todos os homens, sim, tanto os negros quanto os brancos, teriam 'direitos inalienáveis' garantidos. Estes incluíam o direito à 'vida', à liberdade e à busca da felicidade." (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[21] "Continuem a ter fé de que seu sofrimento trará redenção." (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[22] "Viemos aqui hoje para corrigir este problema." (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[23] "Quando os pais fundadores escreveram a Constituição e a Declaração de Independência, eles assinaram uma promessa a todos os americanos." (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[24] "Declararam que todos os homens tinham os direitos inalienáveis à vida, à liberdade e à busca da felicidade." (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[25] "Nela, ele declarava que todos os escravos eram libertos." (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[26] "Nenhum americano poderia ignorá-lo." (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

[27] "Eu tenho um sonho. Eu estou feliz de estar reunido com vocês nesse dia. Hoje entrará para a história como a maior demonstração pela liberdade na história de nossa nação." (BORTOLETTO *et al.*, 2017, p. 20-29, tradução nossa).

Retornar ao Sumário

Capítulo 8

ATOS DE FALA E INTENÇÃO NA SÉRIE *YOU*: UM OLHAR SOB A GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL

Yanchê Wanoll Silva
Pedro Adrião da Silva Júnior

#Atos de Fala
#Atos ilocucionários
#Recursos multimodais

1 INTRODUÇÃO

A Pragmática é um ramo da Linguística dedicado a investigar os fenômenos relacionados ao uso da linguagem por seus falantes. O termo foi utilizado pela primeira vez, contemporaneamente, pelo filósofo Francis Morris em *Foundations of the theory of signs* (1938), quando este expressou seu objetivo de elaborar uma ciência dos signos, a Semiótica, que teria três linhas de análises distintas: a Sintaxe, a Semântica (estudo do significado das sentenças lógicas) e a Pragmática, que em sua definição, seria o estudo das relações dos signos com seus usuários (LOPES, 2018).

Na visão de Escandell (2013), há certa unanimidade sobre seu objeto de estudo:

> [...] Se entende por Pragmática o estudo dos princípios que regulam o uso da linguagem na comunicação, isso quer dizer, as condições que determinam tanto o emprego de um enunciado concreto por parte de um falante concreto em uma situação de comunicação concreta, como sua interpretação por parte do destinatário [...] A pragmática é, portanto, uma disciplina que toma em consideração fatores extralinguísticos que determinam o uso da linguagem, precisamente a todos aqueles fatores que não se pode fazer referência um estudo puramente gramatical: noções como *emissor, destinatário, intenção comunicativa,*

> *contexto verbal, situação ou conhecimento de mundo* vão resultar em grande importância" (ESCANDELL, 2013, p. 15-16, itálicos da autora).

A autora destaca o fato de a Pragmática lidar com enunciados, falantes e situações concretas de comunicação, o que vai na direção oposta ao que foi predominante nas correntes estruturalistas, que consideravam apenas falantes e sentenças idealizados.

Ao conhecermos as ideias iniciadas por Austin e posteriormente sistematizadas por Searle, percebemos que é atribuída à linguagem falada (os atos de fala) a totalidade das intenções dos interlocutores. Partindo deste pressuposto, o desenvolvimento desta pesquisa tem como objetivo principal descrever como um ato de fala é capaz de transmitir (seja total ou parcialmente) a intenção dos interlocutores de acordo com o contexto da comunicação.

Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado intitulada "Análise dos atos ilocucionários na série *You* através da Gramática do Design Visual", de mesma autoria, apresentada originalmente ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte em março de 2021 e que pode ser acessada na íntegra no sítio do Programa.

Quanto à estrutura do artigo, ele se encontra organizado da seguinte forma: introdução, onde apresentamos uma breve contextualização da Pragmática, área de concentração de nossa pesquisa. Em seguida, nossa fundamentação teórica com base na Teoria dos atos de fala, de Austin (1962,1990), a Teoria dos atos ilocucionários, de Searle (1969,2002) e a Gramática do Design Visual, de Kress e Van Leeuwen (1996, 2006). Posteriormente, seguimos com a exposição e análise do corpus, considerações finais e as referências que embasaram este trabalho.

2 AUSTIN E A TEORIA DOS ATOS DE FALA

É comum delimitar o início das teorias usadas pela Pragmática a partir do que foi proposto por Austin (1911-1960) no ciclo de conferências Williams James realizado na Universidade de Oxford em 1955. Suas ideias foram publicadas sob o título de "*How to do things with words*", em que ele propõe uma mudança considerável no método de análise em relação à filosofia vigente. Naquele momento, predominava a filosofia analítica, escola filosófica que tinha como objeto a linguagem e como método, a análise lógica. Seus fundamentos foram desenvolvidos com os trabalhos de George Edward Moore (1873-1958), Gotllob Frege e Bertrand Russell (1872-1970), (MENDONÇA, 2018).

Já na primeira conferência, Austin considera que "nem todas as sentenças verdadeiras ou falsas são descrições, e por isso, eu prefiro usar a palavra constativa" (AUSTIN, 1962, p.3, tradução nossa). Com isso, o filósofo pretende argumentar a favor de que, determinadas sentenças, nem descrevem, nem relatam ou mesmo cabe dizer se são verdadeiras ou falsas. Algumas delas, entretanto, realizam ações quando são proferidas. Aos enunciados que realizam ações no momento em que são ditos, Austin os chamou de performativos.

Posteriomente, Austin reformula sua hipótese inicial e afirma que ao falarmos, realizamos pelo menos três atos: um ato locucionário, um ato ilocucionário e um ato perlocucionário (AUSTIN,1990):

1) O ato locucionário é o próprio ato de emitir um enunciado, de produzir uma expressão linguística com significado ou simplesmente o ato de dizer algo. Por exemplo, se alguém tem dificuldade de produzir sons e palavras em determinada língua, provavelmente terá dificuldades de produzir um ato locucionário (YULE, 1996).

2) O ato ilocucionário está relacionado a uma intenção, a um propósito específico. Segundo FIORIN (2018), o ato ilocucionário é o que se realiza na linguagem e tem um aspecto convencional, isto é, está marcado na linguagem e pode ser expresso por um performativo correspondente. Conforme o contexto, um

mesmo ato ilocucionário pode ter significados distintos, o que foi chamado por Austin de força ilocucionária. Por exemplo, quando alguém profere o ato de fala "Cuidado", de acordo com o contexto, o ato ilocucionário pode ter a força de um alerta, de uma advertência ou até mesmo de uma ameaça.

3) O ato perlocucionário, por fim, está relacionado a "certos efeitos e consequências sobre sentimentos, pensamentos, ou ações dos ouvintes, ou de quem está falando, ou de outras pessoas" (AUSTIN, 1990, p. 89).

Após a repercussão da análise da língua sob um ponto de vista performativo, Searle (1932), que foi aluno de Austin, ganhou notoriedade por sistematizar e ampliar as ideias apresentadas sobre a Teoria dos atos de fala. Em *Speech Acts*, Searle justifica o estudo dos atos ilocucionários afirmando que toda comunicação linguística envolve atos linguísticos. Por isso, segundo o autor, o símbolo, a palavra ou a sentença não devem ser considerados a unidade básica da comunicação, mas sim, a palavra ou sentença na forma de um ato de fala (SEARLE, 1969).

Searle apresenta uma proposta de tipologia dos atos ilocucionários. De acordo com esta taxonomia, o filósofo estabelece em cinco classes fundamentais através das quais é possível executar algo ao falar. No quadro abaixo, apresentamos as classes de atos e seus respectivos objetivos ilocucionários (LOPES, 2018):

Quadro 1 - Classes de atos e objetivos ilocucionários.

CLASSES DE ATOS	OBJETIVO ILOCUTÓRIO[1]
Assertivos (afirmar, negar, informar, responder, confirmar...)	Comprometer o falante com a verdade da proposição expressa.
Diretivos (ordenar, pedir, aconselhar, avisar, suplicar, perguntar...)	Levar o interlocutor a adotar um comportamento, verbal ou não verbal.
Compromissivos (prometer, jurar, ameaçar...)	Colocar o falante na obrigação de vir a realizar algo.
Expressivos (saudar, agradecer, pedir desculpas, congratular-se, lamentar, dar os pêsames, dar os parabéns...)	Expressar o estado psicológico do falante relativamente a uma situação.
Declarações (casar alguém, batizar alguém, excomungar alguém, despedir alguém, nomear alguém para um cargo,	Promover literalmente à existência a situação descrita no conteúdo proposicional.

CLASSES DE ATOS	OBJETIVO ILOCUTÓRIO[1]
declarar o estado de sítio...)	
Declarações assertivas	Promover literalmente à existência uma nova situação, relacionando o locutor com a verdade do conteúdo proposicional.

Fonte: Lopes (2018, p. 148-149).

Na visão de Lopes (2018), há pelo menos dois pontos de destaque na tipologia proposta por Searle. O primeiro é que esta taxonomia torna os quatro primeiros tipos de atos ilocucionários bastante democráticos, visto que eles englobam as ações e intenções que qualquer falante pode expressar em suas interações cotidianas, com exceção da última classificação, cujas declarações do falante exigem que ele esteja investido de alguma autoridade institucional para que os atos por ele proferidos sejam realmente realizados.

O segundo ponto que a autora destaca é o fato de Searle ter esboçado grandes categorias de atos de fala, resultante de um leque mais amplo de critérios diferenciadores. Por exemplo, os atos de promessa e

ameaça fazem parte dos compromissivos, porém, de naturezas diferentes. No primeiro caso, o conteúdo proposicional é positivo para o interlocutor, já no segundo, é totalmente o oposto (LOPES, 2018).

3 GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL

Em muitos contextos, a combinação de imagem e texto é vista como uma coisa completamente comum. Tanto o texto quanto a imagem são referidos como diferentes modos de comunicação. Suas relações são por consequência, estudadas na área da multimodalidade, que investiga também os diversos modos de expressão e combinações entre eles (BATEMAN, 2014).

Apesar do subtítulo "a gramática do design visual", doravante GDV, os autores afirmam que seu trabalho não tem a intenção de criar regras. Assim como a gramática de uma língua descreve como as palavras combinam entre si, a proposta da gramática visual é descrever como pessoas, lugares e coisas representadas combinam em "declarações" visuais de maior ou menor complexidade e extensão. Além disso, os autores pretendem demonstrar como a GDV pode exercer um papel importante na produção do significado (KRESS; van LEEUWEN, 1996).

O design visual, assim como a linguagem e todos os outros modos semióticos, deve servir a vários processos representacionais e comunicativos. Para este

fim, os autores adotaram a noção teórica de metafunção, oriunda do trabalho de Halliday. Em seus termos, elas compreendem uma função ideacional, que representa o mundo ao nosso redor e dentro de nós; uma função interpessoal, que representa as interações sociais como relações sociais e uma função textual, em que as representações e os atos comunicativos formam um todo comunicativo a que chamamos de texto (KRESS; van LEEUWEN, 1996). Adaptadas para a terminologia dos autores, elas são chamadas, respectivamente, de função representacional, interativa e composicional. Para os objetivos deste trabalho, interessa-nos apenas as duas primeiras.

A metafunção ideacional diz que todo meio semiótico é capaz de representar o mundo da forma como os seres humanos o vivenciam, ou seja, ele deve ser capaz de representar objetos e suas relações externas ao sistema representacional. Ao fazer isso, os modos semióticos oferecem uma gama de opções em que os objetos e suas relações entre si podem ser representados. (KRESS; van LEEUWEN, 2006).

A metafunção linguística ideacional é equivalente à metafunção visual representacional, que indica a relação entre os participantes internos de uma imagem. Estes participantes podem ser classificados de duas maneiras: como **participantes interativos**, aqueles que falam, ouvem, escrevem, leem, produzem ou visualizam imagens; também podem ser **participantes**

representados, como as pessoas, lugares ou coisas representadas na fala, na escrita, na imagem ou através delas, ou ainda, são os participantes sobre quem falamos, escrevemos ou produzimos imagens (ALMEIDA, 2009, negritos nossos).

Quando os participantes são conectados por um vetor, eles são representados fazendo alguma ação para o outro ou uma ação recíproca. Para este padrão vetorial, Kress e van Leeuwen (2006) o nomearam de processo narrativo. Em oposição a estes, há os processos conceituais, em que os participantes são representados em termos de sua classe, estrutura ou significado. Para os fins deste trabalho, no tocante à metafunção representacional, iremos nos deter apenas na exposição das características do processo narrativo.

Sendo os processos narrativos utilizados para descrever como estão relacionados os componentes das ações representadas em uma imagem, iremos agora nos concentrar em apresentar brevemente como eles são categorizados de acordo com a proposta da Gramática do Design Visual. De acordo com Almeida (2009, p. 179), nos processos narrativos, "os participantes podem ser chamados de (1) Ator/Reator e Meta/Fenômeno; (2) Dizente e Anunciado; ou de (3) Experienciador e Fenômeno".

Segundo Kress e van Leeuwen (2006), tipos diferentes de processos narrativos podem ser distinguidos com base nos tipos de vetor, número e tipos

de participantes envolvidos. "O Ator é o participante de quem o vetor emana, ou ele mesmo, todo ou em parte, forma o vetor (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 63). Já "a Meta é o participante para quem ou para que o vetor é direcionado, portanto também é o participante para quem ou para que a ação é feita, para quem ou para que a ação é direcionada" (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 64).

Ambos os participantes, ator e meta são conectados por meio de um vetor – a linha oblíqua/diagonal bastante forte já mencionada – estabelecida pela direção em que os participantes estão em contato. Nesses casos, temos uma estrutura transacional, que acontece quando uma ação ocorre entre duas partes. Imagens classificadas como transacionais podem ou não incluir vetores bidirecionais. Quando isso acontece, os papeis de Ator e Meta são alternados entre si. Quando a ação envolve apenas o Ator e nenhum outro participante é o destino dessa ação, a imagem é categorizada como não transacional (ALMEIDA, 2009).

4 METODOLOGIA

Partindo do pressuposto de que nem sempre os nossos atos de fala são capazes de transmitir plenamente nossas intenções, precisávamos de um *corpus* que apresentasse simultaneamente texto verbal e um

componente visual. Por este motivo, escolhemos o gênero "série de TV" como fonte do nosso *corpus* de pesquisa. Além de atender a demanda de texto verbal e visual, uma série de TV permite o acesso a um número expressivo de atos de fala, o que não seria possível caso optássemos por gêneros tão limitados em extensão como cartum, charge ou anúncio publicitário.

Para os objetivos do nosso trabalho optamos pela adesão às categorias descritas pela análise de conteúdo, propostas por Bardin (2011), cuja organização se dá em três partes: 1) a pré-análise, 2) a exploração do material e 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, conforme descrição a seguir.

Escolhido o gênero textual para a pesquisa, elencamos alguns critérios para definir a série a ser analisada. Os parâmetros para a seleção foram os seguintes: 1) série produzida em língua inglesa; 2) série cujo enredo acontece nos dias atuais, permitindo analisar o uso da língua inglesa sob um viés sincrônico e próximo à linguagem cotidiana; 3) série do gênero drama/suspense para entendermos como os atos ilocucionais funcionam nesse gênero. Seguindo estes critérios, selecionamos a série *You*.

A partir da definição de *You*, seguimos para a composição do *corpus*, que foi formado por 53 *frames* do primeiro episódio da primeira temporada da obra. Eles foram dispostos em tabelas apresentando entre três a oito imagens a fim de compor sequências significativas

para o desenvolvimento da análise. Para este trabalho, apresentamos uma das dez sequências analisadas na pesquisa de mestrado.

A análise obedecerá a sequência: 1) descrição do contexto; 2) identificação dos personagens na cena; 3) descrição da cena; 4) descrição dos atos ilocucionários; 5) identificação dos recursos semióticos; 6) discussão.

5 ANÁLISE DO CORPUS: A SÉRIE YOU

Inspirada no livro homônimo da autora Caroline Kepnes, de 2014, a primeira temporada da série *You* (2018) tem dez episódios com duração de aproximadamente 42 minutos. Disponibilizada pela plataforma de *streaming* Netflix, sua breve sinopse descreve o enredo como "Obsessivo e perigosamente charmoso, ele (Joe) vai ao extremo para entrar na vida de quem o fascina. Você pode acabar fisgada sem nem perceber. Aí, pode ser tarde demais".

O site da empresa a descreve como pertencente ao gênero "série dramática sobre crime", com "cenas e momentos sombrios e de suspense no ar". O enredo trata da história de Joe Goldberg, um rapaz aparentemente comum e educado, que trabalha como gerente de uma livraria, onde conhece a aspirante a escritora Guinevere Beck. Desde o primeiro momento em que ele a vê, em seu local de trabalho, Joe se apaixona por ela e a partir daí passa a persegui-la, tanto presencial quanto

virtualmente e a qualquer pessoa que possa afastá-la dele.

As cenas de *You* intercalam a narrativa com a voz do personagem Joe em *voice over*, técnica utilizada no cinema e na televisão que consiste em uma voz que narra a história como se fosse um observador, e as cenas em que os personagens interagem normalmente entre si.

Outros personagens secundários também são importantes no desenvolver do enredo, como por exemplo, o menino Paco, sua mãe, a enfermeira Cláudia e seu companheiro Ron, vizinhos de Joe. Próximos de Beck, estão Benji (namorado) e suas amigas Peach, Lynn e Blythe.

Esta sequência de imagens foi retirada da primeira cena da série. Ela se inicia a partir de 00:23 minutos, dentro da livraria onde Joe trabalha. Beck aparece em cena. Em seguida, a voz de Joe surge em *voice over*, fazendo uma descrição da personagem, baseado em suas vestimentas e em seus acessórios, tentando imaginar quem ela seria, enquanto ela faz seu percurso entre as prateleiras até o momento em que se dirige a ele e ambos iniciam um diálogo. Eles se cumprimentam e o primeiro *frame* da sequência 1 é visto por volta de 01:10 minutos.

Quadro 2 – Análise da Sequência 1.

Frame/ato de fala[2]	Força ilocucional/ Tipo de ato ilocucional	Recursos multimodais
A – (Joe) Can I help you find something?	Pergunta/diretivo	Olhar de demanda em direção ao interlocutor. Expressão facial de atenção.
B – (Beck) Paula Fox.	Resposta/assertivo	Olhar de demanda em direção ao interlocutor.
C – (Joe) It's a good choice	Afirmação/ assertivo	Olhar de demanda e posicionamento oblíquo do corpo.
D – (Beck) Hmmm, I feel weirdly validated	Afirmação/asserti-vo e/ou expressivo	Gesto de menear a cabeça; expressão facial de surpresa; Mudança na direção dos

Frame/ato de fala[2]	Força ilocucional/ Tipo de ato ilocucional	Recursos multimodais
		olhos/ olhar oblíquo.

Fonte: elaborado pelo autor.

No *frame* A, Joe utiliza um ato ilocucionário diretivo (aquele que leva o seu interlocutor a adotar um comportamento, seja verbal ou não verbal) para atender Beck. Ao dirigir a palavra a ela, ele utiliza a palavra *something*, que significa "algo, alguma coisa" em português. Pelo contexto da situação, ela entende que o rapaz quer ajudá-la a encontrar algum livro e em resposta, usa o ato ilocucionário assertivo (aquele que compromete o falante com a verdade da proposição expressa) no *frame* B "Paula Fox".

Em C, Joe entende que sua interlocutora procura por alguma obra da referida autora e afirma que é uma boa escolha, fazendo uso de um ato ilocucionário assertivo. Conforme a gramática da língua inglesa, *something* é um pronome usado para se referir a coisas. Pragmaticamente, parece não haver qualquer problema de comunicação referente ao uso do termo, tendo em vista que ao usar o nome próprio "Paula Fox", a intenção

da interlocutora é compreendida e a conversa segue normalmente.

Em D, Beck usa o ato ilocucionário *"Hmmm, I feel weirdly validated"*, em que afirma algo (assertivo) e que ao mesmo tempo, demonstra como se sente (expressivo) com a resposta do personagem. Dentro dos papeis sociais de vendedor de livros e cliente, parece que ela não espera que um vendedor faça qualquer juízo de valor sobre as escolhas de seus clientes.

Usando a terminologia proposta por Kress e van Leeuwen na Gramática do Design Visual, os personagens em cena são os participantes interativos (que falam, ouvem, produzem) e intercalam entre si as funções de Ator (de quem um vetor emana) e Meta (para quem uma ação é direcionada). Da mesma forma, eles se alternam nos papeis de Reator (o participante que olha) e Fenômeno (objeto do olhar do Reator).

Nos *frames* A e B, ambos os participantes estão posicionados de frente um para o outro e com um olhar fixo, olhar de demanda nos termos da GDV, e mantém uma relação demonstrada através dos sorrisos. No entanto, no *frame* C, Joe ao utilizar um ato assertivo, que demonstra compromisso do falante com aquilo que fala, tem uma mudança de perspectiva, rompendo a posição frontal dos *frames* anteriores e dando uma resposta com olhar oblíquo, que sugere um não-envolvimento com o que se diz/demonstra.

Da mesma forma, Beck, ao enunciar o que está no *frame* D, faz um gesto de balançar a cabeça para o lado e também interrompe o olhar de demanda para seu interlocutor. Ao usar um ato expressivo, ela também adota um olhar oblíquo momentaneamente, demonstrando um estranhamento conforme o que foi verbalizado.

Nesta sequência de apenas quatro atos de fala, observamos que podemos fazer coisas diversas com o que enunciamos. Podemos nos comprometer com o que dizemos, demonstrar nosso estado emocional e levar alguém a adotar determinada postura. No entanto, ao combinarmos as duas teorias que servem para a análise do corpus, observamos que, às vezes, nossas intenções não correspondem plenamente a outros modos de comunicação. Podemos garantir algo com nossos atos de fala, mas contradizer-nos com o que apresentamos visualmente para nosso interlocutor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseados nas teorias apresentadas ao longo da pesquisa e feita a análise dos dados, podemos tecer algumas considerações sobre os resultados obtidos, a fim de concluir nossa exposição, sem com isso, considerar encerrada a discussão aqui apresentada. Partindo do pressuposto de Searle de que os atos de fala compreendem a totalidade das intenções comunicativas,

fizemos nosso percurso para entendermos como cada ato de fala é capaz de fazer isso, de acordo com o contexto da comunicação.

Ao iniciarmos nosso percurso com Austin (1962,1990) observamos que é possível irmos além da mera referência aos objetos e realizarmos determinadas ações ao usarmos uma língua. Além de sermos capazes de executar um número significativo de atividades através do que falamos, compreendemos que é igualmente possível expressarmos nossas intenções e gerarmos um efeito sobre os interlocutores através dos nossos atos de fala.

Com Searle (1969; 2002) entendemos como um mesmo ato de fala pode demonstrar que estamos agindo de modo diferente ao usarmos a língua em determinado contexto. Por meio de sua taxonomia, entendemos como um ato ilocucionário demonstra a ação (intenção) do falante em relação a seu interlocutor e como se dá a relação de ajuste entre nossas palavras e o mundo.

Neste ponto, é importante salientarmos, que a taxonomia proposta por Searle nem sempre nos permite distinguir claramente em qual categoria um ato ilocucionário é inserido, como no caso de "*Hmmm, I feel weirdly validated*", localizado no *frame* D da sequência 1. Se alguém diz que se sente estranhamente avaliado, podemos entender tal ato como um expressivo, já que há uma declaração sobre o estado psicológico de quem o expressa, assim também como é um ato assertivo, pois é

uma afirmação que reflete o compromisso com aquilo que se diz.

A partir dessas observações, registramos uma diversidade de recursos visuais comuns à linguagem cotidiana e à comunicação face a face, que vão desde um olhar entre as pessoas que conversam, passando por suas expressões faciais, sorrisos, gestos e a posição que estão em relação ao outro. Pelo exposto na análise, percebemos que tais fatores também contribuem para comunicar as intenções, de modo que, se tais recursos estivessem ausentes da comunicação, uma parte significativa delas não seria comunicada.

Identificamos também que, conforme o contexto, parece que nem sempre os atos ilocucionários dão conta de expressar plenamente as intenções comunicativas dos interlocutores. Segundo as categorias propostas na Gramática do Design Visual, de Kress e van Leeuwen (1996; 2006), o tipo de olhar apresentado entre os interlocutores (oferta/demanda) e o posicionamento entre eles (frontal, oblíquo), além dos gestos (balançar a cabeça, apontar para algum objeto) e das expressões faciais, que têm papel fundamental na comunicação, ora confirmando o que é expresso, ora negando o comprometimento daquilo que foi dito ou até mesmo sendo insuficiente para levar a intenção ao seu interlocutor.

Dessa forma, conforme nosso *corpus* e nossa análise, não podemos concordar com o pressuposto de

Searle sobre os atos de fala compreenderem a totalidade das intenções comunicativas. Como apresentado, há outras maneiras de demonstrá-las, até mesmo sem ser necessário dizer algo. Os recursos multimodais e paralinguísticos também podem ser capazes de transmitir nossos significados.

Com isso, notamos que a complexidade da comunicação humana nos instiga a permanecer desenvolvendo estudos que nos permitam entender os vários processos e elementos dos quais ela é composta. É importante que as pesquisas em Pragmática possam trazer novos desdobramentos para a Teoria dos atos ilocucionários, possibilitando a inserção de outras categorias a fim de não haver sobreposição entre elas ou até mesmo outras teorias que sejam capazes de abarcar as questões tratadas aqui. Além disso, também é necessário que os trabalhos da área considerem, além dos atos de fala ilocucionários, o papel dos recursos multimodais para que possamos ver melhor o que podemos fazer com a lingua(gem).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Danielle B. Do texto às imagens: as novas fronteiras do letramento visual. *In*: PEREIRA, R. C.; ROCA, Pilar (Org.). **Linguística Aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009. p. 173-202.

AUSTIN, John L. **How to Do Things with Words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.

AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer**. Palavras e ação. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BATEMAN, John. **Text and image:** A critical introduction to the visual/verbal divide. New York: Routledge, 2014.

ESCANDELL VIDAL, Maria V. **Introducción a la Pragmática**. Barcelona: Editora Ariel, 2013.

KRESS, Gunther.; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images**: The grammar of visual design. New York: Routledge, 1996.

KRESS, Gunther.; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images**: The grammar of visual design. 2 ed. New York: Routledge, 2006.

LOPES, Ana Cristina M. **Pragmática**: uma introdução. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

MENDONÇA, Josailton F. O estudo lógico da linguagem: Frege, Russell e o problema do significado.

Revista Colineares, Mossoró, v. 05, n. 01, p. 78-98, jan./jun. 2018.

YOU. Direção: Sera Gamble, Greg Berlanti. Estados Unidos: Netflix, 2018.

YULE, George. **Pragmatics**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

[1] Termo utilizado pela autora, conforme a língua portuguesa escrita em Portugal.

[2] A – Posso te ajudar a encontrar alguma coisa?
B – Paula Fox.
C – É uma boa escolha.
D – eu me sinto estranhamente validada.

Retornar ao Sumário

Capítulo 9

INCURSÕES SOBRE A SEMÂNTICA MILLIANA: NOMES PRÓPRIOS E DESCRIÇÕES DEFINIDAS

Josailton Fernandes de Mendonça

#Nomes Próprios
#Descritivismo
#Referência
#Valor Semântico
#Teoria Causa

1 O PARADIGMA LÓGICO-VERITATIVO: NOMES PRÓPRIOS

Uma bem estruturada tradição que nasce a partir do século XVII toma a linguagem como exterior ao pensamento, vindo a se constituir como uma ferramenta de comunicação a qual não afeta a produção de ideias, mas as comunica. Desta forma, a linguagem seria capaz de expressar a vida psíquica do sujeito, tornado possível construir o pacto social, uma vez que tais acordos somente são fixados por meio da linguagem. Desta tradição fazem parte eminentes filósofos de correntes epistemológicas distintas como John Locke (1632-1704) – empirismo – e George Berkeley (1865-1753) – idealismo/imaterialismo.

O fundamento desta abordagem acerca da linguagem é a teoria do conhecimento e a teoria do juízo desenvolvido por estes pensadores. Assim, a ênfase recai sobre o conceito de ideia ou representação, concebida como entidade mental tal que as palavras significam na medida em que apontam ou se refere a tais ideias. Neste sentido, entendemos a afirmação de Locke (2012, p. 223):

> As palavras são sinais sensíveis, necessários para a comunicação. Embora o homem tenha uma grande variedade de pensamentos, dos quais tanto outros como ele mesmo devem receber proveito e prazer,

> ainda que todos estejam no interior de si mesmos, invisíveis e escondidos dos outros, e nem possam se manifestar por si mesmos. O bem-estar e a vantagem da sociedade não sendo realizáveis sem comunicação de pensamentos, foi necessário ao homem desvendar certos sinais sensíveis externos, por meio dos quais estas ideias invisíveis, das quais seus pensamentos são formados, pudessem ser conhecidos dos outros.

Um contraponto a esta concepção nasce com o filósofo John Stuart Mill (1806-1873). Contrariamente à abordagem de Locke (2012), Mill concebe a linguagem do ponto de vista lógico-veritativo. Segundo este filósofo (1978, p. 90)

> A resposta a qualquer questão possível deve estar contida numa proposição ou asserção. Tudo o que possa ser objeto de crença ou mesmo de descrença deve, quando expresso em palavras, assumir a forma de uma proposição. Toda verdade e todo erro estão na forma de proposições. O que, por um abuso cômodo de um termo abstrato, chamamos verdade significa apenas uma proposição verdadeira; e erros são proposições falsas. Conhecer a significação de todas as proposições possíveis seria

> conhecer todas as questões que podem ser postas, todas as questões suscetíveis de serem ou não aceitas. Quantos tipos de perguntas podem ser propostos? Quantas espécies de juízos podem ser feitas? e quantas espécies de proposições podem ser formuladas? Todas essas são formas diferentes de uma mesma questão: Desde que os objetos de qualquer crença e de qualquer investigação se exprimem em proposições, um cuidadoso exame das proposições e de suas variedades nos informará quais espécies de questões a humanidade realmente fez, e quais, segundo a natureza das respostas, pensou realmente ter fundamento para aceitar.

A tese que se sobressai, nesta concepção, é aquela segundo a qual os nomes próprios estão vinculados aos objetos, isto é, denotam diretamente o objeto, o que quer dizer que o significado destas expressões não depende de qualquer atributo do objeto (MILL, 1978). Ao lado desta relação direta entre palavra e objetos há uma outra que ele chama de "conotação". Deste modo, uma expressão conota quando reúne um feixe de notas características que identificam ou não um objeto. Por exemplo, a palavra "cavalo" reúne uma série de atributos, mamífero, quadrúpede, ruminante etc., com os quais referimos ao objeto, ou seja, a palavra "cavalo"

tem uma conotação para ser capaz de denotar (referir). Portanto, com exceção dos nomes próprios, os nomes gerais conotam e denotam[1].

Por nome próprio ou termo singular, Mill (1978) considera qualquer expressão da linguagem que aponta para uma única coisa no mesmo sentido. Isso, naturalmente, se aplica tanto aos nomes próprios "João", "Maria", "Pedro", etc., como às descrições definidas, "o maior rio em volume d'água do mundo" para se referir ao rio Amazonas, ou "o satélite natural da terra" para se referir a lua, "o filósofo grego que nasceu em Estagira e morreu em Calcis" para se referir a Aristóteles, etc. Com efeito,

> "O rei que sucedeu a Guilherme, o Conquistador" é também um nome individual. Pois o sentido das palavras implica que ele não pode se aplicar a mais de uma pessoa. Mesmo "o rei", quando a ocasião ou o contexto do discurso definem o indivíduo pelo qual se entende, pode justamente ser considerado um nome próprio". (MILL, 1978, p. 95)

Essa concepção de Mill altera a visão que se tinha a respeito de um juízo. No plano da linguagem, um juízo é expresso, em geral, por uma frase declarativa. E uma frase declarativa simples compõe-se de uma ideia-sujeito

e de uma ideia-predicado. Contudo, sob a tese de Mill, um juízo é formado por um termo singular e um predicado, ou como ele afirma, um nome concreto e um nome abstrato. Assim, por exemplo, uma frase como "Pedro é mortal", temos a ideia ou propriedade – mortalidade – atribuída a um objeto, indivíduo – Pedro. Em outras palavras, o termo sujeito estar pelo objeto enquanto o termo predicado estar pela propriedade.

No entanto, a teoria de Mill é incompleta, haja vista não explicar como diferentes falantes, ao usar a mesma palavra, podem se fazer entender. Mas é preciso lembrar que Mill não tinha o conceito de sentido, conforme veremos explicitado no modelo de significado de Frege.

Ademais, a teoria de acordo com a qual os nomes próprios denotam sem conotar enfrenta grandes desafios. Um desses desafios é explicar o significado dos nomes próprios ficcionais. Consideremos, a esse respeito, os nomes "Luiz Inácio Lula da Silva" e o nome "Sherlock Holmes". De fato, o primeiro denota diretamente sem a necessidade de atributos do objeto/indivíduo nomeado. O segundo, também deveria comportar-se do mesmo modo, posto que é nome próprio, mas, observemos que "Sherlock Holmes" não existe, exceto nas obras de Conan Doyle, isto é, trata-se de um nome próprio ficcional.

A pergunta, então, é: será possível que nomes ficcionais sejam pseudonomes já que, embora usados

como nomes próprios, a rigor, não denotam nenhum objeto experiencial? Além disso, considere-se que os nomes próprios são semanticamente abertos, isto é, eles denotam qualquer indivíduo que o porta no contexto. Por exemplo, o nome "Maria" denota qualquer indivíduo que porta esse nome nos mais variados contextos. A pergunta que surge, então, é a seguinte: como sabemos a que indivíduo se está a referir quando utilizamos um nome? Não obstante, a teoria parece funcionar perfeitamente com números, o número 7, por exemplo, nomeia unicamente ao objeto "7", mas também com tábuas astronômicas usadas para localizar no céu, estrelas e planetas, por exemplo, WOH64 nomeia a maior estrela da nuvem de Magalhães.

Uma abordagem que enfrenta essas questões é do matemático, lógico e filósofo Gottlob Frege. Branquinho (1992) elenca as expressões que para Frege podem ser contadas como nomes próprios: (i) constantes individuais; (ii) enunciados assertivos em face da referência de suas palavras; (iii) termos descritivos. Portanto, além de termos singulares sintaticamente simples, os nomes próprios fregeanos incluem descrições definidas, predicados que são nomes próprios de função e frases completas que são nomes próprios de valores de verdade.

Para Frege (2009, p. 131) há algo a mais na semântica de um termo, que a sua função referencial. Com efeito,

> É natural agora pensar que há conectado com um signo (nomes, combinação de palavras, letras) além do que o signo refere, o que pode ser chamado a referência do signo, algo que pode ser chamado de o sentido do signo, no qual está contido o modo de apresentação.

Assim, é possível distinguir dois modos do significado: o sentido (*Sinn*) e a referência (*Bedeutung*). O *Bedeutung* fregeano alude a entidade extralinguística a que uma expressão da linguagem — frase, nome próprio e predicado — está associada. E o *Sinn* é aquilo em que está incluído o modo pelo qual o indivíduo é apresentado pelo nome. Em uma acepção mais estrita, o *Sinn é* um aspecto constitutivo do valor semântico – o outro é o *Bedeutung* —, uma condição que o objeto deve satisfazer para ser o referente de uma expressão. Portanto, o que está na origem do poder semântico do nome próprio é o modo particular do objeto se apresentar como referente, isto é, o sentido.

Considere, por exemplo, o enunciado (1) "Pelé é Edson Arantes do Nascimento". Como Frege argumenta (2009), se o valor semântico consistisse apenas na referência, enunciados de identidade verdadeiros como (1) deveriam ter o mesmo conteúdo informativo de enunciados analíticos como (2) "Pelé é Pelé". Mas (1) e

(2) têm diferentes conteúdos informativos, é possível apreender algo novo com (1), mas não com (2), logo, apreender o sentido, estritamente falando, é relacionar o nome a um modo particular de introduzir o referente. Nestas condições, o sentido é aquilo que está contido no modo de apresentação do referente e determina a referência. O modo de apresentação do referente se apresenta na forma de descrições definidas e estas destacam um objeto por ser o único que possui o atributo mencionado na descrição[2].

Não discutiremos os pormenores do modelo de Frege[3], exceto naquilo que é importante para os objetivos deste texto, a saber, a polêmica em torno da noção de sentido. Para Frege (2009), o sentido não pode estar associado a um conteúdo subjetivo, mas se apresenta objetivamente de modo que, embora na linguagem comum admita-se uma variação de sentido ao se empregar uma expressão nomeadora, tal não pode ocorrer nos enunciados científicos. De fato, caso a exigência de objetividade do sentido fosse exigido para a linguagem natural, então cada nome corresponderia exatamente ao modo de ser de seu portador.

Dessa maneira, os nomes próprios exerceriam uma função denotadora da mesma maneira que as descrições definidas, isto é, nomes próprios seriam descrições disfarçadas. Entretanto, com o uso do nome próprio realizamos um ato de referência identificadora

de um indivíduo, sem descrevê-lo de modo unívoco, ou seja, nomes próprios são semanticamente abertos.

2 A ABORDAGEM DESCRITIVISTA DE SEARLE

O programa descritivista tem em John Searle um dos seus principais proponentes. Para ele, as condições de aplicabilidade dos nomes próprios são definidas por um agregado vago e inespecífico de descrições satisfeito por um objeto. Neste sentido, os nomes não são equivalentes a uma só descrição, antes são como que cabides no qual dependuramos descrições. O que esta metáfora sugere revela-se na distinção feita por Searle (1958) entre nomes próprios e descrições. Segundo este autor, as descrições referem dizendo o que o objeto é, enquanto os nomes próprios referem sem o compromisso de afirmar o que o objeto é. Daí, o nome refere a qualquer objeto que satisfaça um número suficiente, mas vago e inespecífico das descrições que geralmente lhe estão associadas. Portanto, Searle não fala que os nomes são associados a descrições definidas, o que ele fala é que os nomes são associados com características do objeto, e que ao usar o nome o falante deve pressupor a verdade de certos enunciados que envolvem o nome.

Destarte, a resposta para a questão "Ao que ou a quem você se refere quando chama por N?" somente será respondida adequadamente se forem estabelecidas

as condições de aplicação do nome as quais, como asseverei, estão associados com características do objeto.

Nesta perspectiva, Searle (1958, p. 168) esclarece:

> A menos que nosso estudante já conheça outro nome próprio do objeto, podemos apenas identificar o objeto (a preliminar necessária para ensinar o nome) por ostensão ou descrição; e, em ambos os casos, podemos identificar o objeto em virtude de certas características suas. Parece agora, como se as regras para os nomes próprios precisassem, de algum modo, estar logicamente ligadas a determinadas características do objeto, de tal modo que o nome tivesse um sentido e uma referência. De fato, parece que ele não poderia ter uma referência se não tivesse um sentido, pois, como se o nome não tem um sentido, ele pode estar relacionado com o objeto?

Logo, essas condições de aplicação dos nomes estão associadas ao seu sentido e este é especificado através das descrições definidas. De acordo com Searle (1969, p. 168),

> Qualquer um que use um nome próprio deve estar preparado para substituir uma descrição identificadora [...] do objeto para

> se referir por um nome próprio. Se ele é incapaz de fazer isso, ele está dizendo que não sabe de quem ou do que está falando e esta é uma consideração que nos inclina a dizer que nomes próprios devem ter um sentido e que a descrição identificadora constitui esse sentido

Contudo, o que quer dizer "descrição identificadora constitui o sentido" não é claro em Searle. É possível que com essa concepção se esteja a defender a substituição do nome pela descrição definida nos enunciados em que o nome aparece, *salva veritate*. Mas também é possível que se esteja a afirmar que descrições definidas definem o sentido do nome próprio, ou mesmo as duas coisas. Searle não é conclusivo neste aspecto.

De qualquer modo, ao que parece, com o seu descritivismo, ele pretende estabelecer que os falantes nos processos comunicacionais possam falar sobre um objeto com o uso de um nome próprio sem precisar discutir ou concordar sobre que propriedades identificadoras constituem a identidade desse objeto. É a noção de vagueza que ele atribui como característica dos nomes próprios. Simultaneamente, afirma Seale (1958), que um falante precisa assumir um número suficiente de pressupostos descritivos sobre, por exemplo, Aristóteles para se referir a Aristóteles com o nome "Aristóteles".

Isto traz alguns problemas, como por exemplo, se tudo que um estudante sabe dizer sobre Aristóteles é que foi o aluno mais famoso de Platão, que foi o autor da *Ética a Nicômaco*, o criador do Liceu, o mestre de Alexandre, o Grande e foi o filósofo que influenciou Santo Tomás de Aquino, ele estaria se referindo à mesma pessoa com o uso do nome "Aristóteles" que seu professor que tem um conhecimento maior sobre Aristóteles? Dúvidas como essa se multiplicam. Suponha que não há um indivíduo que satisfaça certo número de propriedades, então as condições de determinação deste indivíduo ficam enormemente prejudicadas, isto é, o seu nome não refere, é vazio. Por exemplo: para que um falante possa usar com sucesso o nome "Vulcano", é preciso que ele esteja familiarizado com um feixe de descrições que especifique o objeto referido. Neste caso, "O planeta situado entre Mercúrio e o sol", "O planeta que interfere na órbita de Mercúrio", no entanto, como as descrições do pacote não são satisfeitas, não há um uso referencial bem sucedido do nome "Vulcano".

Na verdade, os elementos do conjunto das descrições as quais está vinculado um dado nome próprio, não é nem pode ser um conjunto fechado. Isto é, tais elementos não precisam nem podem ser todos listados, conforme explicação que Searle (1958, p. 171) fornece:

> O que estou defendendo é que a força descritiva de 'isto é Aristóteles' consiste em asserir que um número suficiente, mas até aqui não especificado, de enunciados são verdadeiros com respeito a esse objeto. Assim, usos referenciais de 'Aristóteles' pressupõem a existência de um objeto sobre o qual um número suficiente, mas indeterminado de enunciados seja verdadeiro.

Nestas condições, certas dificuldades do descritivismo clássico parecem superadas no descritivismo de Searle (1958). Por exemplo, podemos perguntar ao descritivismo clássico: todas as crenças que o falante associa ao nome são plausíveis na fixação do sentido desse nome – uma espécie de holismo – ou é necessário selecionar algumas dessas crenças, a fim de constituir o feixe de descrições associadas ao nome? Na teoria de Searle, esta questão não se constitui numa objeção séria, já que, de acordo com ele, muitas das descrições associadas ao nome pela comunidade de falantes podem ser acomodadas no pacote (*cluster*). Ainda ao descritivismo clássico a seguinte questão é desafiadora: Se nem todas as crenças que estão associadas ao nome são plausíveis, com base em que princípio são selecionadas algumas descrições, a fim de constituir o pacote?[4] No descritivismo de Searle isso não se constitui um desafio importante. A teoria não exige

que se escolha uma das muitas descrições possivelmente associadas ao nome para portar a carga referencial, uma vez que, essa carga é suportada pelo pacote. E, finalmente, a teoria de Searle não exige que todas as descrições no pacote refiram ao portador do nome.

Em geral, acredito que, a intuição fundamental de Searle (1958) é, sem dúvida, correta: os objetos nos são dados de diferentes maneiras. Assim, quando uma expressão – um nome próprio ou uma descrição definida – nos dá um objeto, não está determinado que este seja o único modo de individualizá-lo. Daí a ideia de feixe ou pacote de descrições que, associadas ao objeto, garantiria a sua individualização. O problema é que essa individualização estaria assegurada somente se a descrição definida, tal como acontece com os indexicais e demonstrativos, fosse capaz de referir a aquilo que o nome nomeia, da mesma maneira que os demonstrativos referem a aquilo que a demonstração demonstra. Entretanto, o que as descrições definidas fazem é apresentar o objeto de uma forma particular — um modo próprio. E este modo encontra-se diretamente ligado às experiências e intenções comunicativas do falante ao usar referencialmente uma descrição. Consequentemente, as descrições definidas, isoladas ou em pacotes são, segundo penso, em geral incapazes de constituir conteúdo semântico do nome próprio. Entretanto, ao especificar o objeto referido cumpre uma importante função epistêmica: tornar o falante competente no uso do

nome e permitir esclarecer o que é intencionado transmitir. Acredito, quanto a este último ponto, que formulamos descrições na ausência do objeto descrito quando temos boas razões para acreditar que há um único objeto que satisfaz aquela descrição. É o descritivismo de intencionalidade.

O pano de fundo dessas objeções é a teoria causal da referência. Com efeito, essa teoria nega o modelo descritivo de conteúdo, isto é, rejeita que os nomes próprios precisem da mediação das descrições definidas no cumprimento de sua função semântica, embora suas objeções não alcance o modelo descritivo de intencionalidade. Na seção seguinte, examino essa tese.

3 KRIPKE E A TEORIA CAUSAL DA REFERÊNCIA

Conforme explicado na seção 1, sob o nome de millianismo reúne-se um grupo de teses de acordo com as quais os nomes próprios não têm conteúdo descritivo. Isso significa que, diferentemente da tradição fregeana, a função linguística dos nomes próprios é completamente satisfeita no fato dos nomes remeterem a um portador, e não têm outra função que referir a esse portador. Uma consequência possível, mas não necessária, dessa tese é aquela segundo a qual os nomes próprios não precisariam da mediação das descrições definidas no cumprimento de sua função semântica,

referem diretamente. Neste caso, o "diretamente" quer dizer, simplesmente, que o termo vai direto ao referente sem passar por regras ou modos de apresentação; estes mecanismos são irrelevantes para o conteúdo semântico do termo referencial. Contudo, é possível assumir posições millianistas com respeito à análise de termos referenciais sem comprometer-se com a referência direta. Por exemplo, se a análise feita por Kaplan (1989) das expressões indexicais estiver correta, estas expressões são notadamente millianista, mas não de referência direta, pois, de acordo com Kaplan, têm significado e sistema de regras que determinam a referência no contexto. O mesmo não ocorre com relação à sua concepção semântica dos nomes próprios que para ele não tem conteúdo descritivo[5], portanto, há um desacordo entre o millianismo e o fregeanismo acerca do valor semântico dos nomes próprios.

Examinaremos as diretrizes básicas desse desacordo entre millianos e fregeanos à luz de outro modelo de análise da semântica dos nomes próprios, a saber, aquele que se encontra na teoria causal de referência de Saul Kripke (1980).

A teoria causal afirma o seguinte, quanto ao caráter referencial do nome: Um falante, usando um nome N, em uma ocasião particular, denota algum indivíduo x, se existe uma cadeia causal de preservação da referência, que partiu do batismo inicial - na presença do objeto - e a qual determinará x como o portador do

nome N. Através de um processo gradual, o nome é transmitido, preservando sempre a referência original. Assim, qualquer uso do nome N designa um objeto/indivíduo em virtude da sua ligação, através de cadeia causal, a esse objeto/indivíduo[6].

A teoria então responde a duas questões: como explicar a introdução de um nome N para um objeto/indivíduo x? E como ocorre a transmissão desse nome N dentro da comunidade linguística? A primeira questão remete à tese da fixação da referência; e a segunda, à sua transmissão. Por exemplo, como explicar a introdução, em nossa linguagem, do nome "Quine"? De acordo com a teoria causal, esse nome remete a um evento formal ou informal que fixou, na presença do indivíduo, para ele, o nome "Quine". A partir de então, Quine é o portador do nome "Quine". A referência foi fixada. Mas como explicar que outros que não foram testemunhas desse evento perceptual de fixação da referência possam usar o nome para designar Quine? Kripke (1980, p. 96) assevera: "Quando um nome é 'passado de elo em elo' o receptor do nome tem, eu penso, de intencionar, quando ele o aprende, a usá-lo com a mesma referência com que o homem, de quem ele ouviu o nome, o usou.".

Assim, dentro da comunidade linguística, os que usam o nome "Quine" acrescentam um novo elo dentro da cadeia causal, sem a necessidade da presença do indivíduo, porque estão ligados a ele pela rede causal. É

a transmissão da referência. Neste sentido, Kripke (1980, p. 91-92) explica ainda:

> Alguém nasce, digamos um bebê, seus pais o chamam por certo nome. Fala dele aos seus amigos. Outras pessoas o conhecem. Através de distintas espécies de discurso o nome vai se espalhando de elo em elo como se tratasse de uma cadeia. Um falante que se encontre ao final dessa cadeia e ao qual tenha ouvido falar, por exemplo, de Richard Feynman, no mercado ou em outra parte, pode referir-se a Richard Feynman, mesmo que não possa recordar quem lhe falou pela primeira vez de Richard Feynman ou de quem ouviu falar alguma vez de Feynman. Ele sabe que Feynman foi um físico famoso. Determinada transmissão de comunicação, que conduz em último termo até o homem mesmo, chega ao falante. Ele então se refere a Feynman apesar de não poder identificá-lo.

Assim, Kripke (1980) acredita que o falante x, em uma comunidade linguística C, ao proferir um nome N, preserva a referência da origem. Em outras palavras, prescindindo do contato original com o objeto, o falante cumpre a intenção de usar o nome N, preservando a referência fixada na origem, transmitida na cadeia de

comunicação. Estas condições definem a teoria causal dos nomes de Kripke e se constituem em modelo alternativo ao descritivismo do conteúdo semântico.

O descritivismo do conteúdo ou valor semântico é o modelo segundo o qual nomes próprios são sinônimos de descrições definidas e Kripke atribui este modelo a Frege e Russell[7]. Suas objeções ao modelo descritivista, assim compreendido, apoia-se na tese de que nomes próprios, como expressões referenciais, são designadores rígidos[8].

Em *Naming and Necessity*, Kripke (1980) apresenta várias objeções ao modelo descritivista de conteúdo, destaco três tipos de argumentos contra este modelo, justificado pelo fato de prestarem apoio à tese rigidez semântico dos nomes próprios: o argumento semântico, o argumento epistêmico e, particularmente, o argumento modal.

O argumento semântico assevera o seguinte: um falante x profere o nome "Mateus", o qual se encontra associado à descrição "O autor do primeiro evangelho" que vincula o nome ao portador. Porém, o uso do nome vinculado a essa descrição é equivocado, porque, na verdade, Marcos é o autor do primeiro evangelho. Portanto, todas as vezes que o falante x profere o nome "Mateus" com a intenção de se referir ao "O autor do primeiro evangelho", a descrição sempre remeterá a Marcos.

Neste caso, o referente do nome "Mateus" não é especificado pela descrição costumeiramente a ele associado. Em geral, um conjunto de descrições que se vincula a um nome é completamente ineficaz em especificar o referente, porque, depois de tudo, não sabemos se esse conjunto é capaz de selecionar o único objeto intencionado. Além do mais, uma pessoa, por exemplo, que não conheça as teorias de Einstein e, portanto, não seja capaz de prover qualquer descrição satisfeita unicamente por ele, pode, ainda assim, usar o nome "Einstein" para se referir ao famoso Físico.

O que ocorre é que há um deslize semântico todas as vezes que o falante usa um pacote de descrições associadas a um nome, para determinar um almejado indivíduo, já que as descrições poderão, na verdade, contemplar um indivíduo não referido. Isso decorre da própria natureza da descrição: ela resulta sempre da disposição do falante em fazer certas associações às quais nem sempre são semanticamente relevantes.

O argumento epistêmico é o seguinte: seja a descrição "O autor do primeiro evangelho" usada para vincular o nome "Mateus" ao homem Mateus, conforme exige o modelo descritivista. Seja ainda essa vinculação justificada por uma relação de sinonímia entre o nome e a descrição. Neste caso um falante saberia, *a priori*, que "Mateus é o autor do primeiro evangelho" da mesma forma que é conhecido, *a priori*, que "O autor do primeiro evangelho é o autor do primeiro evangelho". Entretanto,

a informação de que Mateus é o autor do primeiro evangelho é francamente de natureza empírica *a posteriori*. E, como tal, revista a partir das descobertas arqueológicas dos manuscritos do Mar Morto em 1945. Logo, o valor semântico de enunciados contendo "Mateus" não é o mesmo que o valor semântico de enunciados contendo a descrição "O autor do primeiro evangelho". Em outras palavras, a situação epistêmica de enunciados contendo nomes é diferente da situação epistêmica do enunciado contendo a descrição vinculada ao nome.

Finalmente, o argumento modal, o mais contundente em mostrar que o valor semântico do nome não pode ser dado em termos do modo de apresentação a ele vinculado. O raciocínio é o seguinte: Consideremos o nome "Aristóteles" usado para se referir ao famoso filósofo grego nascido em Estagira no século V a.C. Consideremos ainda as propriedades que os falantes associam ao nome "Aristóteles" em uma ocasião particular, a saber, "O criador da lógica silogística" e "O Aluno mais famoso de Platão" e "O fundador do Liceu", e "O mestre de Alexandre, o Grande". Estas propriedades são usadas como critério para identidade de Aristóteles. Chamemos de F o conjunto dessas características associadas ao nome "Aristóteles". Nestas condições, alguém é Aristóteles se e somente se for portador de F. As descrições funcionam como sinônimos do nome "Aristóteles". Portanto, a proposição

"Aristóteles é o portador de F" se constitui numa verdade necessária — verdadeira em todos os mundos possíveis. Mas ocorre que Aristóteles poderia não ter nenhuma das propriedades a ele associadas. É um fato contingente que Aristóteles tenha sido "O criador da lógica silogística" e "O aluno mais famoso de Platão" e "O fundador do Liceu" e "O mestre de Alexandre, o Grande". Portanto, a proposição "Aristóteles é o portador de F" expressa uma verdade contingente. Logo, o conteúdo ou valor semântico de nome próprio não pode ser dado em termos de modo de apresentação, em particular, o significado do nome "Aristóteles" não pode ser dado em termos descritivos, os quais apresentam atributos contingentes de Aristóteles.

A intuição por trás do argumento é que nomes próprios continuam a se referir à mesma pessoa com respeito aos mundos possíveis ou situações contrafactuais nos quais o indivíduo deixa de ter algumas das propriedades com as quais o identificamos; contudo, isso não pode incluir as propriedades essenciais que ele possui em todos os mundos possíveis. Os nomes próprios são assim designadores rígidos. O nome "Aristóteles" continua a se referir a Aristóteles, mesmo numa situação contrafactual em que ele não tenha nenhuma das descrições F.

Esta característica dos nomes próprios os diferencia das descrições definidas. Tomemos, por exemplo, a descrição "O mestre de Alexandre". A

proposição que "O mestre de Alexandre é o autor da lógica silogística" é verdadeira em um mundo possível qualquer w_i se e somente se existe um indivíduo x que foi "O mestre de Alexandre" em w_i e esta pessoa foi "O autor da lógica silogística". Desde que é possível que diferentes pessoas poderiam ter sido "O mestre de Alexandre", em diferentes mundos, a descrição "O mestre de Alexandre" não é rígida. A noção de rigidez envolve, portanto, avaliar a expressão com respeito a outras situações possíveis.

Kripke (1980) estabelece uma distinção entre o uso das descrições definidas como valor semântico dos nomes próprios e como meios para fixar a referência. Esta distinção é um ponto chave para a compreensão da sua crítica ao descritivismo. Diz ele (1980, p. 50):

> Deixe-me dizer [...] que há dois modos pelos quais a teoria do pacote de conceitos ou a teoria que requer uma descrição única, pode ser vista: um modo de considerar é dizer que a teoria do pacote ou da descrição única, atualmente, dá o significado do nome; e quando alguém diz 'Walter Scott', ele significa 'o homem tal e tal'. Agora, outra visão pode ser que, embora, a descrição em algum sentido não dê o significado do nome, é ele que determina sua referência e, embora, a frase 'Walter Scott' não seja sinônimo com 'o homem tal e tal' ou mesmo

> ainda com a família (se alguma coisa pode ser sinônimo com uma família), a família ou a descrição única é o que é usado para determinar a quem alguém está se referindo quando diz 'Walter Scott'.

Temos então, de acordo com Kripke, dois modelos indicadores do uso das descrições definidas: sob o primeiro modelo é designado o conteúdo semântico do nome próprio, conforme já indiquei; e sob o segundo, é fixada a referência. Ademais, esse último modelo responde à seguinte questão: em virtude de que um termo tem o referente que tem? A resposta é que este termo encontra-se associado a uma descrição ou a um feixe ou família de descrições que podem satisfazer a uma entidade a qual conta então como referente do termo. É o chamado modelo descritivista de referência. Já o problema com o descritivismo do conteúdo semântico é que estabelece, de acordo com Kripke (1980), uma relação de sinonímia entre nomes próprios e descrições.

Para Kripke (1980), nomes próprios não são sinônimos de descrições definidas[9] . Nomes próprios, ao contrário das descrições definidas, são designadores rígidos. O argumento, apresentado por Kripke, do comprimento da barra de platina em Paris para definir um metro é exemplar a este respeito. O argumento tem alvo certo, a saber, a teoria do significado – sinonímia -

dos nomes de Frege e Russell. Uma barra de platina em Paris, de um metro de comprimento, serve de padrão para um metro. Neste caso, alguém poderia dizer que "O comprimento da barra de platina em Paris" define "um metro". Se esta definição dá o significado de "um metro" ou "um metro" é sinônimo daquela descrição, então o enunciado "Um metro é o comprimento da barra de platina em Paris" é uma verdade necessária. Imaginemos uma situação em que aquela barra submetida a forças de tensão e dilatação passe a medir um metro e três centímetros. Neste caso, o cumprimento da barra de platina em Paris não pode ser sinônimo de "um metro".

Entretanto, não existe conflito, diz Kripke (1980), entre o enunciado contrafactual "Um metro é o comprimento da barra de platina de um metro e três centímetros em Paris", porque o comprimento da barra de platina define "um metro", mas não é sinônimo de "um metro". A definição apenas determina ou fixa que "o comprimento da barra de platina em Paris" identifica "um metro". E "um metro" é um designador rígido enquanto "O comprimento da barra de Platina em Paris" não. Assim "um metro" designa rigidamente um comprimento, que no mundo atual é o comprimento da barra de platina de Paris. Em outras situações contrafactuais, a barra de platina de Paris pode ter outros comprimentos, e ainda assim "um metro" continua designando rigidamente um comprimento.

Penso que se deva observar ainda que a tese da rigidez dos nomes não implica que todos os modelos descritivistas de conteúdo semântico daquelas expressões sejam falsas. Uma descrição como "O atual autor de *Word and Object*" pode designar rigidamente Quine, tomando o termo "atual" como um indexical que indica o mundo como contexto. Portanto, um enunciado contendo o nome "Quine" e outro distinto daquele por conter a descrição definida prefixada pelo termo "Atual", não difere em conteúdo. Ao que parece, a tese da rigidez dos nomes é incompatível somente com a hipótese de que o conteúdo semântico dos nomes pode ser dado por descrições definidas que expressam o que alguém sabe em virtude do uso competente daquela expressão, caso em que enunciados contendo nomes próprios expressariam proposições gerais.

Mas, a tese da rigidez dos nomes próprios, da qual decorre o argumento modal, não implica na refutação de todo modelo descritivista do conteúdo semântico. Tudo que a tese da rigidez afirma é que o proferimento de um enunciado P, contendo nomes próprios, e o proferimento de um enunciado Q, o qual difere de P por conter descrições não-rígidas no lugar ocupado pelos nomes próprios, diferem em conteúdo. No caso em que o enunciado P, contendo um nome próprio e o enunciado Q contendo uma descrição definida rígida no lugar, em P, ocupado por um nome próprio, tal que P e Q não diferem em conteúdo, a tese

se mantém. Kripke concordaria, por exemplo, que o nome "2" e a descrição correferencial "O menor número primo", designam rigidamente o mesmo objeto, a saber, o número 2. O comportamento lógico em contextos modais da descrição é o mesmo que o do nome "2".

Finalmente, parece que a teoria causal dos nomes sugerida como alternativa ao modelo descrivista é notadamente pouco precisa. A rigor ignora a descrição identificadora e defende que a referência do nome é alcançada através da chamada "cadeia causal de comunicação". Evans (2007, p. 532) observa que essa explicação não considera a importância do contexto próximo e toma a referência como algo mágico que, uma vez tendo sido estabelecido no passado, não pode mudar. Mas é sabido que mudanças de nomes ocorrem e, em geral, não estamos em condições de reconstruir completamente a cadeia de comunicação, descrita por Kripke, até o membro inicial.

Além disso, não é claro como um nome é passado de um membro para outro na mencionada cadeia. Com efeito, posso dizer que a cadeia causal de comunicação que subsiste para um dado nome não é garantia de preservação da referência inicial desse nome. Se através de uma cadeia de comunicação nos chegou o nome "Feynman", mas nunca vimos sua pessoa, nem sequer em fotografia, não poderíamos diferenciá-lo de Gell-Mann (o ganhador do prêmio Nobel de Física de 1969), mesmo que, em outra situação, chegar para mim a

informação nova que Feynman é um físico famoso, não terei, com base unicamente na cadeia de comunicação, como distinguir ambos os referentes dos nomes.

Em vista disso, ao que parece, a cadeia de comunicação não garante a referência precisa do nome de forma alguma. Finalmente, lembro um exemplo dado por Evans (2007, p. 534) que contraria a teoria causal dos nomes como a adequada na explicação do uso referencial dessas expressões: Evans diz que "Madagascar" era um nome usado pelos nativos para uma parte da África. Marco Polo acreditou erroneamente que estava seguindo o uso dos nativos ao aplicar o nome "Madagascar" a uma ilha. Kripke trata desse exemplo em *Naming and Necessity*, (1980, adendo "e", p. 159) mas é inconclusivo. Reconhece a exigência de uma análise mais precisa do tema ainda que arrisque admitir que a cadeia de comunicação pode sofrer desvios.

Assim, em muitos pontos a teoria causal dos nomes de Kripke falha em plausibilidade, tanto quanto os argumentos contra o descrivitismo, sobretudo o argumento modal, falha em sua pretensa refutação desse modelo.

4 CONCLUSÃO

A semântica dos nomes próprios e das descrições definidas é o tema em que se apresentam os mais sólidos argumentos dos filósofos analíticos da linguagem em

defesa de suas posições teoréticas. Examinamos três destas argumentações evidenciando as objeções e enfatizando a crítica de Saul Kripke à abordagem fregeana.

Neste sentido, procuramos deixar claro que o modelo kripkeano não pode resolver todos os problemas com que ele caracteriza o descritivismo, não obstante, caracterizar-se como uma das mais importantes teorias sobre o tema. Além disso, o argumento modal, conforme demonstramos, ainda que bem sucedido em seu ataque a uma abordagem do descritivismo, não se constitui numa refutação de todos os modelos descritivistas do conteúdo.

REFERÊNCIAS

BRANQUINHO, João. **Direct reference, cognitive significance and fregean sense.** New college, University of Oxford. Thesis submitted for the degree of doctor of philosophy at the University of Oxford**,** 1992.

DUMMETT, Michael. **Frege Philosophy of language. 2a.ed.** Cambridge: Harvard university press,1981.

DUMMETT, Michael. Note on an attempted refutation of Frege. In: DAVIDSON, Matthew. **On sense and direct reference: readings in the philosophy of language**. USA: Mcgrawhill, 2006, p. 430-461.

EVANS, Garret. **The varieties of reference**. Oxford: Oxford university press, 1982.

FREGE, Gottlob. Sobre o sentido e a referência. In**: Lógica e filosofia da linguagem**. Trad. Paulo Alcoforado. 2ª edição. São Paulo. Editora Universidade de São Paulo, 2009, p. 129-158.

KAPLAN, David. Demonstratives: An essay on the semantics, logic, metaphysics, and epistemology of demonstratives and other indexicals. In: ALMOG, John.; PERRY, John; WETTSTEIN, Howard. **Themes from Kaplan**. New York: Oxford university press, 1989, p**.** 481-579.

KRIPKE, Saul. **Naming and Necessity**. Cambridge: Harvard university press,1980

KRIPKE, Saul. A puzzle about belief. In: MARGALIT, Avishai. **Meaning and use**. Dordrecht: Reidel, 1979, p**.** 239-283.

LOAR, Brian. The semantics of singular terms. In: DAVIDSON, Matthew. **On sense and direct reference: readings in the philosophy of language**. USA: Mcgraw-hill, 2006, p. 496-516.

LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano.** São Paulo: Martins Fonte, 2012.

MARTI, Genoveva. The question of rigidity in new theories of reference. **Noûs**, v. 37, p. 275- 289, 2003.

MILL, John Stuart. **Sistema de lógica dedutiva e indutiva**. trad. Pablo Mariconda. 2ª edição. São Paulo: Abril, 1978, p.89-257. (Coleção Os pensadores).

RUSSELL, Bertrand. A filosofia do atomismo lógico. In: **Lógica e Conhecimento: Ensaios escolhidos.** São Paulo: Abril cultural, 1978, p**.** 53-125, (Os Pensadores)

SEARLE, John. **Proper Names**. Mind, v. 67: p. 166-173, 1958.

SCHIRN, Mathias. Nomes próprios e descrições definidas. In: IMAGUIRE, Guido, SCHIRN, Mathias. **Estudos em filosofia da linguagem.** São Paulo. Loyola, 2008, p.15-47.

[1] Mill (1978, p. 95) explica ainda: "O nome geral é usualmente definido como aquele suscetível de ser afirmado verdadeiramente, no mesmo sentido, de uma entre um número indefinido de coisas.

O nome individual ou singular é aquele suscetível de ser afirmado verdadeiramente, no mesmo sentido, de uma só coisa."

[2] Uma excelente análise dos nomes próprios e descrições definidas no texto "Sobre o sentido e a referência" encontra-se em Schirn (2008, p. 15-47).

[3] O modelo de Frege encontra-se no famoso artigo publicado em 1892 ""Über Sinn und Bedeutung", no Brasil uma precisa tradução é de Paulo Alcoforado "Sobre o Sentido e a Referência" (2009).

[4] Uma resposta possível é dizer que não é preciso que haja um princípio único. Pode ser que para cada nome próprio haja uma regra de ordem superior (convencionada implicitamente) que nos diga como escolher as descrições. Entretanto, esta solução não é muito precisa. Se a regra for de natureza epistêmica será relativa ao estado cognitivo do falante. Para cada nome próprio o falante escolheria o pacote que determina o sentido do nome. Uma tese assaz questionável, quando a validade de escolha e fixação do pacote. Se a regra for de natureza semântica, seria única e o problema retorna. Finalmente, se for de natureza metafísica é precisa firmar que premissas metafísicas justificam escolhas semânticas, o que é igualmente questionável.

[5] Sobre a distinção entre millianismo, referência direta e o descritivismo consultar, Kaplan (1989), Kripke, (1979), Marti (1995).

[6] Conforme explica Kripke (1980, p. 95 e seguintes).

[7] Observemos que na discutida interpretação de Kripke o modelo fregueano estabeleceria uma relação de sinonímia entre nomes descrições definidas na fixação do valor semântico do nome próprio. Apresentamos, na nota 7, um desacordo a essa interpretação kripkeana.

[8] Designador rígido é o modo como Kripke define o nome próprio. Basicamente um designador rígido denota, refere, designa, o mesmo portador em todas as situações contrafactuais, ou em todos os

mundos possíveis. Para além do que discuto aqui, uma análise mais acurada do conceito é trabalho para um outro artigo.

[9] A rigor não se pode atribuir esta relação de sinonímia a Frege. Ao que parece a análise que Kripke faz de Frege sobre os nomes próprios e as descrições definidas concentrou-se na discutida nota rodapé em "Sobre o sentido e a referência" (2009, p.132. nota 14), e não considerou outras observações de Frege sobre a diferença de sentido entre nomes próprios e descrições identificadoras do mesmo referente (conforme observado por SCHIRN, 2008, p.30). Também parece inapropriado atribuir esta relação de sinonímia a Russell (1978), pois segundo ele, descrições definidas não têm sentido.

Retornar ao Sumário

Sobre os Autores

ANDRÉIA MARIA PEREIRA COSTA E SILVA
Graduanda do sexto período, do curso de Letras Língua Portuguesa, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Mossoró/RN. Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade Sucesso (2022). Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: contexto pandêmico, (multi)letramentos, podcasts e ensino médio. Participou como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) entre 2020 e 2022.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/4967105747725637
E-mail: andreiamaria@alu.uern.br

CAMILA PETROCHELY BORGES MENDONÇA
Mestrado em Ciências da Linguagem pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte -UERN. Doutoranda em Estudos da Linguagem - UFRN. Graduanda em Pedagogia - Uniasselvi. Pós -Graduada em Metodologia do ensino de Língua Inglesa -FAVENE. Especialista em Gestão Financeira pela Universidade Potiguar-UNP. Possui graduação em Letras Inglês pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Professora do Estado do Rio grande do Norte (Educação básica). Tutora Dead UERN- Língua Inglesa.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/3534962359705803
E-mail: camilapbmendonca@gmail.com

CARLOS MATHEUS DA SILVA MENESES
Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Licenciado em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Foi bolsista CAPES pelo programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID/2017 a 2018, subprojeto Letras Português. É Especialista em Linguística e Formação de Leitores. Possui Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Matemática numa Perspectiva Transdisciplinar pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN. Possui especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/3272223331595847
E-mail: matheusmeneses@alu.uern.br

CID IVAN DA COSTA CARVALHO
Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Graduado em Letras, com habilitação em língua portuguesa e suas respectivas literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Atualmente, é professor e pesquisador da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e ministra disciplinas no curso Licenciatura em Letras Português, no Campus de Caraúbas; é professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL), na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), no qual desenvolve pesquisa nas áreas de Análise e Descrição linguística dos aspectos fonética e fonologia do

português, na sociolinguística quantitativa e na Linguística Computacional. Além disso, coordena o Grupo de Pesquisa em Linguística Computacional (GELC), no qual pesquisa e desenvolve tecnologias da linguagem para o Português Brasileiro.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/6728408490384241
E-mail: cidcarvalho@uern.br

CLERTON LUIZ FELIX BARBOZA
Graduado em Letras (2000) e Especialista no Ensino de Língua Inglesa (2004) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Instituição onde atualmente trabalha enquanto professor na Graduação de Língua Inglesa, Língua Portuguesa e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL). Mestre em Linguística Aplicada (2008) pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Doutor em Linguística (2013) pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Tem interesse na realização de estudos e disseminação de conhecimento na área de Fonética e Fonologia do português brasileiro, interfonologia do português/línguas estrangeiras e aquisição da escrita/influências grafofônicas nas séries iniciais do ensino fundamental.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/3158481139772100
E-mail: clertonluiz@uern.br

GESSIKA DEMÉTRIO DE ALCÂNTARA
Mestranda em Ciências da Linguagem pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Graduada em Letras Língua Portuguesa e Língua Francesa pela Universidade Federal de Campina Grande, Especialista em Atendimento Educacional

Especializado e Educação Inclusiva pela Faculdade Venda Nova do Imigrante. Já foi integrante do Probex atuando com a produção de material didático e ensino de francês para cegos e baixa visão no Instituto dos Cegos de Campina Grande-PB. Participou do PET/ Letras-UFCG, na qual, durante sua passagem pelo projeto teve a oportunidade de trabalhar com a temática da inclusão e ministrar aulas de redação no Pré-Vest Solidário. Ainda na mesma instituição integrou o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão e atuou como Apoiadora Inclusiva do Centro de Humanidades. Seu interesse de estudos volta-se para o direito, reflexões, práticas, e expansão do ensino de língua materna/ estrangeira para pessoas com deficiência e da sua inclusão tanto no âmbito educacional quanto na sociedade.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/6420421680162758
E-mail: gessikaalcantara@alu.uern.br

GILSON CHICON ALVES
Possui mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2001) e doutorado em Lingüística pela Universidade Federal da Paraíba (2012). Atualmente é professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, ministrando cursos na graduação e no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem - PPCL. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: linguistica, fonologia, português, descrição e linguística textual, coerência, coesão.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/2007355798495185
E-mail: gilsonalves@uern.br

JOSAILTON FERNANDES DE MENDONÇA
Atualmente é docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. Membro permanente do Programa Profissional de Pós-Graduação em Filosofia/PROF-FILO/UERN/Campus de Caicó-RN e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem -PPCL/FALA/UERN. Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1990), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (1999) e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (2014). Coordenador do Subprojeto Filosofia de Residência Pedagógica edição 2022-2024. Desenvolve pesquisa nas áreas de Filosofia analítica da Linguagem, Filosofia da Lógica e Epistemologia.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/3268848077045196
E-mail: josailtonfernandes@uern.br

JOSÉ RODRIGUES DE MESQUITA NETO
Mestre em Lingüística Española pela Universidad San Lorenzo - Py (2016), mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, campus Central (2018) e doutor em Letras pela UERN, campus de Pau dos Ferros (2020). Realizou estágio de pós-doutoramento sob supervisão da prof. Dr. Ana Graça Canan pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFRN), desenvolvendo estudos sobre ensino de pronúncia em IES do RN. Atua como membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Aplicados em Línguas Estrangeiras (EALE), vice-líder do Núcleo de estudos e pesquisa de espanhol como língua estrangeira no Brasil (NUPELE) e membro

pesquisador do Grupo de pesquisa PROVALE - Prosódia, variação e ensino.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/8407199058227431
E-mail: josemesquita@uern.br

LARISSA BATISTA DE PAIVA
Licenciada no curso de Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa, pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Tem interesse pela grande área de linguística com ênfase em fonética, fonologia e prosódia. Tem experiência em pesquisas acadêmicas em nível de iniciação científica pelo CNPq, relacionadas à modalização/modalidade e aspectos prosódicos da língua portuguesa do Brasil. Atuou como bolsista de iniciação científica - PIVIC - com os correlatos perceptivos da fala potiguar. É interessada pelo ensino da Língua Portuguesa em seus aspectos gramaticais e literários em geral, a análise e descrição da língua.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/2749518464348768
E-mail: larissabpaiva59@gmail.com

MIRIAM GURGEL DA SILVA
Mestra em ciências da linguagem na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte pelo Programa de Ciências da Linguagem - PPCL, com estudo na interfonologia Português Brasileiro e Inglês Língua Adicional. Doutoranda em Ciências da Linguagem na Universidade Federal do Ceará. Possui especialização em Ensino pela Universidade do Estado Do Rio Grande Do Norte (2012). Possui graduação em Letras, habilitação Língua Inglesa e Literatura também

pela UERN (2008). Participa do Grupo de Pesquisa e Estudos em Fonética e Fonologia da UERN desde 2017.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/5346354779971387
E-mail: miriam.gurgel.sax@gmail.com

PEDRO ADRIÃO DA SILVA JÚNIOR
É Professor Adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, docente do Programa de Pós-Graduaçao, stricto sensu, em Ciências da Linguagem/PPCL, desta instituição. Licenciado em Letras (2001), pela Universidade do Estado do Rio Grande Norte. Especialista em Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Possui Doutorado em Língua Espanhola, do programa em Análisis del Discurso y sus Aplicaciones - Universidad de Salamanca/Espanha (2010). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nas seguintes áreas: ensino-aprendizagem da língua espanhola, Linguística contrastiva (análise contrastiva, análise de erros e interlíngua) e pragmática. É membro do Grupo de Pesquisa em Linguística e Literatura (GPELL).
Lattes: http://lattes.cnpq.br/5139339971563587
E-mail: pedroadriao@uern.br

VERÔNICA PALMIRA SALME DE ARAGÃO
É professora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem/PPCL/UERN/Mossoró. Doutora em Língua Portuguesa (Letras Vernáculas) pela UFRJ (2013). Mestra em Língua portuguesa pela UFF (2006). Graduada em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, pela UFRJ (2004. Integra o Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos

e Literários (GPELL/UERN). Tem experiência na área de Letras, com ênfase na Análise Semiolinguística do Discurso, atuando principalmente com os seguintes temas: ensino de língua portuguesa, discurso político, discurso midiático, humor, ethos, charges, gênero e relações étnico-raciais.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/9361633594985944
E-mail: veronicasalme@uern.br

VITÓRIA MARIA ALBUQUERQUE SILVA
Licenciada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Tem interesse pela grande área da linguística com ênfase na prosódia da fala. Tem experiência em pesquisas acadêmicas em nível de iniciação científica pelo PIVIC e pelo PICI relacionadas à modalização/modalidade na Língua Portuguesa do Brasil e também aos aspectos prosódicos da fala, especialmente relacionados à entoação da fala potiguar. Foi também bolsista de iniciação à docência por meio do programa institucional - PIBID. É interessada pelo ensino da Língua Portuguesa em seus aspectos gramaticais e literários em geral.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/1521922279226224
E-mail: vitoriamasmas@gmail.com

YANCHÊ WANOLL SILVA
Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2021). Possui especialização em Teoria do Ensino de Língua Inglesa pela Faculdade de Selvíria (2014), especialização em Gestão Pedagógica pela Universidade

Estadual do Ceará (2016) e graduação em Letras - Inglês pela Universidade Estadual do Ceará (2012). Desde 2014 é professor efetivo de Língua Inglesa da Secretaria da Educação do Ceará. Atualmente trabalha como coordenador pedagógico no Centro Cearense de Idiomas - Russas e Tutor a distância no curso de Letras - Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Tem experiência com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: Ensino, Língua Inglesa, Pragmática e Multimodalidade.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/2275909370659978
E-mail: yanchewanolls@gmail.com

Retornar ao Sumário

O Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), tem a satisfação de apresentar uma coletânea de artigos científicos, intitulada **Estudos em Ciências da Linguagem: aspectos sociais, fonético-fonológicos e filosóficos**. A obra agrupa pesquisas realizadas por docentes e discentes desse Programa, as quais são fomentadas pela pesquisa acadêmica, pela cultura do debate e aprofundamento dos conhecimentos, relativos às linhas de pesquisa "**Estrutura e funcionamento da linguagem**", "**Linguagens e práticas sociais**" e "**Literatura, cultura e representação**", ofertadas pelo Programa, sendo as duas últimas abordadas em uma coletânea distinta. Os textos resultam dos trabalhos de conclusão das disciplinas ministradas por docentes ao longo do Curso de Mestrado Acadêmico em Ciências da Linguagem, bem como das pesquisas associadas à fazedura das dissertações.

O PPCL dispõe ao alunado a oportunidade de aprofundar o conhecimento ventilado durante a ministração de cada disciplina, através de perquirições sobre os temas abordados, as quais culminam na realização de artigos. De igual modo, a produção acadêmica também é desenvolvida e amadurecida no âmbito de cada pesquisa em andamento nesse Programa, em que discentes recebem orientação acerca dos fundamentos da teoria à qual seu trabalho se filia.

Da parceria entre a experiência do corpo docente e o espírito perscrutador discente engajado no seu próprio incremento intelectual, nascem coletâneas como esta que estamos apresentando. Portanto, o leitor desta obra recebe um produto que reflete o desejo de ampliar a compreensão acerca da estrutura e do funcionamento da linguagem, nosso objeto de estudo.

FACULDADE DE LETRAS E ARTES
UERN
Profletr@s
mestrado profissional
UNIDADE MOSSORÓ/UERN/CAMPUS CENTRAL
Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem